



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO ACADÊMICO EM  
COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE - PPGComS

**“NOVAS” CONFIGURAÇÕES DE  
RELACIONAMENTO AFETIVO-SEXUAL.**

A CRIAÇÃO SUBJETIVA DE UMA RELAÇÃO EM TRISAL

Palmas (TO), dezembro de 2022

**CAMILA RIBEIRO CASTRO SOARES**

**“NOVAS” CONFIGURAÇÕES DE  
RELACIONAMENTO AFETIVO-SEXUAL.**

**A CRIAÇÃO SUBJETIVA DE UMA RELAÇÃO EM TRISAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Comunicação e Sociedade.

Orientador: José Fernando Patiño Torres, Doutor  
Co-Orientador: Antonio Cerdeira Pilão, Doutor

Palmas (TO), dezembro de 2022

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

- S676  Soares, Camila Ribeiro Castro .  
"Novas" configurações de relacionamento afetivo-sexual: a criação  
subjéitiva de uma relação em trisal . / Camila Ribeiro Castro Soares. – Palmas,  
TO, 2022.  
143 f.
- Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins  
– Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em  
Comunicação e Sociedade, 2022.  
Orientador: José Fernando Patiño Torres  
Coorientador: Antonio Cerdeira Pilão
1. Comunicação. 2. Poliamor. 3. Subjetividade. 4. Trisal. I. Título

**CDD 302.2**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer  
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.  
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184  
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os  
dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

**CAMILA RIBEIRO CASTRO SOARES**

**“NOVAS” CONFIGURAÇÕES DE  
RELACIONAMENTO AFETIVO-SEXUAL.  
A CRIAÇÃO SUBJETIVA DE UMA RELAÇÃO EM  
TRISAL**

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestre em Comunicação e Sociedade e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 20/12/2022

Banca Examinadora:



---

Prof. Dr. José Fernando Patiño Torres  
Universidade Federal do Tocantins/UFT  
Orientador

---

Prof. Dr. Johnny Javier Orejuela  
Universidad EAFIT, Medellín, Colômbia  
Segundo avaliador

---

Profa. Dra. Renata Ferreira da Silva  
Universidade Federal do Tocantins/UFT  
Segunda avaliadora

*Dedico esta escrita às pessoas que se dispõem corajosamente a sustentar suas formas diversas de se relacionar amorosa e sexualmente, para além das convenções sociais.*

*Dedico esta escrita às pessoas, com carinho especial a minhas avós Luzia e Aurora, (in memoriam) que vieram a óbito com (o descaso governamental em relação) a Covid19 e a seus entes queridos que sobreviveram(mos).*

*Eu me situo entre aqueles e aquelas que se querem herdeiros de uma história de lutas conduzidas contra o estado de guerra perpétua que faz reinar o capitalismo. É a questão de como herdar essa história hoje que me faz escrever.*

(Isabelle Stengers, No tempo das catástrofes)

*Que amar seja (uma) forma; não fôrma.*

*Se o percurso ao qual me proponho se faz aberto, não linear e processual, por que não o compor como ação em tempo contínuo no lugar da palavra substancializada? São as conexões entre humanos e não humanos que me inspiram e me ajudam a imaginar uma tecitura de filamentos possíveis, que, em movimento, se ramificam, se entrecruzam, se labirintam...*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço pessoas e experiências pelos aprendizados e apreendimentos, entre muitos, seguem alguns...

Agradeço ao universo pelos encontros e desencontros nos entrecruzamentos relacionais internos e externos, agradeço a “minha” alma (como “junguiana” não poderia deixar de me expressar dessa maneira) por me dispor corajosa e amedontradoramente a respeitar e aprender novos ritmos nos/com os (des)compassos da vida.

Amorosamente, agradeço à Wilma, Juarez, Jayne, Leonardo, Guilherme e Fabiano, chamados os dois primeiros de mãe e pai, os quatro últimos de irmã e irmãos. Como uma representação da família monogâmica foi o primeiro espaço que me gerou/me fez gerar problematizações da questão sexo-gênero e arranjo relacional, quando ainda sequer tinha ideia do que se tratava. Onde também recebi e ressignifiquei os cuidados elementares da vida cotidiana que me possibilitaram ocupar-me das complexidades de existires diversos.

Agradeço ao querido orientador e professor Zé Fernando Patiño Torres, quem levo para a vida também como amigo. Um dos encontros mais potentes que essa vivência de pesquisa me trouxe, pela parceria na investigação que me fez sentir amparada e desafiada desde o princípio para correr e assumir os riscos de estudar questões tabus em nossa sociedade e por enxergar e sempre instigar uma mirada para o “copo meio cheio”, benesses de uma energia sagitariana.

Ao trabalho especialista de coorientação do Antonio Pilão sobre a temática do poliamor e não-monogâmias, uma parceria surpresa que esse percurso me proporcionou e com quem aprendi sobre diretividade e a capacidade de trabalhar junto(,) com as diferenças. Também por seu convite generoso para integrar o grupo de pesquisa *Não-mono: Políticas, Afetos e Sexualidades Não-Monogâmicas* (diretório CNPq), coordenado por ele.

À querida Renata Ferreira, outro encontro potente gerado desde o começo na trajetória de mestrado, professora, membro da banca e supervisora de estágio docência que me iniciou na “arte do contrabando”, no fortalecimento do manejo das frustrações e na dança como metáfora para a vida e para as relações, que me inspirou a pesquisar e viver de modos diversos ao que conhecia até então.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) por subsidiar o investimento e a qualidade da educação e pesquisa pública em tempos tão nebulosos e por impulsionar a possibilidade de tornar material muitos desses encontros que se iniciaram virtualmente em meu percurso de mestrado.

Ao PPGComS-UFT pelo espaço de abertura para a inter e transdisciplinaridade como forma pedagógica e científica de construção do saber e pela aposta na potência das relações plurais(,) presentes no início da vivência do mestrado.

À secretaria, coordenação e corpo docente do PPGComS: à querida Rosana Moya pela amorosidade com a qual exerce o serviço burocrático de secretariar e subsidiar a nós discentes. Especialmente, à Amanda Leite por coordenar e ensinar com sensibilidade, poesia e em aliança com as diferenças, à Liliam Ghizoni pelas generosas contribuições para a pesquisa como membro da banca e por junto à Liana Vidigal terem trazido em suas aulas percursos metodológicos vários. Ao Sérgio Soares pelo tom provocativo no ensino das teorias da comunicação, com suas aulas pude desenrolar o fio que vincula a pesquisa ao programa. À Maíra Evangelista e à Cynthia Mara que me fizeram atentar para a vulnerabilidade como forma de pensar as relações.

À prof<sup>a</sup>. Vannúzia Leal pelo valor da presença e partilha de sua especialidade metodológica e teórica no estudo das subjetividades e configurações de família na arguição dessa investigação. Ao prof. Johnny Orejuela, quem igualmente com sua arguição ofereceu generosas contribuições, desde sua expertise nas áreas da Psicologia, Sociologia e com sua experiência em pesquisa com casais *swingers*, para o afinamento desse estudo.

Aos colegas discentes do PPGComS pelos momentos de troca que me ampliaram a perspectiva dos modos de aprender. Principalmente ao Helan Sousa e Janete Monteiro pelas parcerias nos trâmites burocráticos de submissão do projeto ao comitê de ética, à Annete Bento e Lucas Justino pela investidura conjunta nos caminhos subversivos para se pesquisar e à Patrícia Cabral por, na reta final, somar com diálogos potáveis na partilha das risadas e angústias sobre a vida e a pesquisa.

Aos queridos amigos que são parceiros de vida. Em especial as amadas e amado: Eve Pardo, Fernanda Viscardi e João Paulo Vilas Bôas, pela escuta no treino das apresentações, pelas partilhas que abrem mundos e pela presença afetiva na distância física, agregando à “mostra” que os vínculos não se valoram em kilometragem.

Às companheiras de co-habitação Andrea Muñoz (humana), Bexiga e Cruela (não-humanas) pelas trocas mútuas de cuidado e escuta diárias na etapa final da pesquisa.

À amada Margot (não-humana, *in memoriam*) pelo afeto e carinho gratuitos ao longo de nossa convivência e pelos aprendizados que ser sua tutora me trouxeram ao experimentar-me como receptáculo de confiança e fonte de amparo.

Ao querido Thiago Barbosa, quem acabou ficando como representação de um passado mais inconscientemente heteromononormativo, por ter sido parte (empírica) do início dessa trajetória de pesquisa que antecede minha entrada no mestrado.

Aos colegas Mônica Barbosa, Igor Pinto, Rhuann Fernandes, Ana Soares, Marília Calderón e Dardo Bórnica Jr. do grupo de pesquisa Não-mono (diretório CNPq), ao grupo de estudo (In)Serto (Unimontes), ao grupo de estudo do Departamento de diversidade sexual e de gênero (Associação Junguiana do Brasil-Iaap) e aos grupos de trocas profissionais e almais Rubicão, Thiasos e Oca junguiana. Aos três primeiros grupos por fazerem ecoar, ampliar e aprofundar eixos teórico-práticos

que dialogam com o presente estudo e aos três últimos por serem espaço de acolhimento e fortalecimento coletivo nos tempos assombrosos que estamos vivendo.

Às pessoas que acompanho em psicoterapia – ainda sigo desconfortável em chamá-las de pacientes, pois elas são bem ativas em/com seus processos de individuação e subjetivos; ou de clientes, já que o vínculo terapêutico que construímos e o trabalho que realizamos não (cor)responde à lógica de mercado neoliberal – pela entrega, confiança e parceria na criação de sentidos para suas vivências, principalmente as que dizem respeito às dinâmicas relacionais monogâmicas e não-monogâmicas, sexuais e de gêneros, que também me ajudaram a caminhar com a temática da pesquisa.

À psicóloga Roberta Silva, quem me acompanha de perto nos últimos anos a olhar e acolher os aspectos luminosos e sombrios de minha subjetividade e processo de individuação, que me assustam e instigam, ambos, ao mesmo tempo. À analista Ana Carolina Falcone, pelas trocas sensíveis e partilhas de conhecimento na supervisão e orientação em meu trabalho clínico no consultório de psicologia e atendimento social, também nos últimos anos.

Especialmente agradeço ao trisal participante dessa pesquisa, sem seu engajamento e disposição de abertura o trabalho de campo seria ainda mais desafiador.

Às companhias pesquisadoras que pensam, sentem, vivenciam e escrevem sobre arranjos relacionais, gêneros, sexualidades e modos de vidas que promovem existência junto da resistência.

À universidade pública, apesar de todo o desmantelamento das políticas públicas neste último governo que valorou a educação enquanto gasto e não investimento, por se fazer espaço social de qualidade no ensino, pesquisa e extensão em nosso país através do comprometimento de corpos docentes, discentes e de servidores que se movem na construção de uma educação outra, transviada e transgressora.

À você pelo interesse na temática da pesquisa e pela leitura que também soma na tecitura. Avante companheiros!

*Somente por causa da sexualidade é que a verdade entra em cogitação, somente por causa dela é que a honestidade e o afeto entram em conflito.*

(Adam Phillips, Monogamia)

SOARES, Camila Ribeiro Castro. “**Novas**” **configurações de relacionamento afetivo-sexual**. A criação subjetiva de uma relação em trisal. 2022. 143 folhas. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós- Graduação em Comunicação e Sociedade), Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2022.

## RESUMO

As formas de relacionamento afetivo-sexual têm se modificado e ganhado configurações várias nos tempos hodiernos, para além da constituição heteromononormativa profundamente enraizada na cultura ocidental moderna. O poliamor é uma das modalidades contemporâneas de relacionamento não-monogâmico que valoriza e afirma a possibilidade de se envolver amorosa e sexualmente de modo consensual e concomitante com mais de uma pessoa. Em específico, a presente pesquisa se trata de um estudo de caso acerca de como o poliamor se configura subjetivamente em um arranjo relacional entre três pessoas. Os objetivos específicos são: reconhecer (as rupturas com) os aspectos histórico-culturais predominantes na vivência poliamorosa de um relacionamento entre três pessoas; identificar alguns processos comunicacionais na configuração subjetiva do arranjo relacional entre o trisal; construir e interpretar indicadores de sentidos subjetivos dessa vivência relacional mediante o espaço conversacional da pesquisa; produzir hipóteses, a partir dos indicadores, que constituam uma síntese analítica do processo subjetivo de um relacionamento poliamoroso em trisal. Para isso, a base epistemo-metodológica da investigação se sustentou na Epistemologia Qualitativa, em seu método construtivo-interpretativo e na conversação, seu principal instrumento, desenvolvidos pelo pesquisador Fernando González Rey. A teoria da subjetividade também criada por González Rey concebe valor heurístico à subjetividade ao propor o simbólico e o emocional como unidade geradora de sentidos e configurações subjetivas diante das vivências dos indivíduos nos espaços sociais. Nesse sentido, o aporte da teoria da subjetividade em diálogo interdisciplinar com estudos socio-antropológicos, filosóficos e da comunicação serviram de referencial para a produção da informação com o trabalho de campo na investigação. A conversação aconteceu através do encontro virtual realizado com um trisal composto por duas mulheres e um homem que se engajaram como participantes do estudo. As principais categorias emergidas na conversação foram família, bissexualidade e relacionamento padrão, a partir das quais se reconheceu a atuação da hetero-monocisnormatividade na produção de sentidos subjetivos conflituosos dos participantes, mediante a vivência de sua relação poliamorosa. Com o encontro realizado foram construídos indicadores de que o amor romântico, o casamento e a reprodução são vivenciados subjetivamente pelo trisal como a forma de legitimar a relação afetivo-sexual e a configuração familiar entre eles. Desse modo, identificou-se o valor do desenvolvimento de uma comunicação ética entre o trisal na produção de sentidos subjetivos outros na forma como foram reconfigurando subjetivamente família, sexualidade e aspectos de gênero ao longo do envolvimento poliamoroso entre eles. As informações construídas também foram interpretadas de modo a constatar as rupturas que o trisal precisou fazer com a heteromononormatividade e com uma representação de masculinidade machista para a expressão da bissexualidade feminina e da sensibilidade masculina em seu relacionamento. Considerou-se, por fim, que o arranjo relacional poliamoroso do trisal se situa em um entre lugar na monogamia e na não-monogamia, mantendo proximidade com alguns valores estruturais monogâmicos, mas subvertendo a díade casal e promovendo transformações qualitativas para uma comunicação ética.

**Palavras-chave:** Comunicação. Poliamor. Subjetividade. Trisal.

SOARES, Camila Ribeiro Castro. “Novas” configurações de relacionamento afetivo-sexual. A criação subjetiva de uma relação em trisal. 2022. 143 folhas. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós- Graduação em Comunicação e Sociedade), Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2022.

## ABSTRACT

The forms of affective-sexual relationships have changed and gained various configurations nowadays, beyond the heteromononormative constitution deeply rooted in modern western culture. Polyamory is one of the contemporary forms of non-monogamous relationships that values and affirms the possibility of being romantically and sexually involved in a consensual and concomitant way with more than one person. Specifically, this research is a case study about how polyamory is subjectively configured in a relational arrangement among three people. The specific objectives are: to recognize the predominant historical-cultural aspects in the polyamorous experience of a relationship among three people (including the breaches with such aspects); to identify some communicational processes in the subjective configuration of the relational arrangement between the throuple; to build and to interpret indicators of subjectives senses of this relational experience, through the conversational space of the research; and finally produce hypotheses, based on the indicators, that constitute an analytical synthesis of the subjective process of a polyamorous relationship in throuple. In order to do this, the epistemological basis of the investigation was based on Qualitative Epistemology, in its constructive-interpretive method and in conversation, its main instrument, developed by the researcher Fernando González Rey. The theory of subjectivity, also created by González Rey, conceives heuristic value to subjectivity by proposing the symbolic and the emotional as a generating unit of subjectives senses and configurations in face of the experiences of individuals in social spaces. In this sense, the contribution of the theory of subjectivity in interdisciplinary dialogue with socio-anthropological, philosophical and communication studies served as a reference for the production of information with the fieldwork in the investigation. The conversation took place through the virtual meeting held with a throuple composed of two women and a man who were engaged as study participants. The main categories that emerged in the conversation were family, bisexuality and standard relationship, from which the role of hetero-monocisnormativity in the production of conflicting subjectives senses of the participants was recognized, through the experience of their polyamorous relationship. Once the meeting was held, indicators were constructed that romantic love, marriage and reproduction are subjectively experienced by the throuple as a way to legitimize the affective-sexual relationship and the family configuration between them. In this way, the value of developing ethical communication between the throuple was identified in the production of alternatives subjectives senses in the way they were subjectively reconfiguring family, sexuality and gender aspects throughout the polyamorous involvement between them. The constructed information was also interpreted in order to verify the ruptures that the throuple had to make with heteromononormativity and with a representation of macho masculinity for the expression of female bisexuality and male sensitivity in their relationship. Finally, it was considered that the polyamorous relational arrangement of the throuple is situated in a place between monogamy and non-monogamy, maintaining proximity with some monogamous structural values, but subverting the couple dyad and promoting qualitative transformations for a ethical communication.

**Keywords:** Communication. Polyamory. Subjectivity. Throuple.

SOARES, Camila Ribeiro Castro. “**Novas**” **configurações de relacionamento afetivo-sexual**. A criação subjetiva de uma relação em trisal. 2022. 143 folhas. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós- Graduação em Comunicação e Sociedade), Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2022.

## RESUMEN

Las formas de las relaciones afectivo-sexuales han cambiado y adquirido diversas configuraciones en la modernidad, más allá de la constitución heteromononormativo profundamente arraigada en la cultura occidental moderna. El poliamor es una de las formas contemporáneas de relaciones no-monógamas que valora y afirma la posibilidad de involucrarse afectiva y sexualmente de manera consensuada y concomitante con más de una persona. Específicamente, esta investigación es un estudio de un caso sobre cómo el poliamor se configura subjetivamente en una relación afectivo-sexual entre tres personas. Los objetivos específicos son: reconocer (las rupturas con) los aspectos histórico-culturales predominantes en la experiencia poliamorosa de una relación entre tres personas; identificar algunos procesos comunicacionales en la configuración subjetiva de la relación en trijea; construir e interpretar indicadores de sentidos subjetivos de esa experiencia relacional, a través del espacio conversacional de la investigación; producir hipótesis, a partir de los indicadores, que constituyan una síntesis analítica del proceso subjetivo de una relación poliamorosa en trijea. Para ello, se sustentó la base epistemometodológica de la investigación en la Epistemología Cualitativa, en su método constructivo-interpretativo y en la conversación, su principal instrumento, desarrollado por el investigador Fernando González Rey. La teoría de la subjetividad, también formulada por González Rey, concibe el valor heurístico de la subjetividad al proponer lo simbólico y lo emocional como unidad generadora de sentidos y configuraciones subjetivas frente a las vivencias de los individuos en los espacios sociales. En ese sentido, el aporte de la teoría de la subjetividad en diálogo interdisciplinario con los estudios socioantropológicos, filosóficos y de la comunicación sirvió de referencia para la producción de información con el trabajo de campo en la investigación. La conversación se dio a través de la reunión virtual sostenida con una trijea compuesta por dos mujeres y un hombre que se comprometieron como participantes del estudio. Las principales categorías que surgieron en la conversación fueron familia, bisexualidad y relación estándar, a partir de las cuales se reconoció el papel de la hetero-monocisnormatividad en la producción de sentidos subjetivos conflictivos de los participantes, a través de la experiencia de su relación poliamorosa. Con el encuentro sucedido se construyeron indicadores de que el amor romántico, el matrimonio y la reproducción son experimentados subjetivamente por la trijea como forma de legitimar la relación afectivo-sexual y la configuración familiar entre ellos. De esta forma, se identificó el valor del desarrollo de una comunicación ética entre la trijea en la producción de otros sentidos subjetivos en la medida en que fueron reconfigurando subjetivamente familia, sexualidad y aspectos de género a lo largo del involucramiento poliamoroso entre ellos. También se interpretó las informaciones construidas notando las rupturas que tuvo que hacer la trijea con la heteromononormatividad y con una representación de la masculinidad machista para la expresión de la bisexualidad femenina y la sensibilidad masculina en su relación. Finalmente, se consideró que la relación poliamorosa de la trijea se sitúa en un lugar entre la monogamia y la no-monogamia, manteniendo proximidad con algunos valores estructurales monógamos, pero subvirtiendo la díada de pareja y promoviendo transformaciones cualitativas para una comunicación ética.

**Palabras clave:** Comunicación. Poliamor. Subjetividad. Trijea.

## SUMÁRIO<sup>1</sup>

1	INTRODUZINDO.....	5
2	AVANÇANDO COM A PROBLEMATIZAÇÃO.....	15
3	UM ESTADO DA ARTE (DO POLIAMOR).....	22
4	POLIAMOR: AFINAL O QUE A COMUNICAÇÃO TEM A VER COM ISSO?.....	36
5	TRANÇADOS METODOLÓGICOS: A PESQUISA COM BASE NA EPISTEMOLOGIA QUALITATIVA.....	50
6	IMPORTÂNCIAS, ESTRATÉGIAS E RESSALVAS PARA A CONSTRUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DA INFORMAÇÃO.....	61
7	OS NÓS DA TECITURA: CONSTRUÇÃO DO CENÁRIO SOCIAL DA PESQUISA.....	67
8	AS SUBJETIVIDADES SOCIAIS ATUANTES NA CONSTRUÇÃO DA RELAÇÃO POLIAMOROSA DO TRISAL.....	72
9	CONFIGURAÇÕES SUBJETIVAS ENTRAMADAS NA VIVÊNCIA DO TRISAL.....	75
10	CONSIDERANDO FINAIS: QUANDO A LARANJA PASSA A SER DIVIDIDA EM TRÊS.....	105
	REFERÊNCIAS.....	110
	APÊNDICES.....	118
	ANEXOS.....	126

---

<sup>1</sup> A pessoa leitora que deseja consultar e se orientar pelo sumário original da pesquisa pode clicar neste hiperlink para ser conduzido.

**Filamento I {Circulando o labirinto}**

## 1 INTRODUZINDO

Poucas dimensões subjetivas da vida humana se caracterizam pela complexidade de comunicação como ocorre com a vivência da afetividade e da sexualidade. Desejamos iniciar, então, essa introdução perguntando: o que você sente e pensa quando essas vivências se configuram subjetivamente de modo que em uma relação exista mais de duas pessoas envolvidas amorosa e sexualmente? Mais especificamente, quando essa configuração de relacionamento é acordada, consensual e concomitante entre esses indivíduos?

O poliamor, tema macro de nossa pesquisa, também chamado de não-monogamia responsável e não-monogamia ética (ANAPOL, 2010; EMENS, 2004), deu nome e significado a configurações de relacionamentos que vivenciam de modo consensual o amor e o sexo entre mais de duas pessoas ao mesmo tempo.

Essa maneira de se relacionar vem marcando presença, desde os anos 2000 no Brasil e ainda na década de 90 do século passado nos Estados Unidos e Europa (FREIRE; GOUVEIA, 2017; KLESSE, 2011; PILÃO, 2015; PILÃO; GOLDENBERG, 2012), frente à tripla hegemonia: monogâmica, heterossexual e cisgênera, chanceladas histórica e culturalmente nos últimos três séculos como normativas na formatação de relacionamentos afetivo-sexuais (cf. BUTLER, 2003; FOUCAULT, 1988; GIDDENS, 1993; SILVA, 2021), na concepção e constituição de família e na educação de crianças na sociedade moderna ocidental (cf. ARIES, 1981; ENGELS, 2019; FREYRE, 2003).

Nesse composto, o fenômeno específico de nossa investigação é a configuração subjetiva de um relacionamento afetivo-sexual concomitante e consensual entre três pessoas, uma modalidade do poliamor nomeada de tríade ou trisal (ANAPOL, 2010; REIS, 2017), sendo que para esta pesquisa optamos pela nomenclatura de trisal.

Dizemos, no título da pesquisa, que essa maneira de se relacionar é “nova” significa – mesmo que sejam localizadas configurações “similares” em outros contextos histórico-culturais – que a vivência de um relacionamento em trisal, no caso desse estudo, diz respeito a um fenômeno atualizado pelas condições espaço-temporais brasileiras do século XXI. Contudo, recebe aspas, pois em cenários precedentes ao etnocídio colonial dos povos originários do Brasil e em sociedades européias e norte-americanas anteriores ao século XVIII, as configurações de relacionamento

monogâmico não existiam, ao menos não com valoração normativa. Os indivíduos se relacionavam de maneiras grupais e comunitárias (ENGELS, 2019; FREYRE, 2003; NÚÑEZ; OLIVEIRA; LAGO, 2021).

Sendo assim, o problema que gera e norteia o percurso dessa investigação, e para o qual direcionamos nossa capacidade de diálogo e resposta, ganhou forma com a seguinte questão: Como o poliamor se configura subjetivamente enquanto vivência em uma relação afetivo-sexual entre três pessoas?

Nessa linha, o objetivo principal de nosso estudo é compreender as configurações subjetivas implicadas e geradas numa relação afetivo-sexual entre três pessoas que assumem um estilo de vida<sup>2</sup> poliamoroso. Na intenção de atingir esse alvo, quatro flechas foram lançadas em sua direção e nos servem de objetivos específicos, a saber: i) reconhecer (as rupturas com) os aspectos histórico-culturais predominantes na vivência poliamorosa de um relacionamento entre três pessoas; ii) identificar alguns processos comunicacionais na configuração subjetiva do arranjo relacional entre o trisal; iii) construir e interpretar indicadores de sentidos subjetivos dessa vivência relacional, mediante o espaço conversacional da pesquisa; iv) produzir hipóteses, a partir dos indicadores, que constituam uma síntese analítica do processo subjetivo de um relacionamento poliamoroso em trisal.

Nessa perspectiva, falar em subjetividade e em subjetivo em nosso estudo significa que buscamos nos desvencilhar das dicotomias sociedade/indivíduo, objetivo/subjetivo e simbólico/emocional, para conceber a unidade desses caracteres em sistemas psicológicos configurados, complexos e abertos. Ao criar a matriz teórica da subjetividade e a Epistemologia Qualitativa, González Rey partiu principalmente da Psicologia cultural-histórica da antiga União Soviética. Assim, compreendemos a subjetividade como um processo ativo, no qual o indivíduo possui capacidade criadora de sentidos (subjetivos) diante das experiências, relações e espaços sociais que vivencia. E o desenvolvimento subjetivo, que em seu curso ocorre de forma não consciente, especifica uma parte da psique humana que não necessariamente coincide com operações cognitivas, sensório-motoras e biológicas (GONZÁLEZ REY, 2010a, 2012,

---

<sup>2</sup> Adotamos a expressão estilo de vida – a partir da psicóloga norte-americana e uma das precursoras teóricas sobre o poliamor Deborah Anapol (2010) – como uma forma de diferenciar o poliamor de outras não-monogâmias que se caracterizam mais pontual e exclusivamente pela prática sexual.

2013, 2014, 2016a, 2016b, 2017; GONZÁLEZ REY; MITJANS MARTÍNEZ, 2017; GONZÁLEZ REY; PATIÑO TORRES, 2020; SOUZA; PATIÑO TORRES, 2019).

Portanto, a partir da teoria da subjetividade, o subjetivo ocupa lugar elementar em nossa pesquisa – em diálogo com uma proposta interdisciplinar – através das seguintes categorias de conhecimento: subjetividade individual e social, configuração subjetiva e sentidos subjetivos; em vez de figurar como adjetivo. O que ocorria em algumas matrizes teóricas da psicologia, da filosofia e das ciências sociais que rechaçavam o termo subjetividade, pois o definiam, partindo de uma visão cartesiana, restritamente como uma dinâmica interna e racional do indivíduo desconectada da realidade social (GONZÁLEZ REY, 2016a, p. 136). De acordo com o referencial teórico por nós adotado, essa definição e o uso adjetivante de subjetivo expressariam, na verdade, um subjetivismo.

Por sua vez, a comunicação aparece em nossa pesquisa como um processo diretamente conectado com a produção de subjetividades que só acontece em espaços sociais ricos e abundantes em processos comunicativos e por se vincular à esfera simbólico-emocional dos indivíduos. O que possibilita uma via para o estudo da vivência subjetiva de uma relação poliamorosa entre três indivíduos. Sendo que a comunicação é entendida, nesse panorama, como um sistema ativo, circular, dialógico e complexo (FRANÇA, 2001; GONZÁLEZ REY, 1995, 2009a, 2010b; PATIÑO TORRES, 2022).

Nesse ínterim, queremos expressar uma questão que nos perseguiu durante toda a escrita e que pede testemunho, tanto em relação à categoria poliamor quanto à subjetividade: Como se vincula esta pesquisa com a trajetória/biografia da pesquisadora? Ou, parafraseando Preciado (2014, p. 18) – quem nos tira o fôlego com suas questões –, as práticas amorosas e sexuais da pessoa que escreve transformam sua escrita? Deve a pesquisadora experienciar-se no fenômeno de seu estudo ou, ao contrário, se guardar à distância por razões científicas?

Fato é que a presente pesquisa foi (é) uma das vias que (nos) encontramos(ou) para criar(mos) sentidos diante de vivências profissionais e pessoais de um mundo pré e intermitentemente pandêmico. Será breve a escrita desse testemunho, no entanto

comunico que desde agora o escrevo em primeira pessoa do singular e que faço uso de licença poética<sup>3</sup>.

Então, abrir-me para a teoria da subjetividade foi desafiador em um primeiro momento, o que com o desenrolar da pesquisa veio se fazendo presente de encontros potentes com pessoas e com a teoria.

Em minha formação e experiência como psicóloga clínica, trabalho com a orientação onto-epistemo-metodológica e teórica da psicologia analítica do psiquiatra suíço Carl Gustav Jung. Menciono-a aqui principalmente para contextualizar o desafio de abertura que contei acima e também para me valer de um conceito caro a ela: o de inconsciente coletivo (cf. JUNG, 2014). Conceito esse que diz (em minha simplificação direcionada para o escopo desse testemunho) da comunicação entre inconscientes, nesse caso entre “os” das pessoas que atendo(i) e “o” meu.

Nessa perspectiva, partilho da maneira que a professora Amnéris Maroni vivencia a profissão de psicoterapeuta: exercer a psicoterapia é, entre outras coisas, um ofício de testemunho (MARONI, 2020) de subjetividades (na conceituação da teoria da subjetividade) e de individuações (para a psicologia analítica); ambos, processos sistêmicos, espiralares e conflituosos. Pois então, testemunhei nos últimos anos algumas das tensões socio-individuais, objetivo-subjetivas e simbólico-emocionais que as vivências de afetividades e sexualidades monogâmicas e não-monogâmicas provoca(ra)m em pessoas e o que se é capaz de gerar como potências e impotências com elas.

Profissionalmente, isso se deu através das experiências de relações em formas variadas, casamentos, traições, afetividades e sexualidades homo/hetero/bi/*queer* das pessoas que atendo(i) e dos sentidos (subjetivos) criados por elas. Pessoalmente, ocorreu pela minha vivência de contradições do imaginário sócio-histórico-cultural patriarcal, capitalista, monogâmico e heterossexual, principalmente em uma relação afetivo-sexual legalmente legitimada por uma década e a aprendizagem do exercício

---

<sup>3</sup> Licença essa que será possível notar em maior ou menor grau ao longo da pesquisa, tendo em vista o estilo ensaístico – uma pressa de( )vagar – desta pessoa-pesquisadora que escreve. Nesse sentido, faço o convite para que a leitura possa ser experimentada também como uma vivência imagética-metafórica-sensorial, quando evoco as figuras: filamento e ramificação; alvo e flecha; labirinto e fio; dança e guerra e outras mais, ou mesmo quando expresso minhas afetações com a pandemia e com alguns autores, e ainda ao fazer uso das epígrafes como pausa para que respiremos e da fabulação como forma de criar/contar uma narrativa ao reverso.

complexo de criar com esse relacionamento “linhas de fuga” (no sentido deleuziano (cf. DELEUZE, 1992), portanto linhas de saída, de alternativa, de resistência) à materialidade que esse imaginário possui.

Sendo assim, esse testemunho serve para me situar diante da proposição de pesquisar o fenômeno do poliamor, a partir do referencial da subjetividade; motivada pelos desejos, afetos, sofrimentos e sentidos gerados com as vivências monogâmicas e não-monogâmicas que presenciei profissional e pessoalmente. Considero, a partir dessas experiências, o que o psicólogo junguiano James Hollis me ajuda a expressar: “Uma forma de sofrer nos amplia, a outra nos diminui; uma reverencia a vida que deseja ser expressa através de nós, a outra faz conluio em sua sabotagem” (2017, p. 204). O que não significa que tais formas de sofrimento sejam necessariamente congênicas a uma (não-monogamia) ou a outra (monogamia) maneira de se relacionar, mas que se manifestam justamente de maneira singular. Sendo que para essa pesquisa – e aqui seguimos introduzindo – interessa investigar a subjetividade poliamorosa, como estudo de caso, na vivência de um trisal.

Dessa forma, fizemos uma busca pelo termo trisal no Google, habilitando apenas a procura de conteúdos nacionais, com a qual localizamos uma primeira matéria<sup>4</sup> em dezembro de 2014 que utilizou o termo ao legendar a foto de três pessoas que vivenciavam uma relação afetivo-sexual poliamorosa. Já ao investigarmos na Wikipédia (enciclopédia livre virtual), o termo não aparece ainda inserido e no Wikcionário (dicionário livre virtual) consta que o termo foi editado pela última vez em novembro de 2015<sup>5</sup>. Ainda que não tenhamos nos debruçado sobre esta informação, os termos correspondentes para trisal em inglês e espanhol são *throuple*<sup>6</sup> e *trieja*<sup>7</sup>, respectivamente.

---

<sup>4</sup> A matéria e seu uso do termo trisal podem ser conferidos no seguinte link: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/12/141206\\_salasocial\\_poliamor\\_rs](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/12/141206_salasocial_poliamor_rs). Acesso em 05 abr. 2022.

<sup>5</sup> O acesso que realizamos para a busca do termo tanto na Wikipédia quanto no Wikcionário foi em 05 abr. 2022.

<sup>6</sup> A informação pode ser conferida através do link <https://www.dictionary.com/e/slang/throuple/>. Acesso em 13 set. 2022. Chegamos a esse sítio eletrônico mediante as partilhas possibilitadas pelo grupo de pesquisa Não-mono (diretório CNPq), do qual a pesquisadora deste estudo é integrante. O termo em inglês, a partir da informação nesse link, parece também datar de meados dos anos 2010.

<sup>7</sup> Nosso contato com o termo em espanhol foi a partir da matéria no link <https://www.latercera.com/paula/agustin-paula-y-la-historia-de-una-relacion-abierta-el-poliamor-las-relaciones-serias-y-los-hijos-si-son-compatibles/>. Acesso em 27 fev. de 2022. Como também através de nossa participação em dois encontros remotos com o grupo *Poliamor Chile* ao longo deste mesmo ano.

Dito isso, acreditamos que a relevância de nossa pesquisa se justifica pela contribuição à produção de conhecimento e proliferação de saberes no âmbito acadêmico-científico, junto ao Programa de Pós-graduação em Comunicação e Sociedade da Universidade Federal do Tocantins, no sentido de focar, nesse âmbito, nossa reflexão e produção de pensamento acerca do valor do estudo dos próprios processos comunicativos para essa área. Bem como pelo engajamento de um debate público mais amplo de aspectos histórico-culturais e psicossociais ao problematizar e analisar maneiras outras de se relacionar afetiva e sexualmente na contemporaneidade, em específico a configuração subjetiva do arranjo relacional poliamoroso vivenciado entre um trisal.

Desse modo, na intenção de dialogar com e responder ao problema de investigação, assim como para alcançar nosso objetivo principal, confeccionamos a pesquisa em três filamentos com suas próprias ramificações, em filigrana: Filamento I {Circulando o labirinto}, composto dessa introdução; de *Avançando com a problematização*, onde buscamos adentrar e circular, a partir da categoria subjetividade proposta por González Rey (2012, 2013, 2016a, 2017), os aspectos macrossociais e microssociais tensionados pelo e tensionadores do poliamor. Problematizando a figura do casal formado pela díade homem e mulher, na função procriadora, como modelo único de arranjo afetivo-sexual e de família nuclear constituído histórica-culturalmente pela norma monogâmica e heterossexual da sociedade moderna ocidental (ARIÈS, 1981; BUTLER, 2003; EMENS, 2004; ENGELS, 2019; FREYRE, 2003).

Na ramificação seguinte desse mesmo filamento, em *Um estado da arte (do poliamor)*, escrevemos acerca da caracterização do poliamor com seus principais atributos, valores e modalidades relacionais, a partir do estudo de investigações acadêmicas brasileiras, principalmente. Dessa maneira, identificamos que o poliamor enquanto uma forma de relação não-monogâmica é um fenômeno de estudo recente, estando presente na produção de conhecimento do cenário acadêmico-científico nacional na última década (ANDRADE JUNIOR, 2019; BORNIA JUNIOR, 2018; COSTA; BELMINO, 2017; FRANÇA, 2016, 2017; FREIRE, 2013; FREIRE; GOUVEIA, 2017; KNOBLAUCH, 2018; PEIXOTO, 2019; PEREZ; PALMA, 2018; PILÃO, 2015, 2017, 2019; PILÃO; GOLDENBERG, 2012; PORTO, 2017; REIS,

---

Não localizamos o momento de origem do termo em espanhol, no entanto através desses contatos percebemos e especulamos seu uso ainda mais recente, entre os dois ou três últimos anos.

2017; ROTONDANO, 2018; SANTIAGO, 2014; SILVA, 2017; SILVA; NERES; SILVA, 2017).

Com esse estudo, decorrido da busca nas bases de dados da Scielo (Scientific Electronic Library Online) e da BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações), foi possível constatar ainda que mesmo as pesquisas sobre o poliamor no país datando do início dos anos 2010, somente nas investigações mais para o final dessa década é que localizamos o uso do termo trisal. Ainda assim, mencionado pouco mais que uma dezena de vezes apenas por Bornia Junior (2018) e ainda menos nas pesquisas de Andrade Junior (2019), Knoblauch (2018), Perez e Palma (2018), Porto (2017), Reis (2017) e Silva (2017). Sendo que somente a dissertação de Reis (2017) se caracterizou pela investigação dessa forma de relacionamento. Isso também nos indicou a importância do engajamento intelectual e empírico de nossa pesquisa.

Por sua vez, em *Poliamor: afinal o que a Comunicação tem a ver com isso?* nos empenhamos em contribuir e gerar reflexões à área de conhecimento do programa ao qual nosso estudo está vinculado. Nessa ramificação, principalmente a partir do aporte da teoria da subjetividade e pensando o fenômeno de nosso estudo, buscamos seguir três rastros para tecer um fio argumentativo do lugar da comunicação em nossa investigação, registrando o valor dos próprios processos comunicativos para o desenvolvimento subjetivo entre as pessoas que vivenciam um relacionamento poliamoroso em trisal.

Na última ramificação deste filamento I, intitulada *Trançados metodológicos: a pesquisa com base na Epistemologia Qualitativa*, apresentamos os princípios da Epistemologia Qualitativa como nosso referencial metodológico que propicia uma abordagem e um método construtivo-interpretativo, em nosso caso, para investigar a complexidade subjetiva implicada no mundo afetivo-sexual do trisal participante do presente estudo. González Rey (2010b) fala do cenário social da pesquisa, sendo esse a forma e recursos que a pesquisadora elege para captar potenciais participantes para a investigação. Nesse sentido, elegemos a rede social *Instagram* como cenário inicial da pesquisa, na qual localizamos, inserindo o termo trisal em sua ferramenta de busca, os perfis que nomeiam seu relacionamento dessa maneira, dentre eles selecionamos os potenciais participantes para o estudo de caso, de acordo com os critérios de inclusão e exclusão da pesquisa.

Quanto ao instrumento metodológico utilizado, lançamos mão da dinâmica conversacional que se refere ao principal instrumento da Epistemologia Qualitativa. Sendo que a conversação, como também é nomeada, não se restringe ao caráter estritamente discursivo e comportamental de produção da informação no trabalho de campo, mas enfatiza a importância das expressões muitas vezes implícitas nas manifestações dos participantes (GONZÁLEZ REY, 2010b, 2013, 2016b; GONZÁLEZ REY; MITJANS MARTÍNEZ, 2017; GONZÁLEZ REY; PATIÑO TORRES, 2020), em nosso caso, através do encontro realizado.

A seguir, o Filamento II {Fios (a)bordados} inicia com *Importâncias, estratégias e ressalvas para a construção e interpretação da informação*, ramificação na qual informamos alguns marcadores sociais da diferença do trisal participante de nosso estudo, apresentamos as estratégias utilizadas para a construção e análise das informações e, especialmente, levantamos e refletimos acerca de algumas limitações da pesquisa, ressaltando a necessidade de ajuste na execução metodológica devido ao curso dos últimos acontecimentos no trajeto de mestrado.

Em *Os nós da tecitura: construção do cenário social da pesquisa* contamos sobre os movimentos e contratempos em nossa inserção no trabalho de campo, detalhamos a respeito de nosso contato inicial com os potenciais participantes da investigação e também escrevemos acerca de vias paralelas cogitadas, algumas delas executadas, para localizar e engajar efetivamente um trisal para nosso estudo de caso. Também nessa ramificação, a partir das experiências de entrada no campo, construímos as primeiras informações e indicações da pesquisa.

Na ramificação seguinte fazemos uma breve menção das *subjetividades sociais atuantes na construção da relação poliamorosa do trisal*, reconhecendo com o trabalho de campo a atuação conjunta das normas monogâmica, heterossexual e cisgênera como subjetividades sociais dominantes no contexto histórico-cultural da sociedade moderna ocidental. Essa alusão tem como principal escopo servir de prelúdio para a ramificação posterior, as *Configurações subjetivas entramadas na vivência do trisal*, uma das mais importantes de nosso estudo e a mais importante a partir de uma perspectiva empírica. Afinal, nela construímos interpretativamente a informação, com a conversação junto aos participantes, de como o trisal configura subjetivamente família, sexualidade e gênero na criação subjetiva de seu relacionamento poliamoroso.

Por fim, o Filamento III {O outro lado do mesmo...} é feito da ramificação *Considerando finais: quando a laranja passa a ser dividida em três*, onde trazemos uma síntese das produções de sentidos subjetivos e configurações subjetivas da vivência poliamorosa do trisal participante de nosso estudo de caso, assim como elaboramos algumas provocações com as reflexões finais geradas mediante nossa experiência com o conhecimento produzido junto ao trabalho de campo. Esse filamento termina composto também pelas referências, apêndices (dos quais incentivamos, especialmente, uma espiada no *Contrato contrassexual para uma relação poliamorosa de trisal* e na *Narrativa ao reverso: Um trisal... que faz lembrar casal*, sendo esse último nossa proposta de devolução da informação aos participantes da pesquisa) e anexos.

Estamos alegres pelas companhias que temos encontrado ao fazer, seguir e prosseguir essa trajetória de pesquisa, então, vamos juntos?!

*Amar não é da ordem da posse, mas da troca.*

(Renato Nogueira, Por que amamos)

## 2 AVANÇANDO COM A PROBLEMATIZAÇÃO

Vimos buscando a ponta do fio de Ariadne (cf. BRANDÃO, 1987, p. 163) que nos conduziria de maneira segura para dentro do labirinto dos afetos e desejos humanos nas relações amorosas e eróticas. Parecia certo que ingressaríamos de forma direta à problematização da monogamia constituída como hegemônica nos relacionamentos, junto ao patriarcado e a heteronormatividade, seus fiéis companheiros, rumo ao poliamor, tema de nossa pesquisa. Qual foi nossa surpresa quando nos sentimos provocados e praticamente convocados a adentrar essa seara por outra via, que tanto mais traz consigo o tensionamento desses estandartes sociais e culturais dominantes, contudo, talvez, por um acesso mais delicado e sinuoso.

Assim sendo, cá estamos nós lançados nessa empreitada com o impulso e impacto proporcionado pela proposição da filósofa pós-feminista Donna Haraway para o slogan do seu *Chthuluceno*: “Faça Parentes, Não Bebês!” (HARAWAY, 2016a, p. 141). A pensadora ao construir seu argumento, que muito nos comicha, formula a seguinte questão, através da qual margeamos o alvo de nossa investigação: “[...] e se os novos normais se tornassem uma expectativa cultural que cada nova criança pudesse ter pelo menos três pais comprometidos na vida?” (*Ibid.*, p. 145). Em nossa escrita a palavra normal não tem apelo, ao contrário, é geradora de certo mal estar que nos faz olhar para acontecimentos históricos e culturais que se valeram/valem de normatizações e homogeneizações para subjugar e massacrar povos, vidas heterodoxas. Imaginamos que para Haraway a conotação seja outra, assim como a recepção que fazemos do termo: uma possibilidade de legitimar o caráter singular de subjetividades, de criar inteligibilidade em processos subjetivos controversos.

O *Chthuluceno*, da professora emérita do departamento de *História da consciência* da Universidade da Califórnia, dá nome a uma ficção científica para novas ideias, fazeres conjuntos e (con)vivências entre humanos e não humanos; refere-se ao desafio e aposta em encontrar maneiras de se viver e morrer bem para todos, com todos. Uma utopia, um não lugar, se pensa(r)mos linearmente. Mas Haraway rechaça a ideia de evolução, e propõe o *Chthuluceno* como um longo e ininterrupto trabalho de constituição da Terra. A capacidade de prestar atenção, dar significado e sentido, acumular espacialidades e temporalidades: passado, presente e futuro na (re)construção

de refúgios para multiespécies. Cultivar afetos alegres que criem conexões nessa época de lutos e extinções (HARAWAY, 2016b).

A proposta de nosso estudo não trata de um acercamento ecológico, nosso olhar interdisciplinar é de viés psicológico, comunicacional (cf. FRANÇA, 2001) e social. No entanto, como essas instâncias, e outras mais, da vida humana e do planeta estão interconectadas! Haraway nos capturou com seus “tentáculos”, dentre outros motivos, pois nos parece inconcebível pensar qualquer temática de pesquisa científica sem considerar o pano de fundo sob o qual a mesma se desenrola. Nesse sentido, a pandemia da Covid19 e a maneira como o atual (des)governo se (des)incumbiu de administrá-la monta o cenário principal, formado de vários outros até chegarmos aqui, a partir do qual repercutirão reverberações psicológicas, fisiológicas, sociais, políticas, econômicas e culturais, que provavelmente de modo muito singelo temos – enquanto cidadãos e pesquisadores – tentado vislumbrar, seja por meio de nossas práticas cotidianas, que quiçá as fazemos mais atentamente, ou pela persistência das pesquisas acadêmicas e projetos sociais, que trazem fôlego e resistem ao sucateamento de investimentos nas universidades e políticas públicas.

Ao marcar esses pontos nevrálgicos, que fizemos questão logo de início, seguimos adiante ao encontro da problemática nuclear de nossa investigação. González Rey e Patiño Torres (2020) nos comunicam em sua conversação que os problemas não estão dados na realidade social, mas que são construídos por nós e cobram existência. Fazemos, então, uma extensão para dizer que o mesmo se passa com a realidade psíquica e subjetiva dos indivíduos, que é constituída e constituinte da realidade social. Dizendo de outro modo, a interatuação dinâmica entre as subjetividades individuais e sociais clama pela construção de perguntas e por processos empíricos que dialoguem com elas. Subjetividades essas que configuram categoria central em nosso estudo, concebidas aqui como um sistema aberto, contraditório e em constante elaboração nos espaços sociais nos quais se vive, enquanto ser humano (GONZÁLEZ REY, 2016a).

Dito isso, nos direcionamos para as formas de relacionamento amoroso e sexual que vem se modificando e ganhando configurações várias nos tempos hodiernos. Para além da constituição monogâmica, heteronormativa e patriarcal profundamente enraizada em nossa cultura ocidental, outras maneiras de amar e de vivenciar a

sexualidade vêm requerendo, lutando e legitimando cada vez mais espaços, vozes, corpos e subjetividades.

Nesse tocante, modos de viver que se propõem e expõem diversos daqueles consagrados e arraigados historicamente causam, no mínimo, estranheza, seja no âmbito religioso e moral, sociopolítico-econômico, seja nas relações afetivas e sexuais. Interessa-nos abordar, nesse ponto, a variação das vivências nesse último âmbito, mas que também implica, não tão indiretamente, transformações nas outras esferas da vida humana. Trata-se de uma curva no processo de civilização que constituiu a hegemonia dos relacionamentos condizente com a monogamia, com seus afetos e seus corpos pautados pela estruturação do amor romântico nos três últimos séculos (cf. GIDDENS, 1993).

Enquanto fenômeno, o poliamor, também chamado de “não-monogamia ética” (EMENS, 2004), vem tensionando e conferindo transformação à esfera simbólica e emocional das relações mod(e)u(l)adas socialmente pela “heterossexualidade e monogamia compulsórias” (BUTLER, 2003; EMENS, 2004), trazendo consigo os aspectos macrossociais – cultural, econômico, moral, jurídico e político – e microssociais – psicológico, subjetivo, ético, étnico-racial, de gênero e sexualidade – que desafia e pelos quais é desafiado.

Em seu artigo, a professora e jurista Elizabeth Emens (2004) objetivou explicar porque o quesito de numerosidade, no caso do poliamor, aparece como indesejável na cultura dominante dos relacionamentos afetivo-sexuais, já que grande parte das pessoas pratica a não-monogamia secretamente (adultério) ou a monogamia em série (divórcio e novo casamento). A pesquisadora problematizou pontos relevantes a partir da perspectiva jurídica e um aspecto central que difere seu escrito das pesquisas que estudamos em nosso estado da arte – que veremos mais adiante – refere-se ao fato de situar o poliamor como uma forma de poligamia, oferecendo uma visada que a distancia da associação exclusiva com a cultura mórmon e do médio oriente.

Os trabalhos de Emens (2004) e de Butler (2003) nos permitiram seguir passagem, nos corredores labirínticos que estamos tomando como imagem – para pensarmos problemáticas que são geradas mediante a exposição de uma configuração afetivo-sexual poliamorosa entre três pessoas –, a partir do adjetivo “compulsório” ao se referirem à monogamia e à heterossexualidade, respectivamente. Pensar os fatores

macro e microssociais pressionados por e pressionadores de estilos de vida entendidos como alternativos nos leva a indagar o quanto de fato esses estilos se fazem alternativa em uma sociedade na qual os valores vigentes preponderantes são excludentes, dogmáticos e misóginos.

Partindo desse princípio, o indivíduo poliamorista, através da configuração de sua relação erótica e afetiva, coloca em questão a díade conjugal monogâmica e heterossexual patriarcalmente construída pela figura de um homem ativo e uma mulher passiva. Isto é, promulga bases outras às colunas que alegoricamente sustentaram instituições sociais e, dizemos também, dimensões psicológicas, configurações subjetivas reiteradas como dominantes.

O fio pelo qual estamos nos guiando, ao mesmo tempo em que o vamos tecendo, tem seu eixo ou pontos de conexão no estudo da subjetividade que, entendida a partir da perspectiva que adotamos em nosso trabalho, articula os aspectos macro e os demais microssociais que mencionamos anteriormente.

Nesse panorama, a subjetividade é retirada da habitual função adjetivante, com a qual é empregada em grande parte das teorias psicológicas, que diz de uma instância restritamente interior da psique humana, para assumir um lugar integrativo que envolve os aspectos culturais, históricos e sociais na dinâmica singular da produção humana diante de suas vivências (GONZÁLEZ REY, 2017). Sendo que a comunicação, como chave de leitura da configuração subjetiva de um relacionamento poliamoroso entre três pessoas, nos interessa principalmente a partir da investigação dos processos comunicativos que é inseparável da produção dos sentidos subjetivos (GONZÁLEZ REY, 2009a) das pessoas que vivenciam uma relação.

Problemas fundamentais e desafios – que aqui os tomamos à maneira como convoca Haraway (2016b), ao fazer formulações para se ficar com os problemas, no seu *Chthuluceno* – surgem ao considerarmos a questão que segue: O poliamor é para todos? Antes mesmo de terminar a elaboração da indagação sua forma nos gera a sensação de um naturalismo, como se houvesse determinações de lugares, práticas ou modos de vida designados a grupos específicos. Por outro lado, sabemos também que foi se valendo de tais crenças, aliada inclusive à própria ciência em sua vertente positivista, que se desenvolveu a civilização ocidental (cf. GONZÁLEZ REY, 2016a). Talvez a

interrogação possa ser mais bem expressa da seguinte maneira: O poliamor serve a todos? Ou ainda, quem são os indivíduos que podem se servir do poliamor?

Nesse ponto, nos silenciemos e “escutamos”:

Numa sociedade onde prevalece a supremacia dos brancos, a vida dos negros é permeada por questões políticas que explicam a interiorização do racismo e de um sentimento de inferioridade. Esses sistemas de dominação são mais eficazes quando alteram nossa habilidade de querer e amar. Nós negros temos sido profundamente feridos, como a gente diz, “feridos até o coração”, e essa ferida emocional que carregamos afeta nossa capacidade de sentir e consequentemente, de amar. Somos um povo ferido. Feridos naquele lugar que poderia conhecer o amor, que estaria amando (bell hooks, 2000, p. 188).

A pensadora feminista e ativista social norte-americana Gloria Watkins marca sua autoria através da grafia minúscula do pseudônimo bell hooks, o que para ela constitui a maneira de fazer re(f)(v)erência sobre o que escreve. Trazemos sua contribuição para nos ajudar a vislumbrar experiências onde o amor é vivenciado como margem, beira, sobra [falta], resto.

Pilão (2019), por sua vez, aborda a questão do poliamor, como problema, no movimento feminista negro, onde agrega para debate também as pessoas transexuais, pessoas gordas e pessoas com deficiência. Outros aspectos relevantes para se pensar junto à interrogação que levantamos acima, diz respeito ao fator econômico e a escolaridade. Ainda nesse mesmo artigo, Pilão (2019) nos conta, com base em suas pesquisas de mestrado e doutorado, que a maior parte dos poliamoristas brasileiros não se encontra na população mais pobre, nem na classe dominante e rica, mas sim, são pessoas de classe média com curso superior concluído ou em andamento e que vivem em grandes cidades.

Um corredor mais, que desejamos nos aproximar, surge quando tomamos por indicação a instituição do casamento e a imagem da família, chanceladas pelo Estado e pela Igreja, representadas como se fossem exclusivas à monogamia, mediante a redução moralista e naturalista da figura heterossexual do casal que concebe uma criança em matrimônio. A concepção de família e os vínculos afetivo-sexuais nem sempre foram pintados dessa maneira, tanto na vivência dos povos originários do Brasil, mesmo com a

miscigenação das culturas africana e européia através da colonização, quanto na cultura ocidental em geral (cf. ARIES, 1981; ENGELS; 2019; FREYRE, 2003).

A partir desse contexto, o poliamor nos parece se lançar como o modo contemporâneo de relacionamento múltiplo que viabiliza a junção do afeto com o sexo, um investimento na fenda patriarcal, uma reconfiguração moral e ética no que tange a relação com as bases religiosas e espirituais ortodoxas cristãs. Uma maneira de explorar a sexualidade enquanto um espectro (cf. NOGUERA, 2020), que rechaça a orientação heterossexual construída socialmente como normativa e categoria histórica, para concebê-la como uma vivência possível, como também o é a homossexual e a bissexual. Ou ainda a sexualidade desvinculada de gênero (pansexual, demissexual, sapiossexual, por exemplo) e mesmo a existência do afeto amoroso descolado da sexualidade (assexual).

Vimos sublinhando a subjetividade, visto que é através dela que vamos “circumambular” (cf. JUNG, 2011, p. 32, §38) a complexidade e a singularidade do poliamor, enquanto fenômeno escopo no formato de trisal em nosso estudo de caso. Nesse sentido, relembramos o problema de nossa investigação que se movimenta pela questão de como o poliamor se configura subjetivamente na vivência do relacionamento amoroso e erótico de um trisal.

*O desafio, para nós que nos definimos poliamorosas, que nos denominamos não-monogâmicas, é elaborar um novo sentido de vínculo e um novo sentido de liberdade que escape das garras do neoliberalismo, que retome a consciência de estar-no-mundo, de mistura, de mestiçagem, da contaminação cruzada como potência de vida.*

(Brigitte Vasallo, Abrir amores, fechar fronteiras?)

### 3 UM ESTADO DA ARTE (DO POLIAMOR)

Pensar, escrever e dizer a respeito do amor e da sexualidade é uma incursão que nos leva a pairagens diversas. Poderíamos caminhar pelas alamedas do pensamento filosófico; junto ao nascedouro da Psicologia e da Psicanálise; atermo-nos às expressões mais naturalistas da Biologia e da Medicina; e ainda nos enveredar pelos códigos do Direito e do âmbito jurídico. O que ocorre é que mesmo alguns desses campos do saber se mostrando mais enfáticos e pontuais, não há um consenso ou posição unívoca acerca dessas temáticas centrais da vida humana, ainda bem, ousamos dizer.

Para ingressarmos nesse percurso, buscamos referências em investigações acadêmico-científicas na base de dados da BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações) e da Scielo (Scientific Electronic Library Online), utilizando os seguintes descritores de interesse para essa pesquisa: *trisal*, *poliamor*, *sexualidade* e *Teoria da subjetividade*. O que nos permitiu identificar, no primeiro momento, que em nenhuma das duas bases se localiza estudos ao inserir o descritor *trisal*.

Desse modo, constatamos a partir da investigação realizada com o descritor *poliamor* que as pesquisas acerca dessas configurações de relacionamento vêm sendo desenvolvidas no cenário brasileiro na última década. Então, adotamos o ano 2012 como referência inicial de seleção temporal para os descritores de busca mencionados.

Resultou dessa seleção com o descritor *poliamor* o total de quinze pesquisas acadêmicas, entre teses e dissertações, e quatro artigos. Dessas produções científicas elegemos, deliberadamente, dez investigações de mestrado e doutorado e três artigos para compor nosso estudo para o estado da arte. Sendo assim, as teses e dissertações estudadas estão concentradas nos seguintes programas acadêmicos: (4) no campo do Direito; (3) na área da Psicologia clínica e da Psicologia social; (2) na Antropologia; (1) nas Ciências Sociais. Os artigos, por sua vez, correspondem (2) à área de estudos antropológicos, resultados de pesquisa de mestrado que não localizamos na BDTD, e (1) à Psicologia.

Ainda, as pesquisas e artigos selecionados e estudados nos possibilitaram ampliar nosso referencial de leitura diante das próprias sugestões bibliográficas neles presentes: com outros artigos, alguns deles derivados das respectivas dissertações e

teses encontradas na BDTD; com livros nucleares na trajetória e disseminação de saber acerca do poliamor; e com o alargamento do horizonte também para alguns trabalhos elaborados em contexto internacional.

Não nos deparamos com pesquisas a respeito do *poliamor* pela ótica da *Teoria da subjetividade*, o que nos direcionou a combinar esse segundo descritor com *sexualidade*, a partir da qual localizamos (3) pesquisas correspondentes na BDTD. É importante informar que agregamos o descritor *González Rey* – criador da Teoria da subjetividade e da Epistemologia Qualitativa – nesse segundo momento da busca, o que nos permitiu filtrar as investigações acadêmicas que fizeram uso específico dessa base teórica e metodológica sob o descritor da *sexualidade*. Na Scielo não foram localizados artigos com essa mesma combinação de descritores.

Seguindo o traçado acima exposto, fomos construindo uma relação com o conhecimento científico em formação sobre o poliamor – uma das “novas” formas de amar e estabelecer relações sexuais na sociedade contemporânea –, construção essa que fomos estabelecendo, assim como a expressamos abaixo, em movimento inverso: iniciando pela ampliação do referencial possibilitada pelas próprias pesquisas acadêmicas estudadas.

Sendo assim, a palavra poliamor tem sua etimologia da junção dos termos *poli*, do grego, e *amore*, do latim, carregando o significado de vários amores (ANAPOL, 2010; FREIRE; GOUVEIA, 2017; KLESSE, 2011; PILÃO, 2015; PILÃO; GOLDENBERG, 2012).

Segundo Cardoso (2010), duas correntes são identificadas na criação e emprego da palavra para nomear a vivência de relações afetivo-sexuais múltiplas, concomitantes e consensuais. Ambas localizadas na década de 90 do século passado, a primeira trouxe à baila um evento com tendência espiritualista e pagã da Igreja de Todos os Mundos realizado em Berkeley, na Califórnia. Em um segundo momento, no ano de 1992, com maior proeminência e abrangência possibilitada pela capacidade difusora da internet e de caráter mais cosmopolita, foi criado o grupo de e-mails *alt.polyamory* com a intenção de debater o poliamor.

A pesquisa de Cardoso (2010, 2017), realizada na Universidade Nova de Lisboa em Portugal, trouxe como campo e objetivo a análise das conversas desenvolvidas por

meio dessa *mailing list*. Utilizando-se de metodologia múltipla de caráter qualitativo e quantitativo, o autor interrogou se a prática do poliamor, para além de seu âmbito afetivo-sexual, pode ser percebida como uma atuação *queer*, uma produção de si mediante a escrita reflexiva, que contesta hegemonias e normativas – mono, hétero e patriarcais – na maneira de se relacionar. Articulando noções foucaultianas como “cuidado de si”, “parresía” e “estética da existência”; conceitos a respeito da análise da modernidade dos sociólogos Beck e Beck-Gernsheim; como também o referencial do sociólogo Nikolas Rose, Cardoso considerou o sujeito poliamoroso mediante um posicionamento moral e ético responsável ao estabelecer relações íntimas.

Nesse sentido, o poliamor apresenta uma das formas não-monogâmicas de se estabelecer vínculos consensuais afetivo-sexuais com mais de uma pessoa ao mesmo tempo. Anapol (2010) – psicóloga e uma das fundadoras do movimento do poliamor a nível internacional – e Klesse (2011) apontaram para os valores e atributos dessa forma de se relacionar, tais como: honestidade, ética, não exclusividade afetiva e sexual, negociação, confiança, intimidade, liberdade e compersão (emoção contrária ao ciúme). Essa menção é para citar os principais valores que se fazem necessários e presentes para que relacionamentos sejam denominados e condizentes ao poliamor.

No cenário brasileiro, o termo passou a circular nos anos 2000 através da comunidade *Poliamor Brasil* pertencente à rede social *Orkut*, na época (PILÃO, 2015). Nesse contexto, uma figura que já vinha sendo marcada como “polêmica” desde a década anterior com o lançamento do livro *A cama na varanda*, a partir de 2007 ganhou ainda mais notoriedade ao incluir nova seção, numa edição ampliada de seu escrito, sobre o poliamor. A psicanalista Regina Navarro Lins – quem escreveu livros sobre amor, sexualidade e novas formas de relacionamento (LINS, 2007, 2017) –, passou a ser reconhecida como “representante do poliamor” diante dos poliamoristas brasileiros. No entanto, manteve mesmo entre eles uma recepção polêmica, sendo criticada “por simplificar alguns debates, por equivocar-se e por privilegiar em demasia a dimensão sexual sobre a amorosa” (PILÃO, 2017, p. 43).

Nesse tocante, dois estudos brasileiros demonstraram percepções e considerações distintas e opostas acerca da manifestação e características do poliamor no Brasil e nos Estados Unidos (EUA) e Europa. Pilão (2015) realizou sua pesquisa analisando discursos de grupos poliamoristas em redes sociais, participando como

observador de encontros poliamorosos e mediante entrevistas com adeptos do poliamor. A partir dessas vivências e fazendo referência a Cardoso (2010), Pilão (2015, p. 421) notou que no Brasil o poliamor se vincula mais acentuadamente com os valores de “liberdade e espontaneidade”, em contraste com a prática poliamorosa nos EUA e Europa que valorizam mais o “compromisso, responsabilidade e negociação”.

Oposta a essa conclusão, a pesquisa de Perez e Palma (2018), que partiu da realização de entrevistas com poliamoristas, não identificou em seus participantes a diferença de valores notada por Pilão (2015). Outra contribuição importante levantada por essas pesquisadoras foi a preferência dos poliamoristas participantes de sua pesquisa pelo termo equidade, no lugar de simetria, ao que se refere à questão de gênero. Tendo em vista que falar em simetria implicaria uma anulação das diferenças sociais e históricas que perpassam o gênero masculino e feminino, nesse caso. O que nos parece continuar válido e muito pertinente se incluir nessa menção a pluralidade de gêneros que são tanto mais marginalizados.

Ainda há uma contribuição mais da investigação de Perez e Palma (2018) que queremos contrastar, dessa vez, com Pilão e Goldenberg (2012). As diferenças dos indivíduos que integraram os grupos poliamoristas em cada uma das pesquisas também se mostraram presente quando aparece, nas entrevistas e nas análises, a monogamia como contraposição. O grupo entrevistado pelas autoras não elevou o poliamor a um patamar mais nobre ou desenvolvido, enquanto os poliamoristas participantes no estudo de Pilão e Goldenberg (2012), no geral, colocaram a monogamia como menos evoluída.

As distinções também prevalecem com outras modalidades de relacionamentos não-monogâmicos, como o *swing* e as relações abertas (RA), por exemplo.

Se a relação Poliamor/monogamia é de antagonismo, a Poliamor/swing e RA é de ambiguidade. A existência de outras práticas ‘não monogâmicas’ proporciona aos poliamoristas a necessidade de outras formas de diferenciação que complexificam a dualidade Poliamor/monogamia. No entanto, a existência de uma pluralidade de práticas ditas ‘não monogâmicas’, não cessa a dicotomia Poliamor/monogamia, uma vez que os pesquisados situam tanto o swing quanto a RA como um “entre lugar”, uma espécie de híbrido, que reúne características contraditórias de ambos (PILÃO; GOLDENBERG, 2012, p. 64).

É interessante notar o uso da inicial maiúscula que os autores adotaram na palavra poliamor quando escrevem os pares relacionados, seja com a monogamia pelo antagonismo, seja com o *swing* e a relação aberta pela ambiguidade. Esse fato nos chama atenção quando nos direcionamos a um escrito mais recente de Pilão (2019) no qual não localizamos mais o uso de maiúscula para se referir ao poliamor, a não ser ao escrever o título dos textos analisados ou o nome dos grupos de poliamoristas<sup>8</sup>.

Nesse artigo de 2019, Pilão problematizou questões até então periférica e indiretamente situadas em suas pesquisas anteriores<sup>9</sup>. O pesquisador analisou textos escritos por mulheres feministas e não integrantes do movimento poliamorista, que destacaram os problemas do poliamor num “contexto de desigualdade de gênero, racial e econômica” e propuseram o poliamor como um “privilégio”. Pilão abordou “a ambiguidade dessas afirmações, já que a ideia de privilégio implica a posse de características vistas socialmente como positivas” (2019, p. 11).

Prosseguindo nosso percurso investigativo, viemos a conhecer a existência de variações também no interior do próprio movimento poliamoroso (PILÃO, 2015). Tais arranjos podem se configurar como “aberto” – se caracterizando pela abertura a novas relações afetivas e sexuais – ou “fechado”, o que delimita o relacionamento entre as pessoas inicialmente envolvidas, dando origem ao termo “polifidelidade”. Essas configurações podem ser ainda de três tipos:

“relação em grupo”, quando todos os membros do arranjo têm relações amorosas entre si; a “rede de relacionamentos interconectados”, quando cada membro tem relacionamentos poliamoristas distintos daqueles dos parceiros; e a “relação mono/poli”, quando, em um casal, um dos parceiros é poliamorista e o outro, por opção, não é (*Ibid.*, p. 393).

Com isso, constatamos que o tipo de relacionamento mono/poli apareceu entre os participantes da investigação de Pilão e Goldenberg (2012, p. 71), sendo que os

---

<sup>8</sup> Em comunicação com o autor (coorientador de nossa pesquisa), Pilão esclareceu que o poliamor, como categoria nativa, vinha normalmente em inicial maiúscula e com o tempo as revistas científicas foram solicitando a mudança.

<sup>9</sup> Também em conversa privada, Pilão chamou atenção para a historicidade presente aqui, no sentido de considerar o que era o poliamor antes e o que ele se tornou depois do aumento de discussões públicas desde 2012, pois essas questões – gênero, raça, classe – não apareciam nos debates sobre não-monogamia, em específico sobre o poliamor, até 2011.

autores destacaram a tentativa de “conversão” como uma marca dos dois lados nessas relações. Nesse aspecto, Perez e Palma (2018, p. 9) não localizaram essa configuração do poliamor em sua pesquisa, mas seus entrevistados apontaram para os riscos de “relações abusivas” nesse contexto. Assim sendo, avaliamos o quão relevantes parecem ser os atributos levantados anteriormente, de acordo com Anapol (2010) e Klesse (2011), a respeito do mútuo consentimento, não exclusividade e negociação, para retomar apenas alguns deles, na construção de uma relação poliamorosa.

Nessa altura, faz-se mister mencionar a ênfase atribuída ao amor nos relacionamentos poliamorosos, sendo essa a marca que os diferenciam de outros tipos de relacionamentos não-monogâmicos, como o *swing* e as relações abertas já mencionadas. Assim como das relações livres (RLi) e da poligamia, essa última sendo mais comum na forma de poliginia – vinculada principalmente à esfera religiosa de algumas culturas e, diante da perspectiva ocidental, evidentemente segregacionista quanto à questão de gênero, onde geralmente o homem vivencia a conjugalidade múltipla com várias mulheres, sem que as mesmas disponham de tal possibilidade (FRANÇA, 2017).

Essa mesma ênfase no amor é também a que aproxima os desacordos nos “discursos sobre o amor” na teoria e na prática afetivo-sexual poliamorosa de acordo com Klesse, quem nos diz que: “Somente a ênfase de que é mais do que apenas sexo que fundamenta uma relação poliamorosa é comum a todas as descrições de poliamor. Às vezes, esse “mais do que sexo” é capturado em referências à intimidade” (KLESSE, 2011, p. 10; tradução nossa).

A intimidade como possibilidade para se pensar o poliamor se revelou um ponto de passagem importante a partir da leitura de Giddens (1993). Nessa obra, o sociólogo britânico propôs a transformação da intimidade como o motor e ponto de virada na forma pela qual as pessoas se relacionam afetiva e sexualmente na sociedade moderna. Traçando uma análise crítica acerca da criação do amor romântico que se fez presente, relevante e preponderante nas relações entre os séculos XVIII e XX, o autor formulou conceitos como “relacionamento puro”, “sexualidade plástica” e “amor confluyente”, para refletir acerca das relações modernas que não mais se baseiam em convenções sociais exclusivas, mas que se constroem e se mantêm a partir do sentido próprio dessas relações para os indivíduos envolvidos.

Anapol (2010) e Lins (2017) também trouxeram a intimidade como uma questão importante em seus respectivos livros. São vários os entrelaçamentos e as contextualizações que ambas as autoras vão tecendo ao contar as histórias compartilhadas por outras pessoas em suas experiências profissionais, também através de suas vivências pessoais, assim como recorrendo a teóricos que abordam a intimidade nas relações afetivo-sexuais.

Para mencionar a intimidade posta em questão, Anapol (2010, p.72) indicou que a dependência – emocional e/ou financeira –, presente no paradigma de relacionamento sustentado na crença do amor romântico, pode comprometer o desenvolvimento da intimidade profunda entre as pessoas. Lins (2017, p. 22), por sua vez, corrobora esse pensamento, afirmando que no amor romântico há maior idealização do parceiro, o que por sua vez não sustenta o desenvolvimento de uma relação mais íntima. Ambas as concepções estão de acordo com a análise empreendida por Giddens (1993).

Nesse sentido, foi sendo formulada social e historicamente, nos últimos séculos de nossa cultura ocidental, uma conexão enviesada entre dependência e intimidade, na qual uma implicaria na existência da outra. Os três autores acima questionam justamente essa falsa implicação, evidenciando inclusive o caráter de contraposição entre uma (dependência) e outra (intimidade). Giddens escreveu, ainda, sobre a co-dependência presente em relacionamentos nos quais os indivíduos envolvidos fazem da própria relação objeto de vício e se vinculam um ao outro através de um caráter compulsivo na maneira de se relacionar (1993, p. 102).

Nesse íterim, interessa nos voltarmos às pesquisas acadêmicas inicialmente selecionadas com a intenção de apresentar os campos e teorias que vêm sendo mobilizadas, no que toca a discussão vigente sobre o poliamor no contexto nacional. Nas Ciências Sociais, Andrade Júnior (2019) realizou uma análise de comentários no *Youtube* com o objetivo de identificar as representações sociais acerca do poliamor. Localizando duas principais representações sociais acerca da constituição de família, a nuclear tradicional e a eudemonista, o pesquisador constatou uma recepção mais positiva do público feminino em comparação ao masculino, diante dessa “nova” modalidade de relacionamento.

Em área correlata, dois estudos etnográficos trouxeram o poliamor sob a vertente da Antropologia Social. Primeiramente, França (2016, 2017) constatou o imbricamento

de elementos que aparecem tanto em relações monogâmicas, quanto nas não-monogâmicas, nesse caso o poliamor. Percebendo que o amor romântico se faz presente não somente em seu berço monogâmico, mas também, em forma de vestígios, nas relações poliamorosas. Considerando que os poliamoristas, em proporções variadas, já vivenciaram relações monogâmicas e, antes disso, estão, ainda que pela resistência, inseridos na cultura mononormativa ocidental dos últimos séculos.

A partir de um exame dos debates do grupo *Poliamor Brasília* no *Facebook* e sua observação participante em encontros organizados pelo grupo, o pesquisador questionou ainda as identidades e conjugalidades articuladas através do poliamor. França (2016), ao tratar dos estigmas do poliamor no terceiro capítulo de sua dissertação, utilizou a expressão “armário” dos poliamoristas – aludindo à “saída do armário” que se faz constante na comunidade LGBTQ+ (Lésbicas, gays, bissexuais, travesti, transexuais, transgêneros+) e à Epistemologia do armário da teórica *queer* Eve Sedgwick.

Bornia Junior (2018), por sua vez, elegeu como campo de sua pesquisa etnográfica o Sul do Brasil, mais especificamente, a capital sul-rio-grandense. O autor relatou em sua tese a dificuldade de encontrar poliamoristas nessa região, afirmando que a concentração de adeptos ao poliamor ocorre principalmente no sudeste do país. Nesse sentido, ampliou o leque de análise também para as relações livres.

Engajando noções de arcaouço foucaultiano: agenciamento, dispositivos de poder, diferenças; o pesquisador (se) interrogou e rompeu com preconceitos e estereótipos moralizantes atribuídos a essas relações não-monogâmicas, como a ideia de estarem destinadas ao fracasso ou de serem pervertidas, por exemplo. Assim como contextualizou as complexidades vivenciadas nessas relações quanto às negociações, à questão de gênero, econômica e racial, percebendo nas mulheres maior expressividade no que se refere à evidência das desigualdades entre o gênero masculino e feminino.

A ruptura com a concepção de discurso restrito ao aspecto lingüístico, proporcionada pelos estudos de Michel Foucault, tornou impraticável falar de corpos, sexualidade e prazer sem ao menos perpassar algumas noções brilhantemente desenvolvidas pelo filósofo francês. A partir disso, os discursos passaram a ser compreendidos como práticas sociais que movimentam saberes/poderes na história ocidental, sendo explorados/exploradores pelo/do agenciamento dos corpos, dos

prazeres e da sexualidade. Os discursos, nessa concepção, são conformados em “dispositivos de sexualidade e de poder” que superam, mas não excluem o “dispositivo de aliança” (FOUCAULT, 1988).

O dispositivo de aliança se estrutura em torno de um sistema de regras que define o permitido e o proibido, o prescrito e o ilícito; o dispositivo da sexualidade funciona de acordo com técnicas móveis, polimorfos e conjunturais de poder. O dispositivo de aliança conta entre seus objetivos principais, o de reproduzir a trama de relações e manter a lei que as rege; o dispositivo de sexualidade engendra, em troca, uma extensão permanente dos domínios e das formas de controle. Para o primeiro, o que é pertinente é o vínculo entre parceiros com *status* definido; para o segundo são as sensações do corpo, a qualidade dos prazeres, a natureza das impressões, por tênues ou imperceptíveis que sejam. Enfim, se o dispositivo de aliança se articula fortemente com a economia devido ao papel que pode desempenhar na transmissão ou na circulação das riquezas, o dispositivo de sexualidade se liga à economia através de articulações numerosas e sutis, sendo o corpo a principal (FOUCAULT, 1988, p. 101; grifo do autor).

Nesse panorama, além das pesquisas destacadas acima (BORNIA JUNIOR, 2018; CARDOSO, 2010, 2017; FRANÇA, 2016, 2017), uma mais utilizou conceitos foucaultianos na base epistemológica de suas análises. Silva, Neres e Silva (2017), em seu artigo que compõe parte de um dossiê, assumiram o poliamor como objeto de estudo relevante nas Ciências Sociais. Os autores, assim como Cardoso (2010, 2017), propuseram a ideia de “cuidado de si”, “parresía” e “estética da existência” como chaves de leitura e de práticas na vivência afetivo-sexual do poliamor. Desse modo, o amor apareceu aos pesquisadores como a emoção em questão a ser revisada, ademais de apontarem para o papel central da internet como propiciadora e disseminadora de discursos e práticas poliamorosas.

Em outro artigo do mesmo dossiê, o realce conferido foi para o caráter de “escolha” que configura o poliamor. Costa e Belmino (2017) assinalaram para o poliamor um cenário de desafio às ideias, práticas e instituições hegemônicas patriarcais, hétero e mononormativas. Posicionando-o entre a transgressão – devido ao rompimento com paradigmas na maneira de se relacionar amorosa e sexualmente – e a institucionalização, por correr o risco de ainda ser circunscrito à lógica imperativa dos relacionamentos monogâmicos.

O referencial teórico trabalhado por esses pesquisadores partiu, principalmente, do anarquista e teórico crítico da sociedade Paul Goodman e sua concepção de repressão da sexualidade. Os autores afirmaram ainda que, mesmo diante das transformações ocorrendo no âmbito das relações, o percurso a ser descoberto para a legitimação do poliamor é longo e árduo (COSTA; BELMINO, 2017).

Ao tocar o aspecto da legitimação dos relacionamentos poliamorosos, julgamos relevante o conhecimento de que no ano de 2012 foi realizada a primeira união estável poliafetiva entre três pessoas no interior do estado de São Paulo, e que a partir de 2018 o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) proibiu novas oficializações dessa modalidade de relacionamento afetivo-sexual devido a repercussões polêmicas referente ao entendimento de que família seria unicamente monogâmica (cf. ANDRADE JUNIOR, 2019, pp. 12-13).

Nesse sentido, no que concerne ao âmbito jurídico, encontramos congruência nas pesquisas, sendo a afetividade assumida como um princípio a ser respaldado pelo direito civil e constitucional da família. A partir disso, a conjugalidade nesses estudos é assumida em seu caráter múltiplo (KNOBLAUCH, 2018; PEIXOTO, 2019; PORTO, 2017; ROTONDANO, 2018; SANTIAGO, 2014). Já a monogamia é desmontada de seu suposto lugar de princípio e atribuída como um valor, produto das normas culturais vigentes, e delegada ao plano de uma seleção pessoal, não a uma obrigatoriedade (SANTIAGO, 2014).

Outro ponto para o qual desejamos chamar a atenção na pesquisa de mestrado de Santiago (2014) é a entrevista realizada com um dos fundadores da Igreja de Todos os Mundos, Oberon Zell, a mesma igreja mencionada anteriormente para situar a criação do poliamor como termo e movimento no norte do continente americano. Acreditamos ser importante também a diferenciação do estudo de Peixoto (2019), quem aciona a esfera extrajudicial ao trazer para o debate a cidadania enquanto política pública, essencial no resguardo ao direito e proteção da família originada da “união poliafetiva”.

Adentrando nossa área de formação primeira, localizamos o descritor *poliamor* nas pesquisas de Freire (2013), Reis (2017) e Silva (2017) em Programas de Pós-graduação de Psicologia. Dito isso, o estudo de Freire (2013) se diferencia por sua metodologia exclusivamente quantitativa: dividido em quatro partes, através de um questionário, a pesquisadora mediu – em atitudes denominadas por ela como

“implícitas” e “explícitas” – os valores humanos, as concepções de amor e os aspectos do ciúme em relação ao poliamor. Sendo constatado como um dos resultados, por meio das escalas encontradas, que os participantes desse estudo não opõem essa forma de relação à monogamia.

Quanto à investigação de Reis (2017), essa nos interessou particularmente no que se refere à configuração da relação entre os participantes de sua pesquisa. Reis entrevistou um trisal, apresentando-o como um estudo de caso, e a partir da Análise de conteúdo expôs as similaridades (como questão de gênero, divisão de tarefas e ciúmes) da família poliamorosa com a composição familiar monogâmica. Por outro lado, a autora mostrou as especificidades da sexualidade – plástica e bissexual nesse caso – e da conjugalidade – que diminuí a fronteira entre amor e amizade – presentes no poliamor.

Por último, nesse eixo de estudo, notamos que Silva (2017) está de acordo com França (2016, 2017) no que se refere ao amor romântico não sair de cena mesmo nos relacionamentos poliamorosos. Com o aporte da Teoria feminista, a pesquisadora constatou ainda que a igualdade, enquanto preceito do ideal do poliamor, não se concretizou na vivência das participantes de seu estudo, o que ressalta mais uma vez a questão de gênero atuante também nesses contextos de relacionamento.

Ainda em tempo, a questão da professora da Universidade de Southampton no Reino Unido capturou nossa atenção: *What's queer about non-monogamy now?*, essa indagação foi elaborada por Eleanor Wilkinson (2010) e é o título de um dos capítulos do livro intitulado *Understanding Non-Monogamies*. Wilkinson elegeu o poliamor como tema de discussão e, o abordando num posicionamento mais radical, clamou por um engajamento político e social, o qual constatou faltar em correntes do poliamor que o restringem a uma opção individual na maneira de se relacionar. Recordamos, nesse ponto, o contraste com Costa e Belmino (2017), que associaram o poliamor ao critério de escolha, como dito anteriormente. A geógrafa inglesa defendeu a relevância dos poliamoristas se colocarem aberta e enfaticamente contra a monogamia compulsória, com o risco de, se não o fizerem, caírem no que ela chamou de “polinormatividade” (WILKINSON, 2010).

Alcançamos, nesse momento, o aporte teórico de nosso maior interesse, tanto onto-epistemológica quanto metodologicamente. A Teoria da subjetividade criada pelo psicólogo cubano González Rey, a partir da Psicologia histórico-cultural de Vygotsky,

elevou a subjetividade ao patamar de categoria a ser estudada. De acordo com o que já mencionamos no início do estado da arte, não encontramos estudos acerca do poliamor na linha construtivo-interpretativa da Epistemologia Qualitativa e da Teoria da subjetividade de González Rey.

Nesse sentido, apresentamos, então, as investigações localizadas mediante o alargamento dos descritores ao incluir *sexualidade*: a tese desenvolvida por Moncayo Quevedo (2017) e as dissertações de Bonato (2019) e Meireles (2020), que utilizaram desse fundamento epistemológico e metodológico.

Ao pesquisar em duas escolas de Cali, na Colômbia, sobre o processo de ensino-aprendizagem quanto à educação sexual dos alunos e a articulação dos professores nesse contexto, Moncayo Quevedo (2017) buscou compreender os aspectos da subjetividade individual e social que permeavam esse cenário. O pesquisador levantou e analisou três pontos de percepção de seu estudo, que inserimos em sequência: a) o caráter racional e padronizado com o qual se aborda o processo de ensino-aprendizagem acerca da sexualidade nesses espaços; b) a tentativa de inclusão da diversidade sexual nos discursos dos educadores e do sistema educacional; c) a negligência do processo subjetivo – que condiz à singularidade das vivências que os alunos têm de sua sexualidade no encontro com os diversos contextos sociais dos quais participam – como parte do espaço escolar.

Bonato (2019), por sua vez, constatou uma lacuna existente na formação de psicólogos, no que concerne à sexualidade enquanto aspecto de construção da subjetividade da vida humana. Tal verificação ocorreu através de análises de ementas das disciplinas que integram o currículo do curso de Psicologia em cinco universidades na cidade de Curitiba e de encontros conversacionais com alunos dos últimos períodos da graduação em Psicologia. A pesquisadora concluiu, a partir disso, que as universidades reproduzem o silenciamento – decorrente de outros espaços sociais – e a negação da sexualidade como elemento importante a constar na base curricular e na criação de sentidos subjetivos desses futuros profissionais da saúde.

Também lançando mão do método construtivo-interpretativo da Epistemologia Qualitativa, Meireles (2020) defendeu em sua dissertação a estigmatização e a discriminação como aspectos conjunturais na formação histórica e social da heteronormatividade, assim como a evidência de que esses fatores impactam na

construção de configurações subjetivas de jovens universitários gays cisgêneros. O autor apontou, o que está em concordância com Bonato (2019), a universidade como reprodutora das contradições presentes na sociedade, mas reconheceu a atuação efetiva dos espaços acadêmicos na promoção de questionamentos que deflagrem a hegemonia capitalista, heterossexual e patriarcal.

Ao longo do estudo para esse estado da arte, constatamos que as investigações acerca do poliamor vêm ganhando fôlego na academia brasileira na última década principalmente no Direito, na Antropologia como ramo das Ciências Sociais e na Psicologia. O poliamor foi apresentado nas pesquisas como uma “nova” forma de relacionamento afetivo-sexual que assume critérios de concomitância e consensualidade entre os indivíduos intimamente vinculados.

Os valores atribuídos pelos participantes das pesquisas estudadas, como também através do referencial teórico, a essa modalidade de relação não-monogâmica, englobam, dentre outros, a negociação, a liberdade e a responsabilidade. Em termos finais, os estudos encontrados demonstraram um caráter de ambigüidade presente no poliamor quando analisado em paralelo aos outros tipos de envolvimento não-monogâmicos e um empenho na marcação de antagonismo com a monogamia compulsória. Além de sinalizarem as complexidades peculiares possíveis dessa “nova” configuração de amor e sexo nos relacionamentos.

*A especificidade do objeto na comunicação vem do olhar, ou do viés, que permite vê-las e analisá-las [as práticas comunicativas] enquanto comunicação, isto é, na sua natureza comunicativa.*

*(Vera França, Paradigmas da Comunicação)*

#### **4 POLIAMOR: AFINAL O QUE A COMUNICAÇÃO TEM A VER COM ISSO?**

A presente pesquisa nos tem sido provocadora e instigadora em diversos aspectos, desde os mais macros até uma esfera mais íntima. Contudo, dizemos que, certamente, o fato de nos imiscuirmos e enveredarmos por uma área do conhecimento – a Comunicação – que não configura propriamente nossa formação de base – a Psicologia – tem circunscrito um dos traços mais desafiadores. No entanto, não é a primeira vez que nos movimentamos nesse sentido, o caráter inter e transdisciplinar compõem nosso interesse e atitude diante do acesso e construção do pensar e experimentar o mundo, além de também marcarem a própria Comunicação e o espírito de nosso tempo.

Valendo-nos desses caracteres (inter e transdisciplinar) para refletir e fundamentar o que a Comunicação tem a ver com o poliamor, vamos seguir alguns rastros para dizer que ela tem tudo a ver com isso. De modo reverso, nos parece interessante indagar também: como poderia a Comunicação não se a ver com essa conversa?

Dito isso, evidenciamos que tal engajamento intelectual e teórico se dá a partir de nossa disposição de articulação, pois é seguro que são múltiplas as entradas possíveis para acessar e criar esse diálogo e que a mais óbvia provavelmente ocorreria pelas mídias. Então, uma informação importante outra vez mais, para se considerar nesse capítulo também, é que as mídias em nosso estudo aparecem incontornavelmente como recurso e ferramenta metodológica, mas não configuram objeto de pesquisa. Nesse sentido, a chave que faz abrir nossa conexão com a Comunicação é o estudo do próprio processo comunicativo na configuração subjetiva de uma relação poliamorosa entre três pessoas.

Para além do fato da metodologia e das ferramentas de execução da pesquisa serem atravessadas pelas mídias, com o uso do *Instagram* para captação dos participantes e por meio de plataformas digitais de comunicação para a conversação com os mesmos – fato esse que valorizamos, visto a viabilidade que proporciona para a execução da pesquisa na atualidade pandêmica; nos interessa, contudo, mais especificamente, o lugar que a comunicação ocupa em nosso estudo, enquanto um elo que possibilita vincular a metodologia com base na Epistemologia Qualitativa de González Rey e a complexidade dos processos comunicativos na configuração

poliamorosa de um relacionamento afetivo-sexual entre três pessoas, ao assumirmos a negociação como um de seus valores centrais (cf. ANAPOL, 2010; KLESSE, 2011).

Sendo assim, serão três os rastros que vamos seguir, nesse capítulo, para dizer do valor e do lugar da comunicação em nossa investigação sobre o poliamor. O primeiro deles parte da argumentação provocativa da professora – de Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais – Vera França no artigo *Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê?* Fazemos uso de sua reflexão para colocar em movimento a concepção de comunicação que apoiamos e da qual recebemos apoio desde a Epistemologia Qualitativa e a Teoria da subjetividade.

O segundo rastro, que se trata de receber e comunicar-se com o outro como estrangeiro e, em extensão, como habitante de um mundo diverso, é posto em marcha por dois “intercessores” (cf. DELEUZE, 1992): o livro *Por que amamos* do professor de Filosofia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Renato Nogueira, e um trecho da produção cinematográfica do diretor canadense Denis Villeneuve, *A chegada* (*Arrival*, no original, 2016).

Sobre a última pegada, a saber: o *Manifesto contrassexual* da até então filósofa espanhola Beatriz Preciado – que desde 2015, em seu processo de transição de gênero, é Paul Preciado – que nos oferece a noção de sujeito falante; dizemos que parece ser prensada com uma grande força pelo impacto que (nos) gera sobre a base patriarcal, capitalista, mono-hetero-cisnormativa que ainda serve de estrutura social moderna.

Com isso em vista, passamos a seguir, então, nossa primeira indicação.

#### **4.1 Comunicação – o x da questão**

Ao ingressar nesse rastreamento, adotamos para o percurso uma postura que se expressa em duas vias: assumimos a comunicação como eixo de estabilidade dinâmica da existência humana e buscamos voltar à atenção para o (registro do) valor do diálogo, dos próprios processos comunicativos, para a Comunicação através da investigação da configuração subjetiva de uma relação poliamorosa entre três pessoas. Desenvolvemos essa postura como contraponto à percepção da acentuada e coerente estima e centralização que o estudo das mídias tem para a Comunicação, na verdade como

fenômeno marcador do mundo globalizado e tecnológico em que vivemos, algo que indubitavelmente não colocamos em questão, mas que deliberamos seguir em direção contrária.

Já nesse ponto, a argumentação da pesquisadora Vera França nos alcançou de maneira precisa e cara. França (2001) propõe outras formas de tratar a comunicação que vai ao encontro de nossa perspectiva. Trata-se de tomar a comunicação como:

- um processo de troca, ação partilhada, prática concreta, interação – e não apenas um processo de transmissão de mensagens;
- atenção à presença de interlocutores, à intervenção de sujeitos sociais desempenhando papéis, envolvidos em processos de produção e interpretação de sentidos – mais do que simples emissores e receptores;
- identificação dos discursos, formas simbólicas que trazem as marcas de sua produção, dos sujeitos envolvidos, de seu contexto – e não exatamente mensagens;
- apreensão de processos produzidos situacionalmente, manifestações singulares da prática discursiva e do panorama sócio-cultural de uma sociedade - em lugar do recorte de situações isoladas (FRANÇA, 2001, pp. 15-16).

Portanto, para a finalidade dessa pesquisa não nos serve partir de um estudo da comunicação das teorias norte-americanas, por exemplo, seja da Escola de Chicago, da Semiótica peirceana ou mesmo da Escola de Palo Alto, que apresentam em comum uma orientação empiricista e pragmática, de teor predominantemente quantitativo, de estudos com objetos voltados para a comunicação mediática e modelos comunicativos – que concebem a comunicação como mais ou menos linear, simplificada e sistemática – (ARAÚJO, 2010) centrados numa esquematização, com suas variações, de emissor→ canal/mensagem→ receptor.

Quando ponderamos que mesmo a Escola de Palo Alto com a elaboração de uma nova teoria da comunicação, mais complexa, circular e sistêmica, ainda não serve à concepção de processo comunicativo com a qual nos engajamos, isso se deve principalmente pela compreensão estritamente pragmática de comunicação, defendida por seus teóricos, e pelo entendimento dos paradoxos, dos conflitos e das ambiguidades comunicacionais como desvios da autorregulação do sistema de comunicação (SAID; LIMA; ALVES, 2017). Enquanto que para nós, os conflitos possibilitam o

desenvolvimento dos processos comunicativos e configuram a autorregulação da comunicação compreendida como sistema ativo e estrutura dialógica (GONZÁLEZ REY, 1995, 2009a, 2010b, 2014, 2016a, 2016b; PATIÑO TORRES, 2022).

Ainda, caso fôssemos nos ater aos aspectos simbólicos da comunicação, seria uma possibilidade nos valer, por exemplo, do enfoque semiológico do linguista Ferdinand Saussure, com toda a ênfase na (da) língua compreendida como um sistema arbitrário, estritamente social e uma imposição à consciência do indivíduo de formas estáveis idênticas a si mesmas (HALL, 2006, p. 40; GONZÁLEZ REY, 2013, p. 23). Entretanto, há uma esfera que nos é essencial na pesquisa e vai à contramão da abordagem estruturalista do pensador francês, a saber: a esfera subjetiva; a singularidade implicada nos processos comunicacionais.

Nesse sentido, encontramos e buscamos acompanhar os traços de Vera França (2001, p. 16), que nos contam da especificidade do olhar da comunicação a partir da integração elementar de três aspectos: a relação dos interlocutores; a produção de sentidos – aqui fazemos a especificação importante de nosso estudo: de sentidos subjetivos –; a situação sócio-cultural, à qual incluímos também a relevância do teor histórico. Somamos, então, a esses aspectos uma quarta dimensão para alcançar a concepção de comunicação com a qual formamos aliança: as emoções, os afetos, com suas tonalidades das mais diversas e imprevisíveis, tão temidos e espezinhados no âmbito acadêmico e científico ortodoxo, empirista e positivista por serem recepcionados como ameaça a uma ideia de ciência e academia que se pretende(ia?) pura, isenta e imperialista.

“Trata-se, portanto, o processo comunicativo, de algo vivo, dinâmico, instituidor – instituidor de sentidos e de relações [...]; espaço de realização e renovação da cultura” (FRANÇA, 2001, p. 16); da globalidade, circularidade e complexidade do processo comunicativo, como afirma a autora. Nessa altura, recuperamos e trazemos como aposta a proposição dos processos comunicativos a partir da Epistemologia Qualitativa e seu valor para a Comunicação. González Rey (1995) enfatiza o caráter subjetivo da comunicação humana, que se expressa tanto por formas verbais quanto não verbais, assim como afirma a importância de se considerar as motivações e necessidades das pessoas envolvidas nos processos comunicativos.

Com isso, temos marcadores diferenciais para compreender a comunicação, isto é, ela se configura como processo aberto, vivo e contraditório, ao mesmo tempo subjetivo, social e coletivo, no qual se registra a possibilidade de crescimento dos indivíduos envolvidos quando se está atento aos preconceitos e a formação de juízos de valores direcionados ao outro em função das diferenças (GONZÁLEZ REY, 1995). Dito de outro modo, o que estamos corroborando, em companhia, é “o valor dos processos comunicativos para o próprio desenvolvimento humano” (PATIÑO TORRES, 2022, p. 174) e, ainda, o fato de que a comunicação está além de um viés instrumental, de que é um espaço qualitativo relacional para o desenvolvimento da personalidade, mais especificamente da subjetividade (PATIÑO TORRES, 2022).

Nesse panorama, a emoção deixa de aparecer apenas como epifenômeno, como causadora de ruídos indesejáveis aos quais rapidamente se tenta escapar, esconder e eliminar; passa, então, a ter seu espaço legitimado e valorizada sua capacidade produtiva junto aos recursos simbólicos, que, nessa trama, “se tornam referentes significativos na medida em que as relações entre as pessoas estão constituídas por formas comunicacionais geradoras de sentidos (subjetivos)” (PATIÑO TORRES, 2022, p. 179). Os ruídos compõem a comunicação que ganha matiz qualitativo numa lógica configuracional, no qual “o conflito abre portas para a reflexividade. [...] O diálogo, então, abre passo para o reconhecimento, valorização e promoção da alteridade da constituição humana”, como Patiño Torres (2022, p. 180) nos ajuda a pensar.

Em nossa perspectiva, a comunicação, entendida em forma de diálogo, é marcada pelas unidades simbólico-emocional, social-individual e histórico-cultural. Em específico, nos interessa a comunicação como via essencial para o desenvolvimento de uma relação, na medida em que essa vai passando por transformações, a partir das quais se faz necessário assumir mudanças nos próprios processos comunicativos. Nesse sentido, entendemos, então, que a falta de comunicação leva ao mascaramento e repressão dos desejos e necessidades. E que a alienação no (do) relacionamento acontece quando se distancia o processo de comunicação das necessidades das pessoas envolvidas (GONZÁLEZ REY, 1995).

O linguista George Lakoff em companhia do filósofo Mark Johnson (2002, p. 47) falam sobre imaginar uma cultura em que a discussão – que aqui usamos para dizer da comunicação – seja vista como uma dança, feita de passos e (des)compassos e não

como uma guerra (um embate, um combate), repleta de ataques e defesas. Ou ainda, buscando uma maneira análoga para expressar, uma cultura que seja voltada ao outro (GONZÁLEZ REY, 1995), que estimule a necessidade de disposição mútua para a perspectiva alheia.

Essa ideia localiza a pista para nossos movimentos seguintes, sobre os quais vale ainda falar aqui – e para isso contamos uma vez mais com a presença de González Rey (1995) –, que desde vertentes biologicistas e positivistas há uma desvalorização da subjetividade e da comunicação como constituintes da sexualidade, no entanto, tanto a sexualidade quanto os afetos são sensíveis aos processos de comunicação.

#### **4.2 A estranheza como potência comunicativa**

Adentramos essa seção reconhecendo a necessidade de dar um passo atrás antes de prosseguirmos; não nos enganemos, para que a preposição mude, isto é, para que em vez de ir de encontro ao outro possamos ir ao encontro do outro é preciso que o tenhamos feito em relação a nós mesmos primeiramente. A tarefa é árdua e contínua, não se trata de uma noção romântica de (auto)sacrifício ou de um estado de evolução que se atinge e está acabado, talvez se refira mais a um ponto de virada processual em que vamos percebendo que o mundo é um lugar de “cabeça para baixo” e que esse lugar ao avesso é estranhamente familiar.

Esse recuo diz respeito ao imperativo de se conectar com as próprias emoções, de criar vias de comunicação com as necessidades de si mesmo, de contatar, a princípio, o outro e a multiplicidade no processo ativo de subjetivação que nós mesmos vivenciamos, para em seguida tornar possível a sensibilidade de enxergá-lo ao redor. O que estamos manifestando é que

é impossível amar, seja lá como for, sem antes conhecermos a nós mesmos. O autoconhecimento é o primeiro e fundamental degrau para que sejamos capazes de buscar o que precisamos e para que, inclusive, saibamos identificar o tipo de amor que melhor nos convém (NOGUERA, 2020, p. 48).

Soa clichê, com ares de utilitarismo, talvez seja um risco que tenhamos de correr nesse lugar de atravessamento; cuidar do elementar que guarda em si o germe da própria complexidade ou como escutamos em um momento de partilha de ideias na virtualidade das aulas presenciadas: precisamos dominar o tradicional para não sermos devorados por ele. A palavra dominar, no sentido que ganhou para nós, está muito mais relacionada com uma ideia de incorporação do que ao seu habitual uso colonopatriarcal-capitalístico de subjugação.

bell hooks (2000) – falecida no momento em que escrevemos esse texto e a quem prestamos nossa homenagem e gratidão – nos ensina sobre o amor ser uma ação, a arte da junção do sentimento e da ação, e que para conhecer o amor, primeiro é preciso aprender a responder nossas necessidades emocionais. A pensadora feminista afirma que o amor não se trata de conquista, nós dialogamos com ela para argumentar que se trata de cultivo. É o amor que nos tem e só nos resta, portanto, transformá-lo em ação, como escutamos também, dessa vez em uma oficina de imaginação compartilhada. “Uma ação possui sempre uma dimensão coletiva, política e espiritual. E o amor não foge a essa regra” (NOGUERA, 2020, p. 50).

Como fazemos amor é como fazemos política, arriscamos ainda dizer que a recíproca parece ter validade. Encontrar a modalidade de relação na qual conseguimos declarar nosso afeto revela que “o amor é uma arte político-afetiva. [...] amar é um ato político, e, como todo fazer político, o amor enfrenta desafios” (NOGUERA, 2020, p. 123). Todos os formatos de opressão bloqueiam a manifestação da experiência amorosa, é preciso uma atitude de abertura e disponibilidade de comunicação contínua nessas vivências, isso não é possível sem antes “sair do paraíso”, “cair em si”, experimentar a queda que permite deslocar o outro e a si mesmo da posição de objeto amado para sujeito amado. Na prática esse é um acontecimento que ocorre de modo paradoxal, contraditório e repleto de ruídos.

Ao voltar um passo temos a possibilidade de ampliar o campo de visão e diante disso criar perspectivas novas para seguir. Tal aspecto vale tanto para a pesquisa, como também para a vida, para as comunicações nos relacionamentos, que é o que nos interessa aqui. Então, é importante considerar que os tipos de relações são marcados também por aspectos histórico-culturais, nesse sentido o poliamor demanda espaço nos tempos atuais, é uma modalidade pós-moderna de afeto e de vivência da sexualidade.

Como disposição para escuta e comunicação dos desejos e afetividades entre os indivíduos envolvidos, “o poliamor exige um esforço diferente, que envolve o respeito e a sensibilidade aos desejos e às necessidades do outro” (NOGUERA, 2020, p. 83).

Nesse panorama, a questão, então, é: como se comunicar? Para isso, acompanhamos a indicação mais direcionada de Noguera (2020): entrar em contato com o outro como um estrangeiro. A acepção de estrangeiro aqui é avessa a uma conotação do estranho e do exótico como forma de depreciação do outro. Neste cenário, o compromisso é com um exercício de recepção não preconceituosa, não estereotipada e menos xenofóbica possível. Sendo assim, enquanto estrangeiros, pode haver idiomas mais próximos, até mesmo dialetos de um idioma comum, mas também outros mais distantes. Por isso a necessidade de atenção aos processos comunicativos e a disposição de aprendizagem do idioma do outro.

O conceito deleuziano de intercessores, que mencionamos na entrada do capítulo, faz referência ao que permite colocar em movimento um texto em nosso caso, sejam os intercessores uma pessoa, uma ideia ou um objeto, eles são companheiros de estrada (DELEUZE, 1992). Pois bem, além dos que nos acompanharam até aqui, chamamos também, nesse momento, um trecho do filme *A chegada* que vai do minuto 42 até o minuto 43 e 30 segundos.

O enredo dessa ficção científica como um todo é espetacular, conta a história de como uma linguista e um físico conseguiram se comunicar com seres de outro planeta que pousaram na Terra, “ao mesmo tempo” em que vivenciavam seu próprio relacionamento. A narrativa propõe uma experimentação de tempo e espaço diversa da que conhecemos nos moldes cronológicos, algo como as outras noções e deuses gregos do tempo: tanto *aion* relacionado ao tempo como sentido e indefinição, quanto *kairos* como tempo qualitativo e oportuno (um conhecimento que recuperamos em um encontro sobre a importância da fantasia para a pesquisa).

Após conceder uma ideia geral sobre a sensível e inteligente produção cinematográfica, podemos nos voltar ao mais interessante para nossa pesquisa com o fragmento que selecionamos: a estrutura dinâmica oferecida enquanto proposição de comunicação através da frase *(What) is your purpose on Earth?* Trata-se da importância de fazer perguntas, de entender que está sendo pedida uma informação para que se possa proporcionar uma resposta; da diferenciação entre um propósito coletivo, então

compartilhado, de outro individual; perguntar sobre a intenção, a motivação e a necessidade dos envolvidos. Desse modo, é sobre aprender a(e) se dispor ao idioma do outro para gerar possibilidades de inteligibilidade na comunicação e não exclusivamente ruídos.

Nesse sentido, “um relacionamento amoroso não é uma experiência entre conterrâneos, mas sim entre estrangeiros” (NOGUERA, 2020, p. 126), pede abertura às diferenças que denotam também uma dimensão individual, o que não significa individualista, da linguagem, na qual os processos comunicativos se configuram de maneira complexa, sistêmica, constitutiva e dinâmica, “desde os quais as emoções vibram simbolicamente, ao mesmo tempo em que as produções simbólicas se articulam à emocionalidade com a qual se experimenta a vida” (PATIÑO TORRES, 2022, p. 174).

Encaminhamo-nos, nessa altura, à última pista que dá passagem para um terreno um tanto mais insólito, mas que revela as instâncias de comprometimento que ainda estão ganhando forma, contornos, não exatamente formatos, no que tange “o fazer político da arte de amar” contemporânea que “está justamente em negociar constantemente, fazer e refazer pactos” (NOGUERA, 2020, p. 127), se comunicar.

### **4.3 Negociando entre sujeitos falantes**

Ler Preciado é uma experiência corporal: eriça os pêlos, provoca fluídos, contrai e expande os orifícios, acelera os batimentos cardíacos e atíça o córtex cerebral; e anímica, porque gera abalos sísmicos na formatação onto-epistemológica de sistemas filosóficos, religiosos, políticos, científicos e psicológicos hetero-cis-monocentrados da cultura patriarcal e capitalista. São aqueles “encontros que nos forçam a desorganizar modos conhecidos de viver e pensar” (SILVA, 2017, p. 151) – experimentamos, mesmo com a modalidade virtual, alguns outros na trajetória de pesquisa até então.

Em *Manifiesto contrassexual*, Preciado se articula a partir de uma postura de deslocamento das essencialidades e naturalizações, principalmente ao que diz respeito à sexualização e generização do corpo humano. Localiza uma posição crítica em relação aos sistemas de produção de identidades e promulga o corpo como um lugar de

resistência à norma, se movimentando a partir de noções que estão mais próximas da diferença e da margem.

O nome contrassexualidade provém indiretamente de Michel Foucault, para quem a forma mais eficaz de resistência à produção disciplinar da sexualidade em nossas sociedades liberais não é a luta contra a proibição (como aquela proposta pelos movimentos de liberação sexual antirrepressivos dos anos setenta), e sim a contraproduktividade, isto é, a produção de formas de prazer-saber alternativas à sexualidade moderna (PRECIADO, 2014, p. 22).

Se há algo que marca e é marcado por Preciado é a ousadia e, imaginamos também, a necessidade de vivenciar-pensar e dizer de formas outras de existir. Nesse sentido, são três as concepções trabalhadas por esse pensador dissidente – situado na fronteira, na travessia, na encruzilhada – que reclamaram presença e relevância em nossa investigação, e que trazemos para o âmbito da comunicação e da negociação em uma relação afetivo-sexual poliamorosa, a saber: a noção de sujeito falante, a proposta de contrato contrassexual e a ideia de saber-prazer.

Para nós, a noção de sujeito falante desloca a ênfase no gênero e no sexo, essenciais na instituição da “sociedade disciplinar” (cf. FOUCAULT, 1988), para localizá-la na comunicação. Dessa forma, “a sociedade contrassexual proclama a equivalência (e não a igualdade) de todos os corpos-sujeitos falantes que se comprometem com os termos do contrato contrassexual dedicado à busca do prazer-saber” (PRECIADO, 2014, p. 22). O estabelecimento de um contrato, que acompanhe as proposições de uma sociedade contrassexual, requer comunicação contínua e constante, posto que a concepção de contrato, nesse cenário, não se vale de uma condição vitalícia e imposta cultural e historicamente, mas sim de uma condição temporária e consensual.

Com a citação acima alcançamos, de uma vez, os três conceitos que tomamos emprestado do filósofo espanhol. Dizer da equivalência dos corpos-sujeitos falantes para a negociação de um contrato contrassexual implica colocar em destaque o valor da comunicação, também no sentido de contrastar a posição enunciativa dominante que os indivíduos ocupam no âmbito de relações sopesadas exclusivamente pela lógica do capital, do patriarcado e da monogamia. “Não se trata [...] de se desfazer das marcas de

gênero ou das referências à heterossexualidade, mas sim de modificar as posições de enunciação” (PRECIADO, 2014, p. 27). O que está em jogo é a apropriação de termos empregados com carga pejorativa e, muitas vezes, violenta em contextos normativos, para transformá-los em recursos de afirmação da própria diversidade de existências.

De modo que indique a possibilidade de “substituição desse contrato social que denominamos Natureza” – das nomações tidas como naturais ou naturalizadas (de gênero, sexo, raça e classe, por exemplo) – “por um contrato contrassexual” (PRECIADO, 2014, p. 21). Trata-se de romper com operações de saber-poder (cf. FOUCAULT, 1988) que (querem) escrutinam(ar) o desejo do outro, para investir em alternativas que permitam gerar dinâmicas contraprodutivas de saber-prazer nos processos comunicativos de negociações entre sujeitos falantes no contrato contrassexual de uma relação poliamorosa entre três pessoas, no caso de nossa investigação.

Os princípios que norteiam a proposição de uma sociedade contrassexual e, por sua vez, das negociações para um contrato contrassexual são sustentados, a partir de nossa compreensão, pelo estabelecimento de uma comunicação porosa, o que significa a abertura de espaços permeáveis, vacilantes e de cultivo de processos comunicativos, nos quais “os códigos da masculinidade e da feminilidade se transformam em registros abertos à disposição dos corpos falantes [...]” para “encontrar e propor novas formas de sensibilidade e de afeto” (PRECIADO, 2014, pp. 35-36).

Nesse âmbito, além dos supracitados, outro princípio para a proposição de um contrato contrassexual é que

A sociedade contrassexual demanda a abolição da família nuclear *como célula de produção, de reprodução e de consumo*. A prática da sexualidade em casais (isto é, em discretos agrupamentos superiores a um e inferiores a três de indivíduos de sexo diferente) *está condicionada pelas finalidades reprodutivas e econômicas do sistema heterocentrado*. A subversão da normalização sexual, qualitativa (hétero) e quantitativa (dois) das relações corporais começará a funcionar, sistematicamente, graças às práticas de inversão contrassexuais, às práticas individuais e às práticas de grupo [...] (PRECIADO, 2014, p. 41; grifos nossos).

nas quais a comunicação se vincule como um processo ativo gerador de novos sentidos (subjetivos) em que “o sujeito é o protagonista dos processos de comunicação que, de forma permanente, expressam e modificam as representações sociais dominantes” (GONZÁLEZ REY, 2016a, p. 115).

Sendo assim, trazer os conceitos trabalhados por Preciado abriga a composição de um viés comunicativo que elegemos na pesquisa e deixa entreaberta a formulação de vias de comunicação para se criar e recriar fundamentos que sustentem a proposta de um contrato contrassexual (cf. APÊNDICE A).

### ***In( )conclusão***

Considerando os rastros que buscamos acompanhar ao longo do capítulo, entendemos que eles nos permitiram atender a intenção de localizar o lugar que a comunicação ocupa em nosso estudo, estando esse lugar circulado pela vinculação entre a base epistêmica e metodológica de nossa investigação e os processos comunicativos envolvidos na especificidade de negociação em um relacionamento afetivo-sexual poliamoroso entre três pessoas.

Os questionamentos de França (2001), acerca da problematização do objeto de estudo da(na) Comunicação, nos propiciaram também situar nosso objeto de pesquisa, a configuração subjetiva de uma relação poliamorosa na forma de trisal, no âmbito de seus processos comunicacionais, com o que esperamos configurar uma forma de contribuição para a Comunicação enquanto área de conhecimento, no sentido de dialogar com uma das questões formuladas pela pesquisadora da Comunicação: “não existe esse “lugar”, essa “perspectiva da comunicação”, mas apenas, como indicam alguns, o objeto empírico – os meios de comunicação, ou a mídia – analisada pelo olhar das muitas disciplinas existentes (e dentro das quais nos colocamos)?” (FRANÇA, 2001, p. 12). Para a qual ela mesma chamou atenção ao caráter demasiado empírico referente ao objeto da Comunicação e ressaltou a importância de responder e abarcar a comunicação e não somente elementos simplistas de um determinado modelo comunicativo (FRANÇA, 2001).

Então, desde a Epistemologia Qualitativa, apresentamos uma proposição de comunicação como sendo um processo através do qual podem ser gerados novos

sentidos (subjetivos) e novas ações em seu próprio curso. Nesse panorama, quando falamos da comunicação como sistema ativo e estrutura dialógica, desenvolvemos uma compreensão na qual o diálogo produz e é produzido concomitantemente pelos sentidos subjetivos dos indivíduos que estão envolvidos no processo comunicativo. Portanto, a comunicação não é entendida simplesmente como

um fenômeno linguístico, mas subjetivo, no qual intervém múltiplos registros que não são da ordem linguística, como as posturas, imagens, fantasias e emoções, que representam processos que podem não estar presentes na linguagem durante o diálogo (GONZÁLEZ REY, 2009a, p. 189; tradução nossa).

Por fim, o movimento de prosseguir no percurso com as indicações oferecidas por Noguera (2020), com o recorte da produção cinematográfica *A chegada* e com a noção de sujeito falante de Preciado (2014), como também com o apêndice desenvolvido, faz referência ao exercício intelectual e de práticas contraproducentes que estejam dispostos a criar e cultivar maneiras em que os processos comunicativos em(de) uma relação poliamorosa possam ganhar formas tangíveis de manifestação e investigação.

*Assumir uma posição filosófica como fundamento epistemológico de uma ciência particular implica construir teoricamente os aspectos que definem essa relação para poder avançar sobre aspectos metodológicos novos que respondam às exigências do trabalho científico de campo em uma disciplina particular (tradução nossa).*

(González Rey; Mitjans Martínez, Una epistemología para el estudio de la subjetividad)

## 5 TRANÇADOS METODOLÓGICOS: A PESQUISA COM BASE NA EPISTEMOLOGIA QUALITATIVA

Para realizar a pesquisa fazemos uso de uma metodologia qualitativa com o objetivo principal de compreender as configurações subjetivas presentes na criação do relacionamento afetivo-sexual concomitante e consensual entre um trisal. O método de análise que se propõe como qualitativo em nossa investigação se caracteriza principalmente por uma abordagem construtiva e interpretativa do fenômeno elegido.

O presente estudo é elaborado a partir da Epistemologia Qualitativa, desenvolvida por González Rey, para perquirir a complexidade subjetiva implicada no mundo afetivo-sexual de trisais que vivenciam um estilo poliamoroso de relacionamento. De acordo com o autor, “a *Epistemologia Qualitativa defende o caráter construtivo interpretativo do conhecimento*, o que de fato implica compreender o conhecimento como produção e não como *apropriação* linear de uma realidade que se nos apresenta” (GONZÁLEZ REY, 2010b, p. 5; grifos do autor).

Nesse sentido, trazer a subjetividade ao plano de categoria a ser estudada nos leva a acionar os três fundamentais princípios da Epistemologia Qualitativa, impreteríveis para a realização de nossa investigação. Quais sejam: i) o papel nuclear do diálogo e dos processos de comunicação; ii) a abordagem construtiva-interpretativa na produção da informação e análise do conhecimento; iii) o aspecto singular das vivências individuais e sociais (GONZÁLEZ REY, 2010b, 2013, 2016b; GONZÁLEZ REY; MITJANS MARTÍNEZ, 2017; GONZÁLEZ REY; PATIÑO TORRES, 2020; MONCAYO QUEVEDO, 2017; SOUZA; PATIÑO TORRES, 2019).

A dialogicidade diz respeito ao lugar central que a comunicação ocupa na pesquisa, sendo que para a Epistemologia Qualitativa a própria investigação é compreendida como um processo de comunicação. Portanto, afirmar a importância da dimensão dialógica alude também ao engajamento emocional implicado, o que possibilita entender os conflitos sociais e individuais em sua parcela de expressão significativa através da comunicação, seja essa estabelecida de maneira explícita ou implícita. É através da comunicação que o(s) participante(s) da pesquisa poderá(ão) se engajar como sujeito(s) crítico(s) e (cri)ativo(s), interagindo com o caráter provocativo

que o investimento nesse tipo de metodologia proporciona e gerando processos de reflexividade numa via de mão dupla que implica, na outra ponta do processo, a própria pesquisadora (GONZÁLEZ REY, 2010b).

Assim, a comunicação, enquanto princípio dialógico da Epistemologia Qualitativa, configura um espaço constante de produção de informação, na qual se vincula a ética do cuidado e o desenvolvimento subjetivo. A dialogicidade criada pela interação entre indivíduo e sociedade é representada no espaço da pesquisa “em que o sujeito se inspira em suas diferentes formas de expressão simbólica, todas as quais serão vias para estudar sua subjetividade e a forma como o universo de suas condições sociais objetivas aparece constituído nesse nível” (*Ibid.*, p. 14).

Tal princípio nos interessa sobremaneira, tanto pela qualidade de abertura que confere ao momento empírico da pesquisa e à construção da informação que acontecem em concomitância, quanto também como um dos elos que nos permite criar uma composição com o Programa de Pós-graduação em Comunicação e Sociedade da Universidade Federal do Tocantins, ao qual nossa pesquisa está vinculada. Nesse sentido, a comunicação está diretamente conectada com a produção de subjetividades que só acontecem em espaços sociais ricos e abundantes em processos comunicativos.

O segundo princípio da epistemologia sobre a qual nos balizamos é o que dá origem e valida seu próprio método. O caráter construtivo-interpretativo de produção da informação e de conhecimento reúne campo e teoria numa lógica configuracional. Com isso estamos dizendo que o aspecto especulativo da teoria se coaduna ao empírico na pesquisa através da articulação da pesquisadora e do engajamento dos participantes, isto é, não há isolamento entre a geração de ideias da investigadora e as expressões dos indivíduos participantes do estudo, propiciadas pelos instrumentos adotados como recurso de integração (GONZÁLEZ REY, 2010b).

Nessa concepção, não faz sentido pensar que o saber é algo que está dado ou estanque à espera de cooptação, tampouco o caráter de construção da informação e interpretação do conhecimento se conjura aos atributos epistemológicos que apreendem de antemão o fenômeno pesquisado lançando sobre ele (de)nominações universais que o conformem à teoria empregada.

“Portanto, o saber nunca é uma apreensão definitiva da realidade; o que nos distancia do conceito de verificação, bem como da ideia de demonstração, e o que temos é a busca de formas de inteligibilidade que apoiem novas práticas humanas” (GONZÁLEZ REY; PATIÑO TORRES, 2020, p. 15). Assim, a teoria tem um lugar central na Epistemologia Qualitativa como um sistema vivo, construtora e construída de mundos inteligíveis que trabalha em conjunção com o empírico na pesquisa.

A inteligibilidade, nesse panorama, se vincula ao conceito de zona de sentido, criado por González Rey já na fundamentação da Epistemologia Qualitativa em 1997 (GONZÁLEZ REY, 2010b). Tal conceito abre margem para se falar do processo de construção de “modelos teóricos” que possibilitem explicar vivências e experiências humanas por meio de indicadores, que vão sendo gerados pela percepção atenta e conhecimento da pesquisadora, sobre a maneira como os participantes se pronunciam diante das atividades e mobilizações proporcionadas com a investigação. Os espaços inteligíveis que as zonas de sentido representam não exaurem o saber acerca da realidade – o que não acreditamos ser concebível –, também não se restringem à teoria gerada, isto sim, promovem uma valoração do conhecimento que possibilita alteração no campo de ação sobre o real.

Chamar e atender ao princípio construtivo-interpretativo na pesquisa nos diz do conhecimento a partir da capacidade produtora do ser humano em suas vivências que não se apresenta como um caráter universalista, mas valida a singularidade de indivíduos que interatuam na trama social, por meio de subjetividades que objetivam a experiência. Desse modo, alcançamos o terceiro atributo da episteme que guia nosso percurso metodológico.

Assumir um posicionamento científico que confere valor ao caráter singular – no estudo de fenômenos tanto de estatuto individual quanto social – marca uma diferença essencial com a tradição em pesquisa centrada na vertente empirista que sustentou a concepção de ciência moderna desde a fundamentação de uma visão positivista do humano e do mundo. Nesse sentido, o contraponto se estabelece no

processo dialógico que favorece a emergência do singular que, por sua vez, ganha relevância para a produção do saber a partir dos modelos teóricos que, gerados em estudos de casos, permitem organizar novos saberes que se aprofundam e se desenvolvem com novos estudos de casos ou grupos de

investigação (GONZÁLEZ REY; MITJANS MARTÍNEZ, 2017, p. 15; tradução nossa).

A aposta em e o emprego de uma metodologia qualitativa, que tem como um de seus atributos a singularidade, se conecta com a importância do teórico, da geração de ideias para a Epistemologia Qualitativa, sendo a teoria compreendida como a construção de “modelos de inteligibilidade” a partir da atividade pensante e da implicação intelectual da pesquisadora, que se faz presente, inclusive, e imprescindível nos resultados da investigação. A subjetividade enquanto base ontológica para a investigação do social e individual na vida e no mundo se vincula ao valor da singularidade (GONZÁLEZ REY, 2010b), que para nós se torna impreterível no estudo acerca da complexidade que envolve a configuração de um relacionamento afetivo-sexual entre três pessoas.

### **5.1 Método e instrumento de pesquisa**

A partir do acercamento aos princípios da Epistemologia Qualitativa, o método a ser empregado será justamente proveniente da metodologia que o acompanha. O método construtivo-interpretativo se especifica por seu caráter processual, não linear e dialógico na produção e interpretação da informação e do conhecimento, assim como o principal instrumento que o segue e do qual lançaremos mão.

As dinâmicas conversacionais, ou conversação como também é nomeada, assinalam um contraponto com as entrevistas e questionários geralmente utilizados em pesquisas na área da Comunicação, na Psicologia e em estudos sociais. Na qualidade de instrumento, a conversação possibilita maior abertura e um caráter mais livre tanto à pesquisadora quanto aos participantes no trabalho de campo, o que, por sua vez, demanda uma postura (cri)ativa aos mesmos. As marcas que diferenciam as dinâmicas conversacionais se registram também por seu direcionamento ao que está implícito nas narrativas e comportamentos dos indivíduos participantes da pesquisa, não correspondendo à descrição e análise restrita do que é dito, mas muito mais ao não dito, ao encadeamento que a pesquisadora atenta e cuidadosamente vai construindo como indicadores a partir das contradições e afetações percebidas na dinâmica da conversação (GONZÁLEZ REY, 2010b; MONCAYO QUEVEDO, 2017).

Há outros quatro pontos que julgamos imprescindíveis para se saber e que fundamentam a conversação como instrumento central de pesquisa na Epistemologia Qualitativa. Em primeiro lugar, “Diferentemente da epistemologia centrada na resposta, o conversar não é dirigido à produção de um conteúdo suscetível de ser significado imediatamente” (GONZÁLEZ REY, 2010b, p. 48).

De acordo com seu idealizador e pesquisador mais dedicado,

A conversação enquanto instrumento define o caráter processual da relação com o outro [...]. As coisas não estão, nem podem estar definidas *a priori*, pois cada novo momento do processo pode representar uma diferente etapa de sentido subjetivo dos participantes (*Ibid.*, pp. 49-50; grifo do autor).

González Rey (2010b) enfatiza ainda o que trazemos como um terceiro aspecto adicional, que faz referência ao direcionamento das dinâmicas conversacionais que vai de questões mais gerais às mais íntimas no tocante à abordagem da pesquisadora com os participantes. Assim como, em nosso quarto apontamento, elucida a possibilidade da conversação acontecer em grupo ou individualmente.

## **5.2 Cenário social da pesquisa e escolha dos participantes**

Diante do que foi exposto até o momento, apresentamos nosso procedimento para localizar, eleger e convidar os participantes à pesquisa. Nessa altura, estamos inseridos numa etapa bastante importante na metodologia que se vincula à Epistemologia Qualitativa, etapa essa que González Rey (2010b) identificou como sendo a criação do cenário social de pesquisa. Antes de dar início à produção da informação se faz necessário estabelecer o contato inicial com potenciais participantes para o estudo, que em nosso caso se refere a indivíduos que vivenciam o poliamor em sua configuração de um relacionamento entre três pessoas.

Esse momento se configura na pesquisa como a maneira que a pesquisadora encontrará para chegar até os possíveis participantes, de modo a atrair seu interesse e atenção para o engajamento nas atividades propostas através do instrumento, recursos e ferramentas a serem empregados na investigação. Nesse sentido, “a constituição do

cenário de pesquisa é um momento de comunicação que pode tomar diferentes sentidos para os participantes e que não garante sempre o que deles se espera” (GONZÁLEZ REY, 2010b, p. 87).

Para esse primeiro instante de construção do cenário de pesquisa, fizemos o ingresso através da ferramenta de captação da rede social *Instagram*, buscando perfis de usuários que nomeiam, nessa rede social, seu relacionamento como trisal.

A localização geográfica, idade, classe sócio-econômica e escolaridade não foram critérios na busca de participantes. Contudo, a pesquisa está circunscrita ao território nacional e os participantes deverão ter idade superior a dezoito anos, o que corresponde à maioridade civil no país. Outro critério de inclusão desse estudo foi que o trisal a ser selecionado esteja em vivência nessa configuração de relacionamento por mais de dezoito meses, a considerar como marco referencial o primeiro semestre do ano de 2022. A validade desse critério tem como base a descrição (bio) dos perfis dos trisais ou a postagem da primeira foto juntos publicadas nos perfis dessa rede social e será confirmada através da conversação com o trisal selecionado e comprometido como participante do estudo.

Ao pesquisar a palavra trisal no *Instagram* em junho de 2021 e atualizar a pesquisa em dezembro do mesmo ano e em março de 2022, surgiram o total de setenta e três perfis (cf. APÊNDICE B). Desse total, quatorze perfis corresponderam aos critérios de inclusão da pesquisa, sendo que três deles não realizam postagens ao menos nos últimos dez meses, o que nos levou a optar por desconsiderá-los nesse primeiro momento. Nessas conjunturas, foram onze os perfis localizados e selecionados como potenciais participantes para a investigação.

O contato inicial com os trisais será efetivado por meio do *direct*, campo destinado a troca de mensagens entre usuários, no *Instagram*. O contato será realizado com um trisal por vez – na finalidade de apresentar a proposta, objetivo e atividades da pesquisa – até encontrarmos um trisal que se interesse, se disponha e se comprometa como participante da investigação. O critério para a ordem de contato com os trisais será a atualidade da última postagem (foto) em que seja possível identificar juntas as três pessoas que formam o mesmo trisal, configurando assim o estudo de caso para a investigação.

Nossa intenção, desse momento em diante no trabalho de campo, será criar, estabelecer e manter um canal de comunicação direta com o trisal elegido. Para isso, cogitamos a possibilidade de criar um grupo no aplicativo de troca de mensagens *Whatsapp*, se assim for autorizado e acordado com os participantes. Essa conjectura se faz presente justamente por nossa pretensão de realizar a conversação tendo como unidade analítica da pesquisa um trisal, que opera como caso individual.

No que se refere especificamente à presença, nos cabe elucidar que as mesmas se darão em formato *online* tanto para a pesquisadora quanto para os participantes, em consideração ao caráter preventivo e de proteção contra a pandemia da Covid19 que vem se prolongando e alastrando em território nacional – sobre a qual não desejamos nos furtar de mencionar uma vez mais a relação direta com a (in)governabilidade da política antidemocrática do atual (des)presidente da república.

Ainda sobre as presenças, essas serão o marco da conversação, para a qual proporemos aos participantes quatro encontros por vídeo conferência na plataforma de comunicação Zoom, resguardando o sigilo e a ética no que concerne à informação. As datas, dia da semana e horário serão combinados diretamente entre a pesquisadora e os participantes, tendo como indicação inicial um encontro por semana ao longo de um mês, com sugestão de duração ao redor de 1h. para cada encontro.

Em cada encontro utilizaremos como recursos a exposição de trechos audiovisuais e questões que configurarão provocadores conversacionais (cf. APÊNDICE C) para possibilitar aos indivíduos da pesquisa falar de suas vivências e expressar as emoções experimentadas em situações nas quais tenha se dado a exposição de seus afetos e sua configuração de relacionamento na esfera pessoal e também na pública. No sentido de que os participantes sejam instigados a dialogar, a partir de seus posicionamentos, com as temáticas surgidas em conjunto com a pesquisadora ao longo da conversação e terem a liberdade de trazerem novas propostas para compor as dinâmicas conversacionais. (Colocamos em relevo, nesse momento, uma ressalva da investigação, mencionada também na introdução da pesquisa, que foi a necessidade de reajuste na execução metodológica, por meio do qual a conversação com o trisal participante de nosso estudo ocorreu através da realização de um encontro, sem a utilização dos recursos audiovisuais previamente preparados. Esse ajuste se deu por uma necessidade de escolha surgida no curso dos últimos acontecimentos da trajetória de

mestrado, que está melhor detalhada na ramificação *Importâncias, estratégias e ressalvas para a construção e interpretação da informação.*)

Nesse tópico, é relevante mencionar ainda que o projeto de pesquisa foi submetido à Plataforma Brasil e ao Comitê de Ética da Universidade Federal do Tocantins. A partir da submissão foi fornecido o CAAE (Certificado de Apresentação de Apreciação Ética) de número 51560121.5.0000.5519 e mediante apreciação elaborado o parecer final, (cf. ANEXO A), no qual consta sua aprovação. Elucidamos também que foi solicitado aos participantes do estudo o preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (cf. ANEXO B), construído com base nas resoluções nº 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde – CNS.

### **5.3 Estratégia de construção e interpretação da informação**

A análise e a interpretação da informação que será produzida, mediante o instrumento e ferramentas que nos serviram como recurso de diálogo e comunicação com os participantes, ocorrerá através da estratégia de construção do conhecimento, conforme nos propicia os princípios da Epistemologia Qualitativa que apresentamos no início da metodologia. Isso significa que em nossa execução metodológica a atenção e implicação intelectual se direcionarão principalmente para o que está implícito nas expressões dos participantes decorrentes nas (das) dinâmicas conversacionais. Esse implícito está diretamente relacionado com uma concepção epistemológica que assume a subjetividade como base ontológica. Isso quer dizer que o registro do social no indivíduo, e em fenômenos, se desenvolve não a partir de uma reprodução, ou que esse registro é capaz de ser observado ao nível restrito de comportamentos, mas se configura de maneira complexa e pontualmente humana por meio dos sentidos subjetivos (GONZÁLEZ REY, 2010b).

Portanto,

O sentido subjetivo [...] não aparece de forma direta na expressão intencional do sujeito, mas sim indiretamente na qualidade da informação, no lugar de uma palavra em uma narrativa, na comparação das significações atribuídas a conceitos distintos de uma construção, no nível de elaboração diferenciado no tratamento dos temas, na forma com que se utiliza a temporalidade, nas

construções associadas a estados anímicos diferentes, nas manifestações gerais do sujeito em seus diversos tipos de expressão etc. (*Ibid.*, p. 116).

Sendo a partir dessas manifestações, afetações, expressões simbólicas e emocionais dos participantes que as percepções, as ideias e – uma forma de aceção tão temida e subestimada na academia e pela Ciência (cf. STENGERS, 2017) – as intuições da pesquisadora vão se articulando no processo de reflexão que promove a geração da teoria que irá constituir o “modelo de inteligibilidade” acerca do fenômeno estudado e do(s) indivíduo(s) em sua(s) vivência(s) como um sistema configurado.

Dessa forma, a integração do momento empírico com a produção intelectual da investigadora acontece em contatos que se caracterizam de maneira provocativa e de tensionamento, em movimentos contínuos de idas e voltas na apreensão dos sentidos subjetivos que vão dando pistas para a construção de indicadores. Esses, por sua vez, ao serem agrupados permitem que sejam geradas categorias emergentes no próprio trabalho de campo a serem analisadas, organizando a informação e tornando factível a formulação de hipóteses – que para a Epistemologia Qualitativa se formam a posteriori – que apontam para os sentidos subjetivos (GONZÁLEZ REY, 2010b) num processo de circularidade.

#### **5.4 Devolvendo aos participantes**

Por último, acreditamos que no próprio percurso da pesquisa e na construção do conhecimento através da conversação com os participantes acontecerá o retorno da informação aos mesmos. De todo modo, damos a conhecer nossa ideia de devolutiva direcionada aos participantes do estudo. Trata-se, de alguma maneira, de uma aposta no caráter singular da vida que nos direciona e é direcionada ao e de encontro com o mundo.

Inspirados pela “teoria do fruto do carvalho” do psicólogo norte-americano James Hillman (1996) – criador da Psicologia Arquetípica embebida na Psicologia Analítica do psiquiatra suíço C. G. Jung –, temos a intenção de produzir uma história contada ao reverso (cf. APÊNDICE D). Dizendo de outro modo, com as conversações e a pesquisa construída pretendemos criar uma narrativa de trás para frente com quatro fotos do perfil do trisal na rede social *Instagram*, a serem selecionadas pelos próprios

participantes, como a forma que retornará a eles o conteúdo de suas contribuições aos novos paradigmas científicos e às “novas” configurações subjetivas para se viver em sociedade.

**Filamento II {Fios (a)bordados}**

*São os casos, em toda sua diversidade,  
riqueza e singularidade, os únicos que  
podem resolver a teoria.*

(Maria Luz Esteban, Crítica del  
pensamiento amoroso; tradução nossa)

## 6 IMPORTÂNCIAS, ESTRATÉGIAS E RESSALVAS PARA A CONSTRUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Em atenção aos critérios de inclusão e exclusão da pesquisa, fazemos saber que os três participantes deste estudo são brasileiros e residentes em uma cidade interiorana do estado de São Paulo. A vivência da relação em trisal dos participantes está para completar quatro anos em dezembro de 2022 e as postagens no *Instagram* realizadas pelo trisal em seu perfil ocorrem quase que diariamente. Também informamos que, a fim de resguardar a identidade dos participantes, diante de nosso comprometimento com o comitê ético pelo qual essa pesquisa foi aprovada, os chamaremos por nomes fictícios, a saber: Elizabete, 38 anos, mulher e administradora de empresa; Olívia, 33 anos, mulher e assistente social; William, 38 anos, homem e administrador de empresa.

Ainda, embora este não tenha sido critério de seleção para participar do estudo, para as análises nos importa o conhecimento de que o trisal se configura em um relacionamento de triângulo fechado, isto é, uma relação em grupo no qual existe a polifidelidade (PILÃO, 2015). Apesar de não terem sido informações analisadas e nem figurarem enfoque para a pesquisa, contamos, em adicional, que as pessoas integrantes do trisal participante de nosso estudo de caso são brancas, de classe média e com ensino superior completo. Registramos, igualmente, que o casal inicialmente formado por Elizabete e William tem duas filhas nascidas deste/neste matrimônio e da/na relação configurada em trisal Olívia gestou um filho. Por último, informamos que o trisal manifesta sua crença religiosa pautada no cristianismo, em específico, Elizabete e William partilham de um contexto de origem evangélico.

Dessa forma, para construir e analisar as informações com o trabalho de campo, buscamos manter presente e fazer essas informações circularem com os objetivos específicos e o objetivo geral da pesquisa, assim como fomos criando movimentos analíticos mediante as estratégias de interpretação das informações e construção do conhecimento com base na Epistemologia Qualitativa protagonizada por González Rey (2010b). Sendo que optamos por marcar com *itálico* quando as falas dos participantes aparecem transcritas *ipsis litteris* tanto na escrita corrente, quanto nas citações recuadas e registramos em **negrito** os indicadores e hipóteses construídos.

Nesse sentido, as análises criadas se referem a uma perspectiva possível no debrçamento sobre as informações construídas com o campo. Tendo essa perspectiva,

e a própria construção das informações, dialogado teoricamente, mediante um posicionamento inter e transdisciplinar, com a teoria da subjetividade e com estudos sócio-antropológicos, de gênero e sexualidade, juntamente a um viés comunicacional e filosófico. Assim como com as marcações próprias da pesquisadora que sente, pensa, pulsa, vibra e escreve a partir de suas afetações e conhecimentos junto aos participantes, às teorias e à vida.

Sendo assim, o movimento de fazer as informações em construção e análise circular com os objetivos da pesquisa nos levou a organizar essas informações pelas temáticas sobressaltadas com o trabalho de campo, considerando o imbricamento dos objetivos específicos entre si. Isso nos possibilitou caminhar em direção a construção de hipóteses como síntese analítica da configuração subjetiva do arranjo relacional do trisal – conforme nos sugere e permite a Epistemologia Qualitativa (GONZÁLEZ REY, 2010b) – que teve como fio condutor estabelecer um diálogo com o objetivo geral e a problematização da pesquisa.

Desse modo, a escrita que se segue voltou-se em dispor nossa atenção e capacidade de geração de ideias para (a)bordar os aspectos histórico-culturais presentes na conversação com o trisal. De maneira a evidenciar esses aspectos, seja pela reiteração de configurações subjetivas que os participantes da pesquisa mantêm com as instituições sociais, melhor dizendo, com as subjetividades sociais dominantes, a partir do eixo central de nossa orientação teórica. Seja através de tensões simbólico-emocionais, que produzidas e produtoras de sentidos subjetivos outros, rompem com o que foi se configurando hegemonicamente como marcas registradas na cultura ocidental moderna.

Também, nossa dedicação esteve comprometida com um olhar atento à comunicação entre os integrantes do trisal na vivência de sua relação, no sentido de identificar alguns processos comunicacionais na configuração subjetiva do arranjo relacional entre o trisal.

Com o imbricamento e desenrolar desses fios, nos foi possível, a partir do espaço social da pesquisa, construir interpretativamente os indicadores de sentidos subjetivos criados pelos participantes com as experiências vivenciadas em seu relacionamento de trisal. Esses movimentos nos levaram a pensar os pontos nos quais os filamentos da pesquisa, com suas ramificações, se conectam e também nos que se

desencontram, o que nos permitiu gerar hipóteses como síntese constitutiva da unidade analítica desse estudo, isto é, das configurações subjetivas implicadas e criadas com a vivência de uma relação afetivo-sexual entre três pessoas que assumem um estilo de vida poliamoroso.

Posto isso, desejamos, logo de início nesse filamento, colocar em relevo quatro ressalvas desse estudo. Melhor dizendo, as três primeiras ressalvas funcionam como pontos de reflexão que também são de suma importância sobre a temática da pesquisa e que podem servir de questões problemas norteadoras para futuras investigações. Investigações essas que tenham como foco explorar outros desdobramentos acerca do relacionamento poliamoroso em trisal, no sentido de alargar o horizonte de informação e conhecimento a ser construído como contribuição científica, social e cultural. A última ressalva, ocorrida posteriormente quando do trabalho de campo em andamento, entendemos mais como uma lacuna em/de nossa investigação.

Dessa maneira, a primeira ressalva serve também como um lembrete de escrita/leitura para nossa pesquisa, qual seja: a de que a unidade de análise de nosso estudo é o trisal, um estudo de caso da criação subjetiva de uma relação poliamorosa entre três pessoas. Portanto, nosso engajamento intelectual e empírico está voltado às configurações subjetivas da formação e formadoras desse arranjo relacional e não para as subjetividades individuais de cada participante. No entanto, reconhecemos, e salientamos com o trabalho de campo, a riqueza que esse enfoque também pode oferecer a respeito das vivências investigadas.

Em segundo, chamamos a atenção especialmente para a área de conhecimento da Comunicação. A entrada que realizamos para captação dos trisais através do *Instagram* é um campo afortunado para investigações que tenham como interesse um viés midiático, visto que cerca de metade dos trisais, que figuraram como potenciais participantes para nossa pesquisa, atuam ativamente nessa rede social através de postagens, *histories* e *lives* frequentes, nas quais partilham a cotidianidade da relação e conteúdos reflexivos sobre o poliamor e a não-monogamia. Ainda nesse sentido, as vivências desses mesmos trisais podem contribuir para os estudos na subárea dos meios de comunicação de massa, tendo em vista as entrevistas que já concederam e ainda concedem a jornais locais e regionais, *podcasts* e, inclusive, programas de televisão em rede nacional.

Por sua vez, a terceira ressalva tem um valor conjuntural e estrutural, e também um apreço específico para nós; ela diz do que não se apresentou explicitamente e não provocamos no trabalho de campo junto aos participantes, bem como dos contornos e limitações de alcance, mas não de interesse, da pesquisa(dora), servindo também como instigação para um porvir de nossos próprios estudos. Na presente investigação não são focos de abordagem e problematização a questão de raça e classe, e a questão de gênero está mais circunscrita à presença do binarismo mulher/homem em nosso trabalho de campo. Colocamos o advérbio mais no verbo circunscrever, pois justamente nossas alianças teóricas e nossa cosmovisão estão comprometidas com um posicionamento à contramão dos binarismos. Portanto, mesmo diante da questão de gênero manifesta binariamente pelos participantes de nossa pesquisa, será perceptível uma postura problematizadora *agênera* de nossa parte, aliada ao/do/no pensamento *queer*, para um processo de ruptura e abolição da marcação social de gênero (e de sexualidade, por extensão).

Sendo assim, o que indicamos com essa ressalva é a necessidade e relevância de estudos que tenham como direcionamento – ou como comumente é chamado em uma linguagem científica e acadêmica puramente empirista: objeto de pesquisa; que a partir dessa vertente geralmente foi tratado mais como abjeto de pesquisa, para jogar butlerianamente (BUTLER, 2019) com os termos – pessoas participantes que se nomeiam e afirmam suas vivências poliamorosas em trisal de forma diversa ao colonialismo branco burguês e ao binarismo de gênero.

Nesse ponto alcançamos a última ressalva, entendida como uma lacuna na pesquisa, decorrida da necessidade de escolha, devido reorganizações de gestão do programa ao qual a investigação está vinculada, entre trocarmos de orientação e seguir sem alteração no prazo e na metodologia da pesquisa ou anteciparmos a defesa para finalizar a pesquisa com o professor orientador que nos acompanhou ao longo desses quase dois anos. Assumimos, dessa forma, a segunda opção e, como dissemos, a lacuna que esse fator de escolha gerou, no sentido de demandar uma reconfiguração na metodologia da pesquisa ao viabilizar, devido ao tempo restante de execução do campo e às análises, a realização da conversação com o trisal em apenas um encontro – no qual não nos foi possível utilizar os recursos audiovisuais preparados previamente –, o que confere um recorte da metodologia inicialmente desenhada no filamento I.

Dito isso, passemos, então, para além dos modos de fazer, às próprias tecituras feitas. Que satisfação contar com sua companhia, uma vez mais, nessa (a)bordadura.

*O ato de escrever é um ato de criar alma, é alquimia.*

(Gloria Anzaldúa, Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo)

## 7 OS NÓS DA TECITURA: CONSTRUÇÃO DO CENÁRIO SOCIAL DA PESQUISA

Iniciamos essa ramificação lembrando que “a atividade empregada para criar o cenário de pesquisa constitui, de fato, o primeiro momento da pesquisa, no qual já podem aparecer informações significativas sobre o problema que estudamos” (GONZÁLEZ REY, 2010, p. 85). De acordo com o que apresentamos na seção metodológica, o cenário social da pesquisa faz referência, então, a(s) forma(s) como a pesquisadora cria acesso e diálogo com potenciais participantes de um estudo, de modo a engajá-los ativamente para a construção da informação no trabalho de campo.

Nessa conjuntura, o primeiro movimento realizado pela pesquisadora em direção à construção do cenário social da pesquisa iniciou em outubro de 2021, quando o projeto já estava submetido ao comitê de ética da Universidade Federal do Tocantins e aguardávamos sua aprovação. Como indicado na seção metodológica, nosso ingresso para a localização de participantes para a pesquisa ocorreu através do *Instagram*. Dessa maneira, nesse mesmo mês de outubro, sinalizamos em mensagem no *direct* de um perfil de trisal, nessa rede social, nosso desejo de convidá-los para participar da pesquisa no primeiro semestre de 2022, após a aprovação do projeto pelo comitê de ética. A resposta obtida do trisal foi positiva e ficamos com esse campo de comunicação aberto.

No entanto, em março de 2022 esse perfil de trisal deixou de existir no *Instagram*, passando a configurar como conta de usuário de uma das pessoas que vivenciava esse relacionamento, na qual comunicava em uma postagem sobre o término da relação em trisal. Nesse ínterim, o retorno com a aprovação do comitê de ética veio a ser obtido no mês seguinte apenas, em abril de 2022, mediante contato da pesquisadora realizado junto ao comitê, que justificou a ausência de retorno anterior devido ao déficit no número de pareceristas. A conjunção desses acontecimentos impossibilitou o efetivo engajamento desse primeiro trisal no estudo.

Desse modo, passamos a contatar os demais perfis de trisais, igualmente através do campo destinado para troca de mensagens nessa rede social, que também atenderam aos critérios de inclusão da pesquisa – a lembrar: pessoas residentes em território nacional com idade superior a dezoito anos e com a vivência nessa configuração de relacionamento por mais de dezoito meses a contar do primeiro semestre do ano de

2022. Foi necessário persistência por parte da pesquisadora na tentativa de comunicação com os trisais através de seus perfis no *Instagram*, diferentemente do trisal acima mencionado que respondeu prontamente desde o primeiro contato. Com isso, somente em julho e agosto de 2022 viemos a receber os retornos mais efetivos de dois trisais para uma possível continuidade de comunicação. Dos trisais contatados, três responderam estritamente com duas reações de coração nas mensagens enviadas e um cumprimento de “boa noite” sem novos retornos e os demais não chegaram a visualizar o envio das mensagens.

Com um dos trisais que nos retornou começamos uma comunicação esparsa ao longo de um mês, na qual em um momento inicial ficou pendente o agendamento do primeiro encontro entre a pesquisadora e o trisal. Contudo, em um segundo momento, recebemos um novo retorno em que informavam a indisponibilidade para o encontro, devido uma série de atividades que estava ocorrendo em suas vidas pessoais. Um fato curioso aconteceu no entremeio da comunicação com esse trisal: no início de agosto de 2022, o *Instagram* cancelou a conta do perfil de usuário deles, que por sua vez iniciaram a abertura de uma nova conta do trisal, na qual seguem postando as publicações que constavam no perfil cancelado.

Finalmente, com o trisal com quem nos foi possível realizar o encontro síncrono, após os descaminhos e intempéries do trabalho de campo, antecedeu, de modo análogo ao trisal acima, um mês de conversação. Dessa vez a comunicação se deu por meio do aplicativo *Whatsapp* com uma das pessoas que compõe o relacionamento – portanto não foi criado o grupo de *Whatsapp* cogitado na seção metodológica. Esse período de conversação circulou pela apresentação da pesquisa por parte da pesquisadora e tentativas de agendamento para o primeiro encontro.

Contamos, nesse momento, quando ainda não tínhamos a efetiva contribuição do trisal para o estudo, algumas vias paralelas cogitadas para compor o cenário social da pesquisa. A primeira delas, proposta por nosso orientador, foi a conjectura de uma *live* no *Instagram*, a respeito da temática do poliamor, com o trisal – que veio a se tornar participante desse estudo – e um colega do grupo de pesquisa<sup>10</sup> no qual a pesquisadora dessa investigação é membro, como forma de atrair e captar a atenção dos demais participantes potenciais para a investigação.

---

<sup>10</sup> Grupo de Pesquisa Não-mono - Políticas, Afetos e Sexualidades Não-Monogâmicas (diretório CNPq).

Outra via alternativa foi o ingresso da pesquisadora em grupos e comunidades de trisais em outra rede social, o *Facebook*. A partir do que constatamos, de forma elementar, uma diferenciação marcante com o *Instagram*: na primeira há predominância de casais que buscam uma terceira pessoa para se relacionar na forma de trisal, enquanto na segunda a busca pela palavra trisal traz como resultado tônico os perfis dos trisais já formados, conforme detalhamos em nossa metodologia.

Uma última via traçada e executada foi a técnica metodológica conhecida como bola de neve (BALDIN; MUNHOZ, 2011), isto é, a pesquisadora acionou seus contatos de pessoas não-monogâmicas na tentativa de obter através delas indicações de um trisal para compor o estudo de caso. No entanto, as respostas se referiram somente a pessoas que já vivenciaram essa configuração de relacionamento, mas que atualmente experienciam outras formas de não-monogamia, e um contato de trisal, de quem permaneceu pendente o retorno. De toda maneira, felizmente, foi factível prosseguir com a metodologia preliminarmente desenhada – lembrando uma vez mais a necessidade de recorte metodológico, conforme expomos em ressalva na ramificação anterior – mediante o comprometimento do trisal participante da pesquisa.

Desse modo, traçamos uma primeira construção e interpretação das informações a partir das experiências de entrada no campo da pesquisa.

A rede social *Instagram* foi escolhida como ferramenta para mapear e encontrar trisais devido ao contexto pandêmico, mas também por cogitarmos que o acesso a esses perfis já expostos possibilitaria uma maior abertura de comunicação e disposição de um trisal para a participação no estudo. Entretanto, as formas e os conteúdos das mensagens que recebemos com a construção inicial do cenário da pesquisa, assim como a ausência de retornos, nos sugerem três indicações: i) mesmo para esses trisais mais expostos, ainda pode ser tabu (se dispor a) falar sobre sua configuração de relacionamento que se diversifica da hegemonia monogâmica e heterossexual na sociedade ocidental moderna; ii) na contramão, alguns desses trisais – inclusive o trisal efetivamente participante de nossa pesquisa e também o trisal que teve o perfil cancelado no/pelo *Instagram* – estão engajados com uma notoriedade pública e ativista de seu relacionamento poliamoroso e não-monogâmico, tendo já participado de uma série de entrevistas em alguns canais de comunicação, como jornais regionais, *podcasts*, *lives* e até mesmo programas da televisão aberta em rede nacional, o que faz com que recebam muitas mensagens de

seus seguidores nessas redes sociais e indica que não chegam a visualizar todas; iii) além de indicar também esses outros espaços sociais como via de afirmação da configuração de seu relacionamento.

Destacamos ainda o fato de termos constatado no início da construção do cenário social da pesquisa a predominância de auto-nomeação, e nomeação atribuída também pela pesquisadora – quem está igualmente marcada pela cultura cisheteronormativa –, da composição de gênero mulher-homem-mulher nos perfis dos trisais<sup>11</sup> localizados no *Instagram*.

Esse fator nos mobiliza a pensar uma indicação mais: iv) essa composição de gênero dos trisais nos perfis dessa rede social pode aludir a uma “amostra” de como se configura subjetivamente o gênero no arranjo poliamoroso de trisal. Contudo, a questão que nos cabe problematizar aqui é se essa representação e “autorização” de exposição se devem justamente à própria hegemonia da norma cisgênera e heterossexual, que invisibiliza e inviabiliza o reconhecimento de outras composições, como: *transgêneras* e *agêneras*; mulher-mulher-mulher; homem-homem-homem; homem-mulher-homem. Seja pela marcação cultural binária de gênero, pela transfobia, lesbofobia, homofobia e bifobia (essa última mais aplicada ao que é lido socialmente como homem), seja pela fetichização da bissexualidade (do que é lido socialmente como) feminina por parte dos homens.

Nessa conjuntura, a partir da construção do cenário social da pesquisa, seguimos abaixo com a ramificação das informações e análises construídas a partir da conversação realizada entre a pesquisadora e o trisal que se engajou como participante do estudo.

---

<sup>11</sup> Com autorização do pesquisador e colega Igor Alves Pinto do grupo de pesquisa Não-mono, a planilha por ele construída com mais dados dos perfis de trisais no *Instagram* está compartilhada para acesso através do seguinte link: [https://drive.google.com/drive/folders/1D\\_794N-5IC2AWLm6v9Xuyvm1zvcH78rc?usp=share\\_link](https://drive.google.com/drive/folders/1D_794N-5IC2AWLm6v9Xuyvm1zvcH78rc?usp=share_link). Agradecemos ao Igor pela parceria e generosidade nas trocas sobre a temática da pesquisa.

*De minha parte, proponho outra fórmula,  
que está presente em meus escritos, e é a de  
autoclarificação das lutas e desejos da  
época.*

(Maria Luz Esteban, Crítica del  
pensamiento amoroso; tradução nossa)

## 8 AS SUBJETIVIDADES SOCIAIS ATUANTES NA CONSTRUÇÃO DA RELAÇÃO POLIAMOROSA DO TRISAL

A antropóloga espanhola Maria Luz Esteban está a falar, na epígrafe que usamos acima, da velha discussão dicotômica a respeito do valor da teoria e da prática (ESTEBAN, 2011, pp. 33-34). Em aliança também com essa pensadora, adentramos a presente ramificação reassumindo nosso compromisso com a construção de pensamentos-práticas que se esforçam para fugir de determinações binárias e que problematizam, tanto quanto nos é possível, dentro das limitações desse estudo e de nosso próprio alcance de reflexão, as dinâmicas subjetivas sistêmicas que configuram a relação poliamorosa entre três pessoas em nosso estudo de caso.

Nesse panorama, escolhemos entrar pensando com Esteban (2011), pois nos importa indagar, percorrer e refletir sobre as lutas e desejos dos participantes de nossa pesquisa que representam, em alguma medida e em sua singularidade, a diversidade, riqueza e complexidade dos anseios de uma época, do *zeitgeist*, por assim dizer.

Assim, nos interessa a partir desse ponto, quando nos referimos à historicidade de uma época e usamos nomenclaturas como modernidade, suas anterioridades e posteridades, pensar com o conceito de hipermodernidade do filósofo francês Gilles Lipovetsky (2004). Uma postura que não coloca as vivências dos tempos hodiernos em uma determinação maniqueísta, que justamente é própria de uma sociedade moderna, mas que circula os fenômenos também com(o) um caráter sistêmico e assume a tomada de responsabilidade pela espiral espaço-temporal que chamamos passado, presente e futuro como uma atividade coletiva e individual.

Dessa maneira, no encontro com os participantes do estudo fomos identificando alguns estatutos dominantes que ao longo dos últimos três séculos foram se estabelecendo como instituições sociais. Para nossa análise nos valem do conceito de subjetividade social criado por González Rey (2013, 2017), a fim de pensar a implicação dessas instituições sociais nas configurações subjetivas da vivência poliamorosa em trisal.

É que o que foi se constituindo, predominantemente de maneira não consciente, para os tempos atuais como formas de existência normativas, padronizadas e hegemônicas a serviço do controle e opressão de modos de vida diversos; em tempos

passados, quando de seu surgimento, nasceu também de vivências consideradas desviadas e desviantes para a época. Como aconteceu com o termo heterossexual, por exemplo, surgido no século XIX como categoria psiquiátrica para se referir às pessoas que desejavam outras do sexo oposto, mas fora da norma de procriação (FOUCAULT, 1988; KATZ, 1996) e com a “criação” do amor romântico também nos séculos XVIII e XIX, que foi considerado subversivo em relação ao casamento de interesses econômicos, tendo se tornado baluarte da própria monogamia (GIDDENS, 1993).

Nesse sentido, as subjetividades sociais são sistemas diversos, processuais e compostos por configurações subjetivas que emergem em todo espaço social e se modificam pelas configurações subjetivas das pessoas. Ambas, as subjetividades individuais e sociais se constituem de forma mútua na vida social e através dela, mas enquanto a subjetividade individual tem como base a história da pessoa, a subjetividade social, por sua vez, vai se configurando a partir das ações individuais junto aos processos sociais que estão para além dos indivíduos (GONZÁLEZ REY, 2012; 2014). Essa última faz referência, portanto, às “diferentes normas sociais simbólicas, sistemas de discursos e representações que, de diferentes maneiras, regem a instituição de sistemas nacionais da sociedade e a diversidade de práticas sociais que ocorrem em sociedade” (GONZÁLEZ REY, 2014, p. 16; tradução nossa).

Desse modo, com a imersão no trabalho de campo, percebemos que as subjetividades sociais dominantes em atuação na criação subjetiva de uma relação poliamorosa em trisal se referem à mononormatividade, a heteronormatividade e a cisnormatividade. Sendo assim, seguimos a partir delas para a próxima ramificação de interpretação das informações construídas com a conversação junto ao trisal.

*O que nos valida como seres humanos, nos valida como escritoras. (...) O perigo é ser muito universal e humanitária e invocar o eterno ao custo de sacrificar o particular, o feminino e o momento histórico específico.*

(Gloria Anzaldúa, Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo)

## 9 CONFIGURAÇÕES SUBJETIVAS ENTRAMADAS NA VIVÊNCIA DO TRISAL

O encontro com o trisal foi realizado no dia 26 de agosto de 2022, com duração aproximada de duas horas.

Com os provocadores conversacionais elaborados, iniciamos a conversação com os participantes pedindo para que contassem um pouco da história deles como trisal, de como foi para eles o início da vivência dessa configuração de relacionamento, principalmente no que diz respeito às emoções e aos afetos que sentiram/sentem e aos diálogos, às maneiras de se comunicarem entre si, no decorrer da relação.

Trazemos, então, desde o princípio as três categorias que destacamos surgidas ao longo do encontro com o trisal: *família*, *bissexualidade* e *relacionamento padrão*, além de lembrarmos também as categorias anteriores de interesse da pesquisa: poliamor, trisal e subjetividade. Será com elas que circularmos o processo subjetivo da vivência poliamorosa do trisal participante do estudo. Do mesmo modo, foram essas categorias que nos possibilitaram construir indicadores dos sentidos subjetivos formados e formadores de três configurações subjetivas que destacamos com o trabalho de campo, isto é, indicadores de como se configuram subjetivamente família, sexualidade e gênero na criação poliamorosa da relação entre as três pessoas participantes de nosso estudo.

Como aprendemos com González Rey (2010b) e com algumas de suas companhias (BONATO, 2019; GONZÁLEZ REY; MITJANS MARTÍNEZ, 2017; GONZÁLEZ REY; PATIÑO TORRES, 2020; MEIRELES, 2020; MONCAYO QUEVEDO, 2017), as informações não são para serem interpretadas de imediato e os movimentos que fazemos com elas para criar as análises aludem à imagem de uma espiral. O que nos possibilita gerar movimentos que vão e voltam com as informações e dizem de uma não linearidade no processo de construção: seja do conhecimento com a pesquisa, seja da subjetividade (e da psique) dos participantes (bem como da pesquisadora). Dessa maneira, vários foram os contornos, as vacilações, as retrospectivas e as projeções de ideias e imagens que realizamos para compor a escrita da forma como ela se apresenta aqui, de acordo ao que fomos filando com o encontro junto aos participantes.

De modo similar, nossa atenção colocada nas presenças, ausências, repetições, ênfases e reticências das expressões do trisal, acerca das associações temáticas presentes na conversação – *homem, mulher, razão, emoção, amor carnal, amor de amigo, marido, esposa, filhos, casal, casamento, religião, adultério, traição, amante, possessão, ciúmes, masculinidade, machismo, bagunça, luxúria, mundo Disney, família Doriana, homossexual, verdade, hipocrisia, terapia, diálogo, respeito e proteção* –, nos permitiram formular indicadores de sentidos subjetivos dos participantes. Indicadores que estão envoltos pela monogamia, amor romântico, poligamia, não-monogamia, heterossexualidade, cisgeneridade, mono-hetero-cisnormatividade, promiscuidade, ética e moral, como manifestações implícitas dessas mesmas expressões. Sendo que as usamos para apresentar e analisar as categorias e configurações subjetivas, inicialmente elencadas, emergidas no trabalho de campo.

Então, é com duas expressões de William que optamos começar nossa construção, pondo em realce, e também em tensão, o próprio adjetivo “novo” com o qual desde o início da pesquisa persistimos em atribuir às configurações poliamorosas de trisal. Primeiramente em:

*(...) a minha relação que eu estava construindo com a Olívia e a minha relação que eu estava construindo com a Elizabete também, podemos se dizer assim, porque a nossa relação passada, ela... ela... ela terminou né, então hoje é uma **nova história**, o que passou, passou. Do mesmo jeito que passou pra Olívia com relação ao que ela teve, pra nós também passou, agora é uma outra relação né e, no meu ponto de vista, eu to muito mais empático, vamos se dizer assim, com... com essa questão das... das... das mulheres né (fala William, 38 anos; negrito nosso).*

Em um segundo momento, William se expressa novamente sobre o caráter inovador da relação em trisal, mas dessa vez de forma contraposta:

*Não, porque todo mundo tem, todos cara tem, os cara tem: uma, duas, três, quatro, oito mulher, só que a esposa dele não sabe de nenhuma das outras sete, nenhuma das outras dez, mas todo mundo tem, todo mundo não, que é muita gente, mas infelizmente a maioria tem. Então, o meu medo era justamente por conta disso, porque **isso não é novidade**. Eu sou tido como um bobo, porque eu fui arrumar mais uma mulher e casei com essa outra mulher: Pô, que besteira que você fez, por que que você não fica igual todo mundo? (fala William, 38 anos; negrito nosso).*

A princípio, recordamos que ao discorrermos, na introdução da pesquisa, acerca do caráter de novidade desse arranjo relacional, o fizemos situando-o no espaço-tempo (Brasil no século XXI) e colocando aspas para lembrar configurações de relacionamentos grupais em espaços-tempos outros – dos povos originários das terras brasileiras pré-colônia e sociedades ocidentais anteriores ao século XVIII (ENGELS, 2019; FREYRE, 2003; NÚÑEZ; OLIVEIRA; LAGO, 2021). William, diferentemente, propõe outras perspectivas para dizer que o relacionamento em trisal é “novo”: no primeiro momento, ele afirma que é uma *nova história*, pois a foi construindo tanto com Olívia quanto com Elizabete, e que a relação anterior, em casal com Elizabete, é passado, assim como são remotas as vivências precedentes de Olívia.

González Rey (2012) nos lembra que a história pessoal, portanto, o passado, se faz presente em uma relação por meio da configuração subjetiva da experiência atual, que por sua vez é composta por outras configurações subjetivas múltiplas e simultâneas. Nesse sentido, as vivências relacionais anteriores de William, Elizabete e Olívia têm importância, pois são atualizadas e atualizadoras de como o arranjo relacional se configura subjetivamente com a vivência poliamorosa, assim como os sentidos subjetivos dos participantes acerca de família, sexualidade e gênero.

Na segunda fala nos interessa notar que William parte precisamente da monogamia, como forma de subjetivação dominante, para dizer que a relação em trisal não é novidade. Forma essa que traz alguns pressupostos: a mulher como propriedade privada do homem, uma pretensa autorização cultural deste homem para ter/possuir várias mulheres através da prática de traição na monogamia e uma diferença degradante em ter/ser mulher e ter/ser esposa (ENGELS, 2019; VASALLO, 2018). Essa clássica divisão, analisada por Engels (2019), Giddens (1993), entre outros pensadores, colocou a mulher em duas categorias binárias: a esposa e a amante (a “outra”). Dessa forma, o prazer dos homens foi sempre legitimado na monogamia e suas relações paralelas implicitamente justificadas, em contraste com a não legitimação de práticas sexuais “alternativas” exercidas pelas mulheres.

Desse modo, não é apenas a história pessoal que aparece (re)configurada subjetivamente com os acontecimentos da vida, mas também os aspectos histórico-culturais de uma sociedade, tendo em vista que, em nossa perspectiva, o social não é

uma instância externa, mas sim se organiza no sistema de práticas humanas (GONZÁLEZ REY, 2012). Nesse sentido, o que estamos dizendo é que também se faz presente em nosso leque de especulação uma reconfiguração da subjetividade social das dimensões afetivas e sexuais nas relações contemporâneas.

Com isso, passamos a elaborar nas capilaridades abaixo a construção da informação a respeito de como família, sexualidade e gênero se configuram subjetivamente com a vivência do relacionamento poliamoroso entre o trisal.

### 9.1 Configuração subjetiva de família

Ao avançar com a problematização da pesquisa no filamento I, tocamos o tema da família ao pensar a partir de Ariès (1981), Engels (2019) e Freyre (2003) acerca dessa temática. Nesta ramificação, seguimos como pano de fundo com a contextualização histórico-cultural que esses pensadores oferecem, sem deixar de considerar, igualmente, que a perspectiva de seus estudos se estrutura com uma visão de mundo que em parte se concilia com o próprio patriarcado. Seja pela família monogâmica, representada pela figura do casal heterossexual com filhos, entendida a partir de um viés evolucionista como um avanço civilizatório (ENGELS, 2019), seja por uma apropriação patriarcal da poligamia vivenciada pelos povos originários no Brasil colônia (FREYRE, 2003) – nos parece caber mencionar aqui, quando optamos por dizer Brasil colônia, a questão de que a vivência dessa expressão se mantém operante subjetivamente ainda nos dias atuais.

Dito isso, tanto a palavra família quanto suas associações foram as que mais emergiram na conversação com o trisal, dessa maneira foi Elizabete quem começou nos contando que ela e William eram casados há mais de dez anos e que vivenciavam um *casamento padrão* sem nunca ter tido experiências fora do casamento. Ela continua:

*(...) a Olívia, ela veio trabalhar junto comigo nessa empresa, a gente se tornou muito próximas (...). E chegou um ponto que a gente tava tão juntos que ela fazia parte da nossa família mesmo assim, a gente não dava nomenclaturas de tipo: ela é nossa irmã e nem nada disso, mas a gente era família né (fala Elizabete, 38 anos).*

Desde o início na expressão de Elizabete registramos a presença da forma de subjetivação social mononormativa, quando ela conta sobre seu *relacionamento padrão*, que faz alusão à união matrimonial e heterossexual entre uma mulher e um homem. O que nos chama mais atenção, no entanto, é como Elizabete se refere à presença de Olívia em suas vidas, pois já nessa altura temos pistas de como estão imbricadas a monogamia e a heteronormatividade enquanto formas de subjetivação social. Olívia parece ter entrado na cena familiar e relacional como irmã do casal, ainda que não dessem essa nomenclatura, como Elizabete parece ter sentido necessidade de justificar.

Lembramos que para a teoria da subjetividade as necessidades são estados dinâmicos geradores de emoção e constituem a base do processo subjetivo que atualiza e é atualizado pela criação de novas necessidades, são elas as promotoras de motivação para a ação do indivíduo nos espaços em que convive (GONZÁLEZ REY, 1999; 2000; 2016a). Sendo assim, as necessidades são momentâneas e contextualizadas e podem fazer surgir motivos mais estáveis que se configuram subjetivamente como uma unidade que integra emoções, intelecto e ação, a partir da qual a ação do indivíduo se torna uma produção psicológica, em vez de um resultado lógico (GONZÁLEZ REY, 2014).

Nesse sentido, Elizabete expressou que pedia a *Deus* para tirar o *sentimento diferente* que começou a *nutrir* por Olívia, pois *não queria estar apaixonada por ela*. A partir disso surge a primeira questão formulada por Elizabete, em nossa conversação, que dá indícios de possíveis necessidades vivenciadas como contraditórias no que corresponderia ao momento inicial de uma construção subjetiva do arranjo relacional poliamoroso:

*(...) Como que eu ia fazer? Eu não ia... eu não queria largar do William porque eu o amava, eu também não queria me afastar dela (Olívia) porque a gente era família (...)* (fala Elizabete, 38 anos).

A forma como Elizabete conta sobre o começo de seu envolvimento com Olívia, quando diz que *não ia*, faz uma pausa e reformula para *não queria largar* de William, nos dá pistas para a construção do primeiro indicador de sentidos subjetivos dos conflitos vivenciados inicialmente: **a ruptura com a imagem de casal, e não a traição, como possibilidade da criação do relacionamento em trisal (II).**

Sendo essas, a separação e a traição, as “resoluções” que a norma monogâmica comporta para o acontecimento de se apaixonar por outra pessoa em concomitância à vivência de um relacionamento afetivo-sexual já existente. Tendo em vista que os três *não sabiam que existia esse negócio de trisal*, estavam vivendo um trisal, sem saber que era um trisal, como expressou Elizabete em outro momento de nosso encontro.

Então, nossa proposição de que Olívia passou a fazer parte da família como *irmã* do casal encontra ancoragem ao pensarmos que não havia outro espaço para ela na configuração subjetiva familiar e relacional, de acordo com as formas hegemônicas cristã, monogâmica e heterossexual de subjetivação social.

Propomos nessa altura um giro com as expressões de Elizabete quando diz que *não queria estar apaixonada* por Olívia e *não queria se afastar* dela por serem *família*. Motivado pelo *tabu da bissexualidade*, como veremos mais adiante em nossa construção, Olívia parece ter sido, inicialmente e de forma não consciente, agregada como *irmã à família*. Contudo, questionamos se essa ação fez gerar novos sentidos subjetivos que construímos aqui como indicador de que **a ação não consciente de tornar Olívia parte da família como irmã pode tê-los levado à fantasia de outro tabu social, o incesto (I2)** (FREUD, 1996a), que configuraria também mais um motivo, não consciente, pelo qual Elizabete *não queria estar apaixonada* por Olívia.

Pensando com Butler (2000), Emens é quem nos subsidia nessa construção e nos ajuda a desenvolvê-la – afirmando inclusive seu caráter especulativo que muito nos interessa a partir da base metodológica que assumimos. De modo que a figura dos pais é o único modelo de relação sexual autorizado socialmente dentro de uma rede de família nuclear. Por esse motivo, o sexo entre três pessoas que se configuram como família pode evocar a ideia de irmãos, no sentido de que essa é a forma que torna provável na constituição familiar tradicional uma horizontalidade parental que envolva mais de duas pessoas. Dessa maneira, a relação sexual entre as três pessoas que configuram uma família poliamorosa pode levar à imagem de incesto entre irmãos, o que possibilita dizer sobre a *ansiedade* relacionada à vivência do poliamor (BUTLER, 2000 *apud* EMENS, 2004), que apareceu também como sensação experimentada e relatada por Elizabete em nossa conversação.

Acreditamos que essa *ansiedade* tenha como referencial histórico-cultural o modelo de família configurado normativamente como monogâmico, sendo ainda o

“ponto de partida” social predominante nos arranjos relacionais contemporâneos. Logo abaixo, é Olívia quem nos conta um pouco mais sobre o desenvolvimento da vivência em trisal a partir desse modelo e novamente ressaltamos a marcação presente do discurso e imaginário religioso, em específico, cristão e evangélico, que coloca em pauta também a moralidade como mais um aspecto na configuração subjetiva de família:

*Os dois saiam como um casal perfeito, a família perfeita né, eu via eles como a família Dorianana, porque além de duas filhas tinha essa questão da religião (...)* (fala Olívia, 33 anos).

Portanto, o que figura como modelo de família com permissão cultural e social para existir é a representação do *casal (perfeito)* formado por um homem e uma mulher heterossexuais com filhos nascidos desse matrimônio. Sendo essa imagem de *casal* e de *família (perfeita)* chancelada pelo dogmatismo religioso cristão. Nesse aspecto, Olívia complementa expressando que o casal formado por Elizabete e William era de *pessoas que eram exemplo* e que *eles eram ícones na cidade por causa da religião*. Ser exemplo parece significar, então, para eles, estritamente viver de acordo com esse único modelo relacional e familiar reconhecido tradicionalmente pela Igreja e pelo Estado.

Percebemos com as expressões de Olívia sentidos subjetivos configurados, por meio de suas vivências, até então em conformidade à subjetividade social heteromononormativa, na qual (o ideal de) uma vida perfeita equivale(ria) ao *relacionamento e a família padrão* consagrados pelo casamento religioso e civil tradicional, enquanto instituições sociais. Contudo, Olívia contou também que seus *pais eram padrão*, ou seja, *uma família padrão Dorianana que era pra ser lindo e era um inferno, um relacionamento horrível, abusivo*.

Como mencionamos em nossas ressalvas e aproveitamos para lembrar, o trabalho de construção das informações na pesquisa está circunscrito ao arranjo relacional de trisal enquanto unidade analítica e não às subjetividades individuais. No entanto, as expressões de Olívia nos possibilitam contextualizar as tensões subjetivas vivenciadas entre os aspectos histórico-culturais que atuam tanto jurídica quanto

subliminarmente como norma na sociedade ocidental e as emoções experimentadas com a história pessoal que produzem sentidos subjetivos contraditórios.

Além disso, Olívia disse que faz *Direito*, e que *sofria em toda aula de Direito de família, que voltava para casa quase que chorando*. Esse aspecto nos remete também ao que estudamos nas pesquisas acerca do poliamor no campo jurídico para a escrita do estado da arte no filamento I. Quer dizer, que o Direito como área de conhecimento, em uma vertente mais ortodoxa, apregoa a monogamia como o princípio de base para se constituir família e não somente como um dos valores possíveis para essa constituição (KNOBLAUCH, 2018; PEIXOTO, 2019; PORTO, 2017; ROTONDANO, 2018; SANTIAGO, 2014), o que nos ajuda a contextualizar o sofrimento que Olívia relata em suas aulas de *Direito de família*. Além de constatarmos que é igualmente nessas investigações que a categoria *família* apareceu como mais relevante nos estudos sobre o poliamor.

Com González Rey (2012) amadurecemos a compreensão de que os aspectos simbólicos da historicidade espaço-temporal de uma cultura se articulam com as produções emocionais do indivíduo em um processo de experiência humana que se caracteriza como um sentir gerador de sentidos subjetivos conflitantes entre si.

A partir do envolvimento afetivo-sexual entre o trisal, Olívia nos diz acerca dessas contradições:

*Nossa né, eu queria ser padrão, ter um relacionamento com uma pessoa só, mas era horrível e agora com eles que tá errado é maravilhoso, aquela coisa, aquela luta né... (fala Olívia, 33 anos).*

Quer dizer, a representação da *família padrão Dorian* (essa expressão é popularmente utilizada no Brasil para se referir ao modelo de família monogâmica, historicamente branca, que aparece em comerciais televisivos, nesse caso, de uma marca de margarina), na figura do homem e da mulher com filhos gerados dessa união, como promessa e (suposta) garantia de ser *lindo e perfeito*, contrasta com a vivência *horrível*, negligente e *abusiva* relatada por Olívia no *relacionamento padrão* de seus pais e em seu *relacionamento anterior*, que *era um relacionamento super difícil*.

Dessa forma, o trisal nos possibilita construir informações acerca de parte da criação subjetiva de seu arranjo relacional poliamoroso quando Olívia expressa que o

(que é significado socialmente como) *errado é maravilhoso* e fala de sua *luta*; quando Elizabete diz: *eu me afastei da crença religiosa, comecei a deixar de ir, porque pra mim era muita hipocrisia* e também conta sobre sua sensação de estar ficando *louca*, sobre *entrar em parafuso* e suas *crises de ansiedade*; e William fala sobre o *medo de ser mal interpretado*. Parte essa, da criação subjetiva, que se desenvolveu com(o) contradições das vivências pessoais nos espaços sociais que o trisal convive e o ideal de *família e relacionamento padrão*, produzido culturalmente e arraigado socialmente por processos subjetivos que fizeram da monogamia e da heterossexualidade normas que reiteram esse mesmo modelo.

Também William colocou em diálogo que o trisal *já viu diversas famílias onde tinha o pai, a mãe, os filhos, mas ninguém tava amando ninguém ali, que tinha o laço de sangue, tinha o laço afetivo, mas ali não tinha respeito nenhum*. Nesse sentido, o *laço de sangue* supostamente implicaria no *laço afetivo* que deveria ser garantidor de amor e *respeito*. Contudo, nos importa colocar em questão como se qualifica esse próprio *laço afetivo*, tendo em vista que William e Olívia contaram sobre (suas) vivências em que essa extensão de um laço a outro não foi promotora de cuidado e *respeito*. A fala de William faz aparecer outra vez a dissonância entre o ideal de amor (romântico) e *respeito* do modelo de família cristã e monogâmica e práticas dessa vivência que não se alinham com esse ideal.

Essas reflexões do trisal trazem uma profundidade, pois nos mostra o quanto eles têm identificado que o laço entre afetividade e consanguinidade não é imediato e direto, tampouco inerente. Por não ser uma linearidade, depende da forma em que se configura subjetivamente o *laço afetivo* no percurso das vivências produzidas pelas pessoas de um grupo familiar. Então, o fundamental que percebemos com essas expressões, mais do que as normatizações impositivas dos espaços sociais que eles habitam, é a qualidade do vínculo que o trisal logra configurar subjetivamente em seu arranjo relacional.

Conjunto a esse ponto, trazemos informações que nos possibilitam construir mais abaixo dois últimos indicadores de sentidos subjetivos da configuração de família no arranjo relacional poliamoroso do trisal. Nesse contorno, Elizabete contou que Olívia *teve que trabalhar a desconstrução do...mundo Disney, que ela queria casar na igreja com véu e grinalda, com um homem só, um príncipe encantado encima do cavalo e de repente aparece dois na vida dela*.

Sabemos que o *mundo Disney* comentado por Elizabete faz referência ao ideal de amor romântico, sustentáculo da monogamia, que se protagonizou na cena moderna através da literatura novelesca e com os meios de comunicação de massa. A ficção de que duas pessoas, um homem e uma mulher, estariam destinadas uma a outra e que se completariam (GIDDENS, 1993; LINS, 2007, 2017) produziu e foi produzida por sentidos subjetivos de que a relação deveria perdurar pela vida toda, de que requer sacrifício (sobretudo da função e papel de mulher, historicamente contextualizado pelo patriarcado) para fazer o relacionamento dar certo e de que o casal e a família mononuclear são entidades apartadas da comunidade (ARIÈS, 1981; ENGELS, 2019).

Dessa maneira, a forma de Elizabete expressar que *de repente aparece dois na vida* de Olívia, faz surgir como possibilidade de complemento que são dois príncipes encantados que, como nos contos de fadas, *de repente* aparecem como destinados a salvar a princesa. Outra fala, agora de Olívia, nos leva a tecer essa conjectura, ela diz que Elizabete e William *são pessoas assim, que parece que Deus colocou na minha vida eles pra falar: Você vai aprender na força sabe assim, ou você aprende agora ou você pula fora...* A conjunção dessas expressões nos leva de volta ao sacrifício como um dos pressupostos do amor romântico e da monogamia, tornando plausível a formulação do indicador de que **o amor romântico permanece sendo a base sob a qual se configura subjetivamente a família e o relacionamento poliamoroso do trisal (I3)**. O que está de acordo com as percepções apontadas nas pesquisas de Silva (2017) e França (2016, 2017) sobre a presença do amor romântico no poliamor.

Seguimos, então, a construção da informação com o trabalho de campo, de modo que o indicador acima, somado ao último indicador que formulamos em seguida, nos direciona a pensar uma parte outra (mais paradoxal) da criação subjetiva do arranjo relacional poliamoroso do trisal e da configuração de sua família poliamorosa. Assim, trazemos outra expressão de Olívia:

*essa questão deles serem casados e eu não poder casar, é puro egoísmo, eu não tinha maturidade pra ta, me machucava muito, muito, muito e eu falava isso pra eles. Foi então que eles falaram: Ah vamos separar e ficar todo mundo igual... (...) hoje eu consigo ver o casamento com os dois. Antes a Elizabete falou: Ah, casa com o William, aí você entra na igreja e tal, mas aí a gente ia ser hipócrita (...)* (fala Olívia, 33 anos).

Ao falar da proposta de separação entre Elizabete e William, Olívia reforça e nos faz retomar o indicador **da ruptura com a imagem de casal, e não a traição, como possibilidade da criação do relacionamento em trisal (I1)**, bem como nos faz voltar com o indicador de que **a ação não consciente de tornar Olívia parte da família como irmã pode tê-los levado à fantasia de outro tabu social, o incesto (I2)**, quando conta que a separação do casal seria para *ficar todo mundo igual*, ou seja, de acordo com nossa construção, uma possibilidade de horizontalidade parental na relação familiar.

Nessa altura, vamos tecendo também pistas do valor da comunicação enquanto processo qualitativo que promove transformações na configuração relacional e familiar que, por sua vez, provoca mudanças nos próprios processos comunicativos, como nos foi possível perceber no trabalho de campo com o trisal e também veio se fazendo mais perceptível com a construção da informação. Pois foi com Olívia comunicando seus sentimentos e desejos a Elizabete e William que surgiu a concretização legal da separação da entidade monogâmica de casal.

Contudo, mesmo com a separação legal do casal, paradoxalmente, quando Olívia expressa que eles *serem casados* e ela *não poder casar* e quando diz que *hoje* ela consegue ver *o casamento com os dois* nos leva a construir um último indicador de sentidos subjetivos de que **o casamento ainda é vivido subjetivamente pelo trisal como a forma de legitimar a relação afetivo-sexual e a configuração familiar entre eles (I4)**.

Esse indicador ganha força também com William contando que *é super apaixonado por elas né, mas tem muita gente que fala que são dois problemas, por que, só porque ta casado*. Então, mesmo não havendo mais a possibilidade da legalização judicial de uniões poliamorosas desde o ano 2018, devido uma decisão do Conselho Nacional de Justiça como resposta às repercussões negativas – manifestas por uma ala mais conservadora de instituições que defendem o direito da família – sobre as uniões poliamorosas legalizadas nesse intervalo de tempo desde 2012 (ANDRADE JUNIOR, 2018; PILÃO, 2021a), temos indícios de sentidos subjetivos de que o *casamento* permanece sendo para o trisal a base da configuração poliamorosa de família e de seu arranjo relacional.

Sendo assim, a configuração subjetiva de família dos participantes rompe com a monogamia no aspecto quantitativo, isto é, na passagem do arranjo relacional de casal para trisal. O que os vincula ao poliamor pela definição que conhecemos com o estudo para o estado da arte, que justamente se centraliza no aspecto quantitativo da relação, abrindo novas zonas de sentido para a vivência afetiva-sexual concomitante e consensual com mais de duas pessoas. E também por ser como os próprios participantes da pesquisa denominam sua família e seu relacionamento.

No entanto, ao que concerne às dinâmicas estruturais, o trisal parece configurar subjetivamente sua família e seu relacionamento como uma proposição de reforma da monogamia. O que nos leva, com os indicadores construídos, a formular a hipótese de que **a configuração subjetiva de família e arranjo relacional poliamorosos do trisal se situa em um entre lugar na monogamia e na não-monogamia (H1)**.

## **9.2 Configuração subjetiva da sexualidade**

Foucault (1988, p. 39) coloca em pauta uma importante questão em uma das raras menções explícitas que faz à monogamia, ele evidencia que sua naturalização e hegemonia nas sociedades ocidentais, principalmente a partir do final do século XVIII, faz com que a sexualidade do casal heterossexual, tido como legítimo, se transforme em norma e deixe de ser o centro das atenções, submetendo mais intensamente as sexualidades múltiplas e “periféricas” a análises meticolosas.

Nesse sentido, aqui estamos nós, através da pesquisa, mas também enquanto sociedade moderna, pós-moderna e hipermoderna, validando a observação foucaultiana de que a sexualidade, mais especificamente, as sexualidades (auto)nomeadas como dissidentes se tornaram o foco de problematização a ser escrutinada em nossa época.

Dizemos isso, pois as vivências sexuais e de gênero consideradas dissidentes, o são justamente pela produção das “próprias leis que buscam estabelecer linhas causais ou expressivas de ligação entre o sexo biológico, o gênero [...] e a ‘expressão’ ou ‘efeito’ de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual” (BUTLER, 2003, p. 38), a partir de normas sociais que se outorgaram e tiveram outorgadas histórico-culturalmente uma noção de continuidade e coerência.

Desse modo, seguimos com a companhia de Butler (2003, 2019) e Preciado (2014) como *background*, que em seus trabalhos colocam as ideias foucaultianas também em interlocução, para pensar, com a questão de sexo-gênero e o heteropatriarcado, de que formas a sexualidade se configura subjetivamente (GONZÁLEZ REY; MONCAYO QUEVEDO, 2019; MONCAYO QUEVEDO, 2017; MEIRELES, 2020) na vivência do arranjo relacional em trisal dos participantes da pesquisa, a partir do trabalho de campo.

Construímos, assim, a informação na ramificação anterior entendendo a mononormatividade como modelo de subjetividade social dominante na configuração da família poliamorosa do trisal. Ao produzirmos a informação nesta ramificação percebemos a atuação conjunta da heteronormatividade, também como subjetividade social hegemônica (MEIRELES, 2020), na forma como a sexualidade foi se configurando subjetivamente como *bissexualidade* e heterossexualidade na relação afetivo-sexual dos participantes da pesquisa.

Relembramos que para a teoria da subjetividade os sentidos subjetivos são produções psicológicas humanas criadas da unidade entre as emoções experimentadas pelos indivíduos com os acontecimentos de sua vida e os aspectos simbólicos dos espaços sociais que partilham. Nessa conjuntura, os sentimentos, emoções e afetos estão na base de qualquer experiência significada subjetivamente, sendo a sexualidade uma delas (GONZÁLEZ REY; MONCAYO QUEVEDO, 2019).

Então, em nossa conversação, Elizabete chama o *sentimento diferente* que começou a *nutrir* por Olívia de *amor carnal* e que ela *demorou um pouco pra identificar esse sentimento, porque até então ela tinha um amor de amigo*. A expressão *amor carnal* é atribuída pela participante ao sentimento da *paixão*, essa expressão faz referência à literatura bíblica, principalmente no discurso evangélico. Temos, então, o aspecto religioso presente novamente na construção de sentidos subjetivos, dessa vez, da sexualidade configurada no arranjo relacional do trisal. Construímos com essa presença o indicador de que **o amor carnal é vivido subjetivamente pelo trisal como pecado (I5)**, sendo o retrato dos maus desejos da carne, de acordo com derivações desse mesmo discurso religioso.

Dessa forma, uma sociedade regida por valores patriarcais, na qual permeia a moralidade cristã, a heteronormatividade e a monogamia como *exemplo* relacional,

torna dificultosa e mascarada a (auto)percepção e concessão de necessidades e desejos que escapam a essas maneiras hegemônicas de existência. No caso das participantes da pesquisa, a necessidade e o desejo homoafetivosexual, que compõe parte da configuração subjetiva da sexualidade do trisal. Sendo assim, entre Elizabete e Olívia a única forma de amor socialmente aceito, diante da subjetividade social heteronormativa, seria um *amor de amigo* ou um amor fraternal – mediante **a ação não consciente de tornar Olívia parte da família como irmã que pode tê-los levado à fantasia de outro tabu social, o incesto (I2).**

Com isso, Elizabete nos contou que *foi muito difícil* quando percebeu esse *sentimento diferente* por Olívia, pois na *crença religiosa* que ela e William participavam:

*primeiramente... o adultério é algo inadmissível e, segundo... a o homossexual, a homossexual é visto com maus olhos e isso pra mim era assim, era... repugnante, eu posso falar a palavra na ocasião, eu lutei contra mim mesma, porque eu tive um autopreconceito muito grande... (fala Elizabete, 38 anos).*

Essa fala de Elizabete nos faz voltar ao primeiro indicador **da ruptura com a imagem de casal, e não a traição, como possibilidade da criação do relacionamento em trisal (I1)**, tendo em vista que *o adultério é algo inadmissível* na *crença religiosa* que o casal participava. Nesse ponto, o que mais nos chama atenção na conversa é o sentimento de repugnância e *autopreconceito muito grande* relatado por Elizabete e sua hesitação ao usar a expressão homossexual.

O desejo homossexual, em específico, o desejo homossexual feminino carrega no curso da história e da cultura ocidental heteropatriarcal lugares de estigma e fetichização, e, anterior a isso, mediante uma perspectiva predominantemente essencialista e biologicista, um não-lugar da sexualidade enquanto vivência do corpo (registrado socialmente como) feminino (BUTLER, 2003, 2019; PRECIADO, 2014).

Entendemos, então, que os sentimentos de *autopreconceito* e repugnância de Elizabete aparecem na conversação quando relacionado ao desejo homossexual, ao *amor carnal* como *sentimento diferente* que ela começou a *nutrir* por Olívia. Já ao dizer da *bissexualidade*, Elizabete conta que *era um tabu* para ela e Olívia, *só que* ela lidou

*melhor com isso*, enquanto para Olívia *a bissexualidade é muito difícil pra entender*, porque *não tinham tido contato com mulheres antes*.

Parece se fazer operante na configuração subjetiva da sexualidade de Elizabete e Olívia, uma “parte” da noção psicanalítica – outra “parte” dessa noção seria a sexualidade como polimorfa – de que a sexualidade seria fixa, estabelecida, em função do sexo biológico, com as primeiras experiências (fantasiosas) sexuais vividas, tendo essas experiências a base referencial da heterossexualidade, a partir da qual as vivências diversas foram patologizadas como perversas (FREUD, 1996b). Lembremos que a psicanálise foi promotora de um dos giros na história do pensamento moderno e desde então sua matriz mais ortodoxa de conhecimento veio sendo utilizada para sustentar as dicotomias que determinaram o normal e o patológico (GONZÁLEZ REY, 2009a, 2016a).

Sendo assim, entendemos que a possibilidade do desejo homossexual é que foi o *repugnante* na vivência sexual para Elizabete e que a partir da produção de sentidos subjetivos que reconfiguraram a sexualidade como bi foi possível lidar *melhor com isso* e configurar o relacionamento afetivo-sexual em trisal. Dessa maneira, construímos o indicador de que **o terrível é o desejo homossexual integrante da bissexualidade como parte da vivência sexual do trisal (I6)**. Pois Olívia conta, de forma análoga:

*Então, mas eu acho que pra ele (William) é mais fácil, na minha visão né, porque o mundo é machista, ele ter duas mulheres, do que, por exemplo, se ele tivesse outro homem. Eu vejo que, por exemplo, se eu tivesse dois homens ainda é aceitável, porque o homem é aceitável, o problema é ter relação com uma pessoa do mesmo sexo, a bissexualidade é terrível (fala Olívia, 33 anos).*

A maneira como a *bissexualidade* se configurou subjetivamente na vivência poliamorosa do trisal em nosso estudo de caso acaba por corroborar com o que estudamos para o estado da arte nas pesquisas de Klesse (2011) que faz apontamentos sobre uma afinidade entre a bissexualidade e o poliamor, com Sheff (2014 *apud* PORTO, 2017) quem especifica ser a bissexualidade feminina muito presente no poliamor e também acerca da bissexualidade como um caminho da não-monogamia e dos relacionamentos hodiernos (FRANÇA, 2016).

Contudo, não estamos dizendo com isso que a *bissexualidade* não possibilita à pessoa que a vivência produzir sentidos subjetivos outros que não se referem necessariamente ao desejo homossexual como seu componente. Em uma escrita mais recente, Pilão (2021b), em seguida, nos ajuda a pensar melhor acerca do que Olívia expressa abaixo sobre sua vivência bissexual no arranjo relacional em trisal:

*Então na minha cabeça era uma brincadeira e eu não me sentia uma pessoa bissexual, eu achava que era uma fase, ia passar e então eu empurrava pra embaixo da cama os meus problemas dessa questão (fala Olívia, 33 anos).*

Trata-se da ideia de que a sexualidade se direciona a partir de uma concepção também de extremos binários, nesse caso homo e heterossexual, que em algum momento se estabelecerá em um desses polos, constituindo uma sexualidade entendida como verdadeira (PILÃO, 2021b).

Em um aspecto macro, então, a *bissexualidade* vivenciada pelo trisal como um *tabu* diz de sentidos subjetivos produzidos por eles a partir da subjetividade social heteronormativa dominante na sociedade ocidental. Mas também, a vivência bissexual de Olívia e Elizabete parece se configurar mediante um espaço social micro: a comunidade LGBTQ+ (Lésbicas, gays, bissexuais, travesti, transexuais, transgêneros+). Olívia diz, a esse respeito, em outro momento da conversação que *sempre* foi *da luta das minorias*, que *sempre teve amigas lésbicas, amigos gays* e quando começou seu envolvimento com Elizabete e William *não se sentia uma pessoa bissexual, pois achava que era uma fase*. Dizemos, então, do espaço social da comunidade LGBTQ+ como contexto para a forma como a *bissexualidade* foi configurada subjetivamente no arranjo relacional do trisal, pois é comum nesses espaços sociais um entendimento da *bissexualidade* como indecisão (PILÃO, 2021b) ou *fase*, invalidando muitas vezes a vivência afetiva e sexual das pessoas que se nomeiam como bissexuais.

Ainda em relação à expressão acima, quando Olívia diz que *era uma brincadeira* parece se referir tanto a *bissexualidade* quanto a vivência em trisal. Essa forma de dizer sobre o que estavam vivenciando também se faz presente em outros momentos da conversação nas falas de Elizabete: *Ah não é nada, é uma brincadeira, a gente... o casal é eu e o William, a Olívia é solteira, é uma brincadeira e aí depois ela segue a vida*

*dela*. O que nos permite construir o indicador de sentidos subjetivos do trisal, nesse momento de seu envolvimento, de que **apenas o arranjo relacional da díade heterossexual tradicionalmente monogâmica seria digno de ser levado a sério (I7)**.

A formulação desse indicador ganha força com outra fala de Olívia: *Quando eu comecei a ver que era uma coisa mais séria, aí começou a vir os sentimentos de ciúmes, possessão*. Pensando com González Rey, temos aqui

algo que por séculos nós seres humanos tivemos aversão de reconhecer, não temos controle sobre as produções emocionais de nossa experiência, somente sobre nosso comportamento que, com grande frequência, é inseparável de uma intencionalidade volitiva carregada de subjetividade. É precisamente esta característica do fenômeno subjetivo uma questão central do drama da existência (GONZÁLEZ REY, 2009b, p. 14; tradução nossa).

Essa intencionalidade volitiva que é carregada de subjetividade, nesse caso, nos instiga a pensar que a produção de sentidos subjetivos dos participantes (precisa) rompe(r) com a heteronormatividade enquanto forma de subjetivação social dominante para configurar seu arranjo relacional em trisal. Contudo, uma vez mais parece se configurar em consonância com a norma monogâmica que tem autorizado tacitamente o sentimento de propriedade privada entre as pessoas envolvidas na relação e naturalizado o sentimento de ciúmes (ENGELS, 2019). No sentido de provocarmos se não seriam os sentimentos de ciúmes e posse que validariam a seriedade de uma relação na subjetividade social mononormativa.

Então, se **o amor romântico permanece sendo a base sob a qual se configura subjetivamente a família e o relacionamento poliamoroso do trisal (I3)**, se **o casamento ainda é vivido subjetivamente pelo trisal como a forma de legitimar a relação afetivo-sexual e a configuração familiar entre eles (I4)** e *ver que era uma coisa mais séria* entre os três, que faz *vir os sentimentos de ciúmes, possessão*, gera tensão com os sentidos subjetivos de que **apenas o arranjo relacional da díade heterossexual tradicionalmente monogâmica seria digno de ser levado a sério (I7)**, nos parece dizer da necessidade do trisal provar (inclusive através do perfil criado no *Instagram*) que seu relacionamento não é *bagunça*, como nos conta William sobre seu

*medo de falar e ser mal interpretado, dos caras acha que é bagunça, depois entrar no nosso perfil e descobrir como é a nossa relação.*

O que nos encaminha de volta à intencionalidade volitiva que é carregada de subjetividade, mencionada por González Rey (2009b), e nos leva uma vez mais ao pensamento de que a configuração da sexualidade do trisal, mesmo rompendo com a heteronormatividade, se organiza pela produção de sentidos subjetivos condizentes à norma monogâmica: de que seria *bagunça* qualquer outra maneira de se relacionar afetivo-sexualmente. Nessa conjuntura, parece que a sexualidade configurada subjetivamente dos/pelos participantes, juntamente com **a configuração subjetiva de família e arranjo relacional poliamorosos do trisal se situa em um entre lugar na monogamia e na não-monogamia (H1).**

Nesse ponto da construção interpretativa da informação é interessante notar, com a expressão abaixo de Elizabete, que parece ser justamente a sensação e o sentimento de traição nessa configuração relacional que fez com que eles tomassem consciência e assumissem para si mesmos, em um primeiro momento, que estavam de fato vivenciando uma “nova” configuração de relacionamento afetivo-sexual. Embora, no início do envolvimento entre as três pessoas de nosso estudo se tenha feito presente **a ruptura com a imagem de casal, e não a traição, como possibilidade da criação do relacionamento em trisal (I1).**

Elizabete nos conta, nesse sentido:

*(...) quando ela (Olívia) saiu com essa outra pessoa, com esse rapaz, que ela contou pra gente, eu me senti traída, o William se sentiu traído e a Olívia se sentiu traindo a gente. (...) E aí quando a gente descobriu que não ia conseguir ficar separado mais depois disso, a gente sentou e conversou: tudo bem, vamos ficar junto? Vamos. Então vamos ficar junto mesmo, é a gente (fala Elizabete, 38 anos).*

Essa fala de Elizabete também nos ajuda a identificar o desenvolvimento dos processos comunicativos entre o trisal na configuração subjetiva de seu arranjo relacional como poliamoroso, o que nos direciona uma vez mais ao segundo objetivo específico da pesquisa. O episódio do primeiro beijo entre Olívia e Elizabete igualmente nos proporciona indicações sobre a forma como o trisal foi desenvolvendo a

comunicação no processo subjetivo de seu relacionamento poliamoroso, Elizabete expressa a respeito: *ela (Olívia) foi e me beijou no banheiro, quando a gente saiu, a gente contou pro William, porque ela me fez contar*. Aparecem aqui sinais de uma comunicação honesta, responsável e ética como sendo alguns dos atributos condizentes com a ideologia do poliamor (KLESSE, 2011).

Ainda, em uma extensão da construção da informação sobre o ponto anterior, a partir do momento que o trisal decidiu *ficar junto mesmo*, foram *pesquisar e descobrir que existem outros trisais, que o trisal faz parte de uma coisa chamada poliamor, que você pode amar mais do que uma pessoa e que eles não são uns extraterrestres*. Essa é uma questão importante, no sentido de considerarmos o poliamor enquanto formação de uma subjetividade social da qual eles se sentem parte e que lhes proporciona segurança existencial, uma sensação de existência legítima.

Seguimos com essa questão colocando em diálogo o que Cardoso (2010) constatou em sua pesquisa sobre a prática do poliamor ser uma produção que o indivíduo faz de si mesmo. Nesse aspecto, a construção subjetiva da relação poliamorosa do trisal demanda pesquisa da parte deles sobre o arranjo relacional. Além de também colocar em evidência que *os três precisavam desconstruir muita coisa, precisavam se organizar em muita coisa*, como conta Elizabete ao dizer que *fizeram psicoterapia individual no início do envolvimento entre eles*. O que entendemos como uma necessidade do trisal para reconfigurar subjetivamente sua relação, no contexto da subjetividade social dominante heteromononormativa.

Nessa altura, quando decidiram *ficar junto mesmo*, também optaram por mudar para uma cidade maior do mesmo estado de São Paulo, mediante uma proposição de Olívia, onde permanecem vivendo atualmente. Essa ação do trisal nos remete a um conceito que aprendemos recentemente: “sexílio, este exílio sofrido por dissidentes sexuais, autoimposto ou não, que faz os indivíduos cruzarem fronteiras de seus países, cidades ou bairros por sobrevivência, por uma vida menos violentada” (MOGROVEJO, 2017 apud BRAGA, 2020, p. 11). Acontecimento esse que é frequente na comunidade LGBT+, para pessoas dissidentes do modelo cisheteropatriarcal e, aqui dizemos nós, para indivíduos dissidentes também da subjetividade social mononormativa – pelo motivo da mudança de cidade igualmente compor a configuração subjetiva da sexualidade e do arranjo relacional poliamoroso dos participantes de nossa pesquisa.

Junto a esses pontos, vamos nos direcionando para a construção e interpretação das informações que nos permitem formular um último indicador de como a sexualidade se configura subjetivamente na vivência do arranjo relacional do trisal. Para isso trazemos o que Elizabete também expressa *uma vez que foi melhorando* os conflitos iniciais da relação em trisal: *a gente sentou pra conversar o próximo passo, que foi... ooo bebê. (...) E aí o William já era vasectomizado, porque a gente já tinha as duas meninas, eu não queria mais gestar e ela (Olívia) falou que queria ser mãe e eu falei: ah vamos lá ver isso aí então.* Desse modo, outra atitude tomada pelo trisal foi a realização do tratamento de fertilização in vitro (FIV), através do qual foi possível Olívia engravidar de William e conceberem o bebê que é considerado filho do trisal pelos três, conforme nos contaram na conversação.

Com a forma de expressar de Elizabete, nos interessa pensar os rituais estabelecidos culturalmente, por meio da norma monogâmica desde a sociedade moderna, como *passos* implícitos a serem seguidos de acordo com a ideia de *família e relacionamento padrão*. Temos, então, o namoro, noivado, casamento e a concepção de filhos como diretrizes pelas quais as relações afetivo-sexuais são reconhecidas e avaliadas enquanto tais através da subjetividade social mononormativa.

Além disso, ao também falar sobre a FIV, Olívia conta que *sempre se sentia muito excluída, mas que eles nunca a fizeram sentir assim*. E Elizabete menciona ainda em nossa conversa que *o PR. (bebê), ele veio pra unir a gente, a gente tá muito unido*. Sendo assim, a composição dessas manifestações torna possível formularmos o indicador de que **o motivo para se estabelecer relação afetivo-sexual para o trisal se baseia no caráter reprodutivo como forma de constituição de família (I8)**. Entendemos que a decisão de conceber um bebê foi gerada por e geradora de sentidos subjetivos que tem por base a necessidade de pertencimento e união entre os três e também parece caracterizar a forma pela qual a sexualidade se configura subjetivamente no arranjo relacional do trisal, pois Olívia conta que *no começo* do envolvimento entre os três *já era uma coisa que a gente já pensava*.

Nesse contexto, ressaltamos uma das congruências mais significativas para situar a configuração relacional do trisal em acordo com a ideologia poliamorosa, junto do aspecto quantitativo e à automeação que eles fazem de seu relacionamento como poliamoroso. Diz respeito ao fato da dimensão afetiva, do sentimento, em específico, do

amor estar no centro de valorização do ideal poliamoroso, conforme Klesse (2011) assinala ser esse um consenso entre a pluralidade de discursos sobre o amor que permeiam a teoria e a prática do poliamor.

Esse aspecto está presente ao longo de toda a conversação nas expressões dos três participantes, por exemplo, quando Olívia diz: *eu acredito que esse amor que Deus colocou pra gente não conseguir separar, porque senão tinha separado*. O que sugere uma vez mais que **o amor romântico permanece sendo a base sob a qual se configura subjetivamente a família e o relacionamento poliamoroso do trisal (I3)** e sublinha novamente a religiosidade cristã como componente nuclear nessa configuração.

Contudo, essa congruência da dimensão afetiva como cerne da relação poliamorosa do trisal aparece mais diretamente em nossa conversação de forma “falha”, por assim dizer – o que na teoria psicanalítica diz respeito ao conceito de ato falho ou lapso (FREUD, 1996c) –, que para González Rey (2009a) faz referência a uma das maneiras pela qual a pesquisadora pode registrar os sentidos subjetivos produzidos pelos participantes.

Chamamos a atenção, então, para o que conta Elizabete e para as reações de William e Olívia: *numa relação igual a nossa o sentimento é muito mais latente do que o prazer* e mais ao final da conversação ela continua: *o William ele foi bastante empático comigo no início né, porque no início ele não nutria sentimento pela Olívia, ele estava aproveitando da parte da luxúria, do prazer, de estar junto né, do sexo em si*. Enquanto Elizabete usava essas últimas expressões, William e Olívia se entreolharam e esboçaram ambos um sorriso de soslaio, o que interpretamos como um gesto de cumplicidade, mas também de “descobrimento”, como se um segredo estivesse sendo revelado.

Desse modo, a confusão semântica, portanto de significado, presente na fala de Elizabete ao dizer que *o sentimento é muito mais latente do que o prazer* em vez de muito mais evidente ou importante, por exemplo, nos importa sobremaneira como manifestação da produção de sentidos subjetivos na configuração da sexualidade entre o trisal que acaba por inverter justamente o atributo central do poliamor.

Construímos e interpretamos essa informação como registro final sobre a configuração subjetiva da sexualidade do trisal por duas motivações: a primeira, que explicamos logo no início dessa ramificação a partir de nosso eixo teórico, é que os sentimentos, afetos e emoções estão na base de como também a sexualidade é configurada subjetivamente (GONZÁLEZ REY; MONCAYO QUEVEDO, 2019). O outro motivo é que essa congruência (invertida) com o poliamor, somada aos indicadores que estamos construindo, nos move em direção a formulação da segunda hipótese de nosso estudo: **a configuração subjetiva do arranjo relacional poliamoroso do trisal parece ser consoante ao estigma social que atribui o sexo por prazer como promiscuidade (H2)**, o que também confere acordo com o que estudamos nas pesquisas do estado da arte sobre as pessoas poliamoristas rechaçarem uma associação de sua maneira de relacionar como sendo promíscua.

### 9.3 Configuração subjetiva de gênero

Até aqui construímos a informação de como família e sexualidade se configuram subjetivamente no arranjo relacional do trisal percebendo uma presença mais significativa das expressões de Olívia e Elizabete em nossa conversação. Neste momento, registramos que as manifestações de William foram as que nos pareceram mais marcantes sobre a configuração de gênero na construção da relação poliamorosa entre eles, a partir das temáticas sobre masculinidade e machismo provocadas pela pesquisadora, juntamente com as expressões de Olívia e Elizabete acerca da função e o papel de mulher.

Como informamos na ramificação de “Importâncias... para a construção e interpretação da informação”, os participantes de nosso estudo de caso se identificam como duas mulheres e um homem e se articulam no cenário social da pesquisa e em nossa conversação mediante uma representação binária de gênero com algumas manifestações questionadoras dos atributos naturalizados dessa representação, mas que ao cabo nos parece reforçá-la.

Partimos, então, uma vez mais com o que vimos aprendendo com Butler (2003, 2019), quem faz uma elaborada e complexa crítica à proposição estruturalista que dicotomicamente vinculou o sexo à causa naturalista e o gênero a uma construção

cultural na sociedade moderna. O que gerou ao longo da história civilizatória uma implicação do gênero equivalente à representação binária, homem/mulher, como uma extensão do sexo determinado biologicamente, masculino/feminino. Essa performatividade de gênero, como a autora conceitua, acontece pela reiteração dessa extensão, produzindo um modo de subjetivação social dominante cisnormativa, quer dizer, de caracteres que tornam(riam) o binômio homem-mulher o modelo verdadeiro, que designa(ria) ao lugar de cópia, portanto, falha e abjeta, qualquer variação desse modelo.

Em seu turno,

A teoria da subjetividade explica esses estereótipos de gênero como configurações subjetivas que integram e geram sentidos subjetivos resultantes de um microcosmo da história de cada indivíduo, que por sua vez expressa sentidos subjetivos que corporificam processos dominantes da subjetividade social (GONZÁLEZ REY; MONCAYO QUEVEDO, 2019, p. 144; tradução nossa).

Nesse diapasão, começamos com Olívia contando que *dois papéis de mulher na casa foi difícil, que são duas pessoas, duas mulheres, na função de mulher* na forma como o gênero é configurado subjetivamente no arranjo relacional do trisal. Ela diz ainda que foi difícil *porque no relacionamento padrão meio que a mulher é que fala, o cara... é diferente né...*

A partir de uma perspectiva binária, a maneira como Olívia expressa sua fala e as reticências que aparecem como modo de descontinuidade dessa mesma expressão nos faz pensar em uma possibilidade de complemento: *no relacionamento padrão meio que a mulher é que fala, o cara...* obedece e fica quieto a respeito das atividades domésticas, e que o *diferente* na configuração de gênero no relacionamento do trisal não é necessariamente *o cara...* participar de modo efetivo na realização dos serviços domésticos e sim *ter uma outra mulher em casa, com um jeito diferente do meu de arrumação, de preocupação com certas coisas (...) de rotina do dia-a-dia*, como também nos conta Elizabete nesse momento da conversação.

Isso nos move à construção do indicador de sentidos subjetivos de que o trisal parece reiterar a ideia operante do *relacionamento padrão* de que **a divisão e execução**

**das tarefas domésticas é função do papel de mulher (I9)**, antes disso, que existiriam funções específicas e naturais com base no gênero designado no nascimento. Esse indicador está de acordo com o que Reis (2017) encontrou em sua pesquisa – realizada também com um trisal constituído por duas mulheres e um homem – sobre a configuração de gênero nessa formação de trisal ocorrer de modo similar à representação de casal, enquanto *relacionamento padrão* na normativa monogâmica e heterossexual.

Contudo, uma diferença interessante é que as mulheres integrantes do trisal no estudo de Reis (2017) expressam satisfação ao apoio mútuo entre elas na realização das atividades domésticas. Enquanto que em nossa investigação o que vemos como produção de sentidos subjetivos na configuração de gênero, nesse aspecto, foi a necessidade de *adaptar também a ter uma outra mulher em casa*, como diz Elizabete em nosso encontro.

A partir desse ponto, trazemos uma fala de William mediante uma questão que provocamos ao pedir que ele contasse como foi sua vivência no início do envolvimento entre os três, *a partir do seu lugar de homem e do machismo na sociedade*, com Elizabete se apaixonando por uma mulher:

*(...) essa questão do machismo, da masculinidade, ela foi um empecilho pra mim ali no começo né. Tem um lado bom, mas tem um lado ruim, porque eu sou homem né, eu sei como que é a tratativa de homem pra essa situação (...) infelizmente nós homens, a gente sempre foi condicionado a uma situação né, de ser o alfa, pra homem você ser o segundo não adianta nada, então isso, isso é muito ruim né, a gente carregar esse peso de sempre ter que ser perfeito, ser o bom, ser o provedor de tudo. Então eu tive muita dificuldade em falar da nossa relação por conta disso né, tive muito medo por conta de tudo isso aí (fala William, 38 anos).*

O que William conta nos mobiliza a formular o indicador de que **a indissociação que o trisal fazia entre o machismo e a masculinidade foi um empecilho (I10)** na forma como a questão de gênero se configurava subjetivamente no início do envolvimento amoroso e sexual entre eles. De modo que a forma diante da qual William se reconhecia como homem (e também era reconhecido?), até experienciar o arranjo relacional em trisal, foi através de sentidos subjetivos da subjetividade social dominante de masculinidade, restrita e reduzida a uma caracterização machista *de ser o alfa*.

Assim, se nomear e ser visto como homem na sociedade moderna e ocidental, historicamente constituída e constituinte de subjetividades sociais dominantes hetero-cis-mononormativa a partir de valores patriarcais, machistas e misóginos, *tem um lado bom* da garantia e concessão de privilégios. *Mas tem um lado ruim*, no sentido de que esse mesmo contexto histórico-cultural pode implicar uma produção de sofrimento também aos homens por *carregar esse peso de sempre ter que ser perfeito, ser o bom, ser o provedor de tudo*. Pois promove um modelo masculino que teve atribuído e atribuiu culturalmente à agressividade uma condição de propriedade natural e tem sido motivador para a geração de estigma diante da sensibilidade também como expressão de masculinidades.

Nessa conjuntura, seguimos o diálogo com o trisal, apresentando abaixo algumas expressões mais de William, que nos subsidiam com a construção do indicador anterior:

*(...) tudo pra mim era muito simples de resolver e não funciona assim né, as coisas não são tão simples assim né, como é no universo masculino. No universo masculino é tudo muito prático né, mas no universo feminino não, não é só a razão, muitas... a maioria das vezes existe a emoção junto né e não que no masculino isso não tenha, mas a gente não deixa isso aflorar né* (fala William, 38 anos).

A fala de William nos encaminha na retomada de aspectos histórico-culturais da sociedade moderna que (se) desenvolveu (através de) uma epistemologia binária (PRECIADO, 2019, p. 25) dicotomizando, entre outros “pares”, *razão* e *emoção*, onde a primeira caberia a um suposto *universo masculino* e a segunda a outro *feminino*. Considerando os valores patriarcais como edificadores de tal forma de capturar o conhecimento, se fez presente uma hipotética superioridade, inclusive moral, da *razão* sobre a *emoção*. O que novamente reforça os binarismos e a hierarquização de valores pautados em um maniqueísmo que os caracteriza elementar e respectivamente como bom e ruim.

Embasados na teoria da subjetividade e aliançados com González Rey (2000, 2016a), recordamos, no entanto, que as emoções têm papel protagonista na produção de subjetividades. Sendo assim, a conscientização pelo trisal de suas próprias emoções ao longo da relação nos possibilita construir o indicador da produção de novos sentidos

subjetivos acerca da **importante presença da sensibilidade na forma como a masculinidade foi sendo reconfigurada no arranjo relacional do trisal (I11)**. Esse indicador produz eco e ecoa, principalmente, com as seguintes expressões de William em nossa conversação:

*Toda conversa que a gente tinha no início do relacionamento eu me impunha muito...: Não, é desse jeito e ponto e acabou... E não é, não funciona assim. Em nenhuma relação, quer ser ela em dois, três, quatro, profissional, amorosa, a imposição ela não... ela é maligna, ela não traz benefício nenhum (fala William, 38 anos).*

*(...) às vezes aqui conversando com elas eu falo: Eu to desarmado. Olha só... e não é isso... Eu to desarmado por que eu contei tudo pra elas? Mas é, às vezes, a forma com que a gente se sente... vulnerável e o homem não pode ser vulnerável? Pode, a gente pode, mas a gente não consegue, não é, não é tão simples assim, na verdade é bem difícil (fala William, 38 anos).*

Nesse momento, aparecem, uma vez mais, pistas dos processos comunicativos entre Elizabete, Olívia e William, com suas mudanças sendo a forma geradora de possibilidades para que a própria relação se configure e venha se desenvolvendo em seu arranjo poliamoroso de trisal. Tendo em vista que é através da qualidade da comunicação que as emoções podem adquirir maneiras de serem expressas em sua especificação, enquanto necessidades, motivações e desejos (GONZÁLEZ REY, 1995, 2000, 2016a; PATIÑO TORRES, 2022).

Sendo que no relacionamento dos participantes de nosso estudo, a configuração subjetiva do arranjo relacional em trisal implicou uma significativa transformação na qualidade e na ética comunicativa entre eles, portanto na expressão das próprias emoções consigo mesmos e *uns com os outros*, como nos conta Elizabete:

*(...) hoje a gente aprendeu a... conversar uns com os outros e eu falo uns com os outros é todo mundo, porque eu e o William a gente aprendeu a conversar depois desse relacionamento. Antes desse relacionamento a gente só empurrava problemas pra baixo do tapete e seguíamos, depois que a gente ficou juntos, que a gente... os três juntos, que pra resolver tinha que conversar, muita coisa começou a surgir da cartola, que a gente nunca tinha conversado na vida e aí a gente hoje já aprendeu a conversar (...) (fala Elizabete, 38 anos).*

Temos, então, a **importante presença da sensibilidade na forma como a masculinidade foi sendo reconfigurada no arranjo relacional do trisal (I11)**. De modo que estamos dizendo, em uma perspectiva binária, que a sociedade contemporânea é o período em que os homens estão começando a se dar conta que “são” homens e que “possuem” uma masculinidade problemática (GIDDENS, 1993, pp. 69-70) e o quanto esse aspecto parece ser crucial na configuração de gênero para a construção da relação afetivo-sexual do trisal, como William veio nos contando ao longo da conversação e ainda expressa a seguir:

*(...) antes eu também tinha um pouco dessa coisa...nunca fiz isso com a Elizabete, mas essa coisa da mulher ela ser submissa ao homem né. Eu tinha isso aí, eu tinha um pouco de certeza disso e não, a gente é totalmente igual, o que serve pra mim, serve pra Elizabete, serve pra Olívia, serve pra nós três, senão não serve. Eu não vejo diferença nenhuma de nós três aqui, mas antes, querendo ou não, enxergava né, porque isso era condicionado, era uma coisa que tava na minha cabeça ali... não verbalizava nada, mas isso tava firme dentro de mim, hoje já não (fala William, 38 anos).*

Dessa maneira, com William contando que *não verbalizava nada sobre essa coisa da mulher ela ser submissa ao homem, mas que isso tava firme dentro dele e hoje já não*, nos aponta para como os sentidos subjetivos operam de forma implícita no processo de subjetivação e que nem sempre se dão a ver por meio de comportamentos, muitas vezes sendo contraditórios a eles. Uma expressão de Elizabete, em nossa conversação, sobre a postura de William nesse contexto exemplifica esse aspecto contraditório: *Então o William ele sempre foi diferenciado sabe, dos outros homens, ele fala dos homens numa generalização, mas ele sempre foi um pouquinho ponto fora da curva dos outros homens, dos demais, no trato comigo, no respeito né...*

Nesse ponto, marcamos ao longo da conversação e mais explicitamente nas falas acima de William, a igualdade, e não a liberdade que aparece predominantemente no estudo de Pilão (2015), como um dos ideais do poliamor presente no arranjo relacional em trisal fechado dos participantes de nossa investigação. O que gera ainda uma contradição com os sentidos subjetivos que indicam que **a divisão e execução das tarefas domésticas é função do papel de mulher (I9)**. Muito embora, nas pesquisas

que estudamos no estado da arte, das quais destacamos a de Bornia Junior (2018) e a de Silva (2017), a igualdade tenha aparecido também mais como um ideal das relações poliamorosas.

De todo modo, nos parece que o trisal vem reconfigurando a questão de gênero em seu arranjo relacional poliamoroso, dentro da perspectiva binária, como tensionador da representação dominante de uma masculinidade machista. Mais adiante em nosso conversatório, William também conta que começou *a perceber como que elas* (Elizabeth e Olívia), *como que era a relação das duas*, essa percepção possibilitou a ele a produção de novos sentidos subjetivos quando expressa, diferente do início da conversação, que *existe o machismo e existe a masculinidade. O machismo, ele sempre vai ter uma visão pejorativa sobre a mulher.*

Então, com as expressões acima tanto de William como de Elizabeth, temos também **a mútua comunicação de vulnerabilidades, insegurança e emoções (I12)** como o último indicador que construímos acerca do desenvolvimento subjetivo da relação poliamorosa entre as três pessoas participantes de nosso estudo. Junto à **importante presença da sensibilidade na forma como a masculinidade foi sendo reconfigurada no arranjo relacional do trisal (I11)**, que trazemos também na seguinte manifestação de Elizabeth:

*(...) só deu certo com o William e eu acredito que em outros trisais que tem dado certo, é justamente pelo fato do homem... ter essa sensibilidade com as meninas sabe, não se colocar no primeiro lugar, não se colocar o prazer no primeiro lugar, a parte sexual, a parte do homem, o cara que tem duas mulheres na cama né (fala Elizabeth, 38 anos).*

O que nos parece soar quase como uma espécie de dica para uma formação de relacionamento poliamoroso entre três pessoas nessa configuração de gênero e retomar, de certa maneira, que **o amor carnal é vivido subjetivamente pelo trisal como pecado (I5)** e que **a configuração subjetiva do arranjo relacional poliamoroso do trisal parece ser consoante ao estigma social que atribui o sexo por prazer como promiscuidade (H2)**. Reduzindo também, com a perspectiva binária de gênero, *a parte sexual* como sendo exclusiva *a parte do homem*, que renega o prazer e a sexualidade feminina.

Sendo assim, formulamos, igualmente com a construção dos indicadores, nossa terceira e derradeira hipótese como síntese analítica da criação subjetiva do arranjo relacional do trisal. Mesmo mantendo conformidade com a subjetividade social dominante cisnormativa no binômio homem-mulher, **a configuração de gênero entre o trisal desestabiliza a representação patriarcal da masculinidade reduzida ao machismo, promovendo a sensibilidade como expressão de masculinidades outras (H3).**

**Filamento III {O outro lado do mesmo...}**

*Escrever é confrontar nossos próprios demônios, olhá-los de frente e viver para falar sobre eles.*

(Gloria Anzaldúa, Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo)

Ou, mais levemente (como vimos aprendendo), podemos brincar/jogar:

*Carne e unha*

*Alma gêmea*

*Bate coração*

*As metades [tripartes] da laranja*

*Dois [Três] amantes, dois [três] irmãos*

*Duas [Três] forças que se atraem*

*Sonho lindo de viver*

(Fábio Jr., Alma gêmea; adaptação nossa)

## **10 CONSIDERANDO FINAIS: QUANDO A LARANJA PASSA A SER DIVIDIDA EM TRÊS**

Assim como as análises construídas no filamento anterior representam uma das perspectivas possíveis de articulação e geração de conhecimento com o trabalho de campo, essa ramificação final também faz ver um modo de pensamento possível, com o qual mais uma vez nos comprometemos. Um modo que, sim, busca (aprender) maneiras de escapar a um ensimesmamento de ideias e emoções, muitas vezes pensar fundo requer estar sozinha, para criar resistências minúsculas conjuntas. E é nessa busca que a vontade de não ser só séria chegou (FERNANDEZ-SAVATER; VARELA HUERTA, 2020; LISPECTOR, 1999).

Dizemos sobre esse ser um dos modos que nos foi possível construir conhecimento com a pesquisa, pois estamos cientes das ressalvas elaboradas no início do filamento II que seguem como marcas em nossa investigação, principalmente a respeito da execução metodológica da pesquisa sucedida parcialmente devido ao curso dos últimos acontecimentos no trajeto de mestrado. Mas também, por imaginarmos outras vias de interpretações passíveis de serem concebidas, nesse caso, com um estado da arte que se concentrasse na monogamia como ponto de partida e referência, por exemplo. Além da possibilidade de outras análises a variar com as alianças teóricas que se assume e da perspectiva de mundo e vivências (subjetivas) da pessoa que investiga/escreve.

Então, ao considerar uma escrita a modo de finalização para a pesquisa, retomamos nossa problematização e os objetivos que nos movimentaram ao estudo da produção acadêmico-científica acerca do poliamor e à conversação com as três pessoas participantes nessa investigação. Nesse sentido, dialogamos com a questão-problema formulada de início através de um estudo de caso do relacionamento afetivo-sexual do trisal formado entre Elizabete, Olívia e William, percebendo que o poliamor foi sendo configurado subjetivamente pelos três na forma de um arranjo relacional de grupo fechado.

Dessa maneira, vimos que a polifidelidade está presente na dinâmica relacional em trisal dos participantes de nossa investigação. E que para eles os ideais de igualdade

e honestidade ganham foco na configuração subjetiva de sua relação, ao contrário do que Pilão (2015) identificou em sua pesquisa sobre os valores de liberdade e espontaneidade serem centrais para a maior parte dos interlocutores poliamoristas de seu estudo.

Ainda, reconhecemos os sentidos subjetivos produzidos pelo trisal consoantes às subjetividades sociais dominantes mono-hetero-cisnormativa, mas também destacamos a produção dos participantes de nosso estudo de sentidos subjetivos disruptivos a essas mesmas subjetividades sociais. De modo que a informação construída nos possibilitou compreender que as configurações subjetivas de família, de sexualidade e de gênero do trisal estão implicadas e foram geradas pela e geradoras da criação subjetiva de seu relacionamento poliamoroso.

Através da conversação com o trisal entendemos que o desenvolvimento subjetivo de seu arranjo relacional implicou uma ruptura com a imagem de casal como relacionamento padrão. Esse processo de ruptura aconteceu tanto por parte de Elizabete e William que anteriormente vivenciavam monogamicamente sua relação em casal, quanto para Olívia quem igualmente tem um histórico pessoal monogâmico. Os três precisaram criar novos sentidos e configurações subjetivas no decorrer do envolvimento amoroso e sexual entre eles para romper com a entidade casal enquanto forma de subjetivação social heteromononormativa da cultura ocidental moderna.

A partir disso, construímos a informação na pesquisa interpretando que a configuração subjetiva de família e arranjo relacional poliamoroso do trisal parece se situar em um entre lugar na monogamia e na não-monogamia. Com relação à monogamia formulamos indicadores de que o amor romântico e o casamento ainda são configurados subjetivamente pelo trisal como a forma de legitimar o relacionamento entre eles. Ao mesmo tempo os três nomeiam sua relação como poliamorosa por se vincularem afetiva e sexualmente com mais de uma pessoa de forma consensual e concomitante, o que subverte o aspecto quantitativo como dinâmica implícita na monogamia que acontece através da traição e da monogamia em série (EMENS, 2004).

Ainda sobre esse aspecto, consideramos que a forma como o trisal configura subjetivamente seu arranjo poliamoroso em grupo fechado nos possibilita situar o poliamor, em nosso estudo de caso, numa posição de ambiguidade com a monogamia,

diferente da posição de antagonismo que Pilão e Goldenberg (2012) encontraram entre parte dos poliamoristas em seu estudo.

Outro ponto de destaque que caracteriza o poliamor no relacionamento do trisal é a forma como foram configurando subjetivamente a sexualidade e a dimensão afetiva ao longo da vivência relacional. Os três enfatizam a primazia da esfera amorosa em relação à parte sexual e ao prazer, o que coaduna com o que Klesse (2011) afirma sobre esse ser o aspecto comum dos discursos plurais acerca do poliamor. Embora essa ênfase pareça ter acontecido através de expressões controversas do trisal em nossa conversação. De maneira que geramos, a partir disso, indicadores da produção de sentidos subjetivos do trisal que parecem configurar o sexo por prazer como promiscuidade. O mesmo estudo de Klesse (2011) aponta esse aspecto em parte do discurso poliamoroso entre os interlocutores de sua investigação.

Também entendemos que o caráter reprodutivo, característico da norma monogâmica, está presente como motivo na configuração subjetiva da sexualidade na vivência poliamorosa do trisal. Assim como construímos a informação, com a conversação realizada junto aos participantes, de que um dos pontos de conflitos mais acentuado no processo subjetivo de reconfiguração da sexualidade no arranjo relacional do trisal ganhou forma na produção de novos sentidos através da experiência automeada como bissexual entre Elizabete e Olívia, que passou a compor parte da configuração sexual do trisal. Sendo que esses novos sentidos produzidos por eles são tensionadores da e tensionados pela subjetividade social heteronormativa predominante historicamente na cultura ocidental moderna e singularmente em suas vivências relacionais de outrora.

Nessa altura, a informação que construímos acerca da configuração de gênero no arranjo relacional poliamoroso do trisal se constituiu da autoidentificação dos participantes com o binômio homem-mulher, representante da cisnormatividade enquanto subjetividade social. Pensando com González Rey e Moncayo Quevedo (2019), para quem o gênero é uma produção subjetiva e não uma abstração social, e seguindo os traçados de Butler (2003, 2019) que problematizam a proposição estruturalista da vinculação entre sexo-gênero e redução de um ao outro, construímos um indicador que aponta para a produção de sentidos subjetivos do trisal de que a divisão e execução das tarefas domésticas seria função do papel de mulher.

Contudo, ao mesmo tempo, no decorrer da conversação, entendemos que o trisal vem reconfigurando suas ideias e suas vivências de masculinidade por meio do desenvolvimento subjetivo de seu arranjo relacional poliamoroso. Dessa forma, elaboramos indicadores de que os participantes de nosso estudo vêm produzindo sentidos subjetivos com os quais estão diferenciando masculinidade e machismo e concebendo a sensibilidade também como uma expressão masculina, mesmo na maneira binária como configuram subjetivamente a expressão de gênero.

Ao longo da conversação, identificamos alguns dos processos comunicacionais entre o trisal que possibilitaram a percepção de que através do desenvolvimento de uma mútua comunicação ética de seus desejos, emoções, vulnerabilidades e inseguranças o trisal foi produzindo sentidos subjetivos que configuraram a criação de seu arranjo afetivo-sexual como poliamoroso. Comunicação essa, entendida como sistema qualitativo na/da dinâmica relacional (GONZÁLEZ REY, 1995; PATIÑO TORRES, 2022), promotora e promovida pelas rupturas que o trisal precisou fazer com aspectos hegemônicos da subjetividade social heteromononormativa. Não obstante, especulamos que o trisal não assinaria a proposta de contrato contrassexual elaborada no filamento I.

Seguimos então, com as considerações finais, tendo em vista o aspecto religioso que se fez presente na forma como os participantes do estudo configuraram seu relacionamento poliamoroso em grupo fechado, subvertendo o dogmatismo religioso cristão para manterem-se em trisal. Como aprendemos com González Rey e Moncayo Quevedo (2019, p. 144; tradução nossa), “uma produção subjetiva [...] integra vários sentidos subjetivos que expressam, de forma singular, as construções sociais articuladas nos discursos dominantes”. Nesse sentido, incitamos a relevância de estudos porvires que se disponham a revisar a categoria poliamor enfatizando o âmbito religioso, em específico. Já que inicialmente, em sua ideologia e prática, o poliamor surgiu de um seguimento espiritualista e pagão (CARDOSO, 2010) e, de forma curiosa, atualmente, com o que observamos no cenário social da pesquisa e com o trabalho de campo, a categoria poliamor vem sendo mobilizada a partir de (rupturas com) um seguimento religioso cristão e evangélico, caracteristicamente mais conservador e moralista no contexto histórico-cultural da sociedade moderna ocidental.

Por fim, entendemos que o trisal parece coadunar com o novo normal que Haraway (2016b) provoca em seu livro *Staying with the Trouble*, provocação com a

qual avançamos em nossa problematização no filamento I. O que pode ser indício de um percurso inicial para se legitimar outras configurações de relacionamento, para além da monogamia com sua figura tradicional do casal heterossexual tida como princípio de família no âmbito jurídico. Ao mesmo tempo, os indicadores construídos nos possibilitaram gerar hipóteses que nos levam a considerar um desejo do trisal de se tornar a nova *família Doriانا*, de que a configuração de seu relacionamento também se torne *padrão*. Esse fator, por sua vez, pode cair em uma polinormatividade conforme alerta Wilkinson (2010) e também se tornar uma forma de institucionalização do poliamor como sugerem Costa e Belmino (2017), no sentido de construir novas hegemonias que não promovam transformações políticas e culturais mais amplas.

Com o trabalho de campo junto aos participantes e com as companhias teóricas, principalmente Emens (2004) e, mais recentemente, Vasallo (2018), uma das perguntas que surge e fica com a pesquisa, gerando movimentação para possíveis e futuros prolongamentos de seus filamentos, é se o poliamor seria o nome para uma não-monogamia que dá forma no contexto histórico-cultural ocidental ao que no oriente se legitima como poligamia. Mais especificamente: pelo estigma social que a poligamia tem na cena moderna do oeste do planeta, seria o poliamor, com o fenômeno atual da configuração subjetiva em trisal presente nesse estudo, seu correlato cultural no ocidente?

Finalmente, notamos também, com leituras/escritas mais recentes (NÚÑEZ; OLIVEIRA; LAGO, 2021; VASALLO, 2018), que têm surgido questionamentos sobre um entendimento do poliamor centrado no aspecto quantitativo, sendo esse aspecto predominante nas pesquisas que estudamos para o estado da arte. Essa atualização se movimenta com a problematização do poliamor e da monogamia a partir de suas dinâmicas conjunturais, ou seja, em um aspecto qualitativo. Com isso, outra pergunta nasce e faz vez de desfecho para a pesquisa: a configuração subjetiva do arranjo relacional do trisal participante de nosso estudo – e, ousamos provocar, da configuração do arranjo relacional em trisal no geral, considerando a configuração de gênero mulher-homem-mulher e a modalidade de grupo fechado – pode ser entendida como uma forma de neomonogamia<sup>12</sup>?

---

<sup>12</sup> Esse termo surgiu em um encontro com o grupo de pesquisa Não-mono (diretório CNPq). Nesse sentido somos gratos, especialmente, a colega e pesquisadora Mônica Barbosa pelo ato de pensar junto.

## REFERÊNCIAS

ANAPOL, D. **Polyamory in the 21st century**. Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 2010.

ANDRADE JUNIOR, C. G. C. **Poliamor e ciberespaço: uma análise das representações sociais no youtube**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2019.

ARAÚJO, C. A. A pesquisa norte-americana. In: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. (Orgs). **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 119–130.

ARIES, P. A família. In. ARIES, P. **História Social da Criança e da Família**. Trad. Dora Flaksman. Rio de Janeiro, RJ: LTC - Livros Técnicos e Científicos Editora S. A, 1981.

BALDIN, N.; MUNHOZ, E. M. B. Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In: Congresso Nacional de Educação, 10, 2011. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2011. Disponível em <https://docplayer.com.br/1714932-Snowball-bola-de-neve-uma-tecnica-metodologica-para-pesquisa-em-educacao-ambiental-comunitaria.html>. Acesso em 13 set. 2022.

BONATO, F. R. C. **A formação científica sobre sexualidade nos cursos de graduação em psicologia da região de Curitiba**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2019.

BORNIA JUNIOR, D. L. **Amar é verbo, não pronome possessivo: etnografia das relações não-monogâmicas no Sul do Brasil**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2018.

BRAGA, C. Sexílios: fantasmografias e estéticoativismos. **Revista Periódicus**, v. 1. n. 12, pp. 06–37, 2020. Disponível em <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/33799>. Acesso em 19 out. de 2022.

BRANDÃO, J. S. **Mitologia grega**. Vol. III. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

BUTLER, J. Prefácio. Capítulo 1 – Sujeitos do sexo/gênero/desejo. In. BUTLER, J. **Problemas de gênero – Feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, pp. 07-60.

BUTLER, J. **Corpos que importam – Os limites discursivos do “sexo”**. Trad. Veronica Daminelli; Daniel Yago Françoli. São Paulo: n-1 edições, 2019.

CARDOSO, D. **Amando vári@s – Individualização, redes, ética e poliamor**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2010.

CARDOSO, D. Amores plurais situados – Para uma meta-narrativa socio-histórica do poliamor. **TEMPO DA CIÊNCIA**, Toledo, v. 24. n. 48, pp. 12-28, jul. / dez. 2017.

Disponível em <https://e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/issue/view/946>. Acesso em 03 jul. de 2021.

COSTA, T.; BELMINO, M. C. Poliamor: entre a institucionalização e a transgressão. **TEMPO DA CIÊNCIA**, Toledo, v. 24. n. 48, pp. 77-86, jul. / dez. 2017. Disponível em <https://e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/issue/view/946>. Acesso em 03 jul. de 2021.

DELEUZE, G. Controle e devir. In: DELEUZE, G. **Conversações**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992, pp. 209-218.

DELEUZE, G. Os Intercessores. In: DELEUZE, G. **Conversações**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992, pp. 151-168.

EMENS, E. F. Monogamy's Law: Compulsory Monogamy and Polyamorous Existence. U. of Chicago, Public Law Working Paper No. 58, **New York University Review of Law & Social Change**, Vol. 29, pp. 277-376, 2004. Disponível em [https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=506242](https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=506242). Acesso em 26 jun. de 2021.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do estado** [recurso eletrônico]: em conexão com as pesquisas de Lewis H. Morgan. Trad. Nélio Schneider. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

ESTEBAN, M. L. Etnografía emocional: dentro y fuera del tiempo. In: ESTEBAN, M. L. **Crítica del pensamiento amoroso**. Temas contemporáneos. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2011.

FERNANDEZ-SAVATER, A.; VARELA HUERTA, A. Silencio, pasividad y disimulo: maneras de escapar cuando no hay salida y una Postdata. **Acta poét** [online], vol. 41, n. 2, pp. 29-46, 2020. Disponível em <https://revistas-filologicas.unam.mx/acta-poetica/index.php/ap/article/view/874>. Acesso em 19 jun. de 2022.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Trad. Maria Thereza C. Albuquerque; J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FRANÇA, M. G. **Além de dois existem mais: estudo antropológico sobre poliamor em Brasília/DF**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

FRANÇA, M. G. “Um é pouco, dois é bom”, três (ou mais) é demais? – processos de negociação em torno de (in)definições êmicas do poliamor. **TEMPO DA CIÊNCIA**, Toledo, v. 24. n. 48, pp. 45-61, jul. / dez. 2017. Disponível em <https://e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/issue/view/946>. Acesso em 03 jul. 2021.

FRANÇA, V. V. Paradigmas da comunicação: conhecer o quê? **Ciberlegenda**, n. 5 (ed. especial), 2001. Disponível em <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36784/21359>. Acesso em 22 set. de 2021.

FREIRE, S. E. A. **Poliamor, uma forma não exclusiva de amar: correlatos valorativos e afetivos**. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

FREIRE, S. E. A.; GOUVEIA, V. V. Poliamor: uma forma não convencional de amar. **TEMPO DA CIÊNCIA**, Toledo, v. 24. n. 48, pp. 62-76, jul. / dez. 2017. Disponível em <https://e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/issue/view/946>. Acesso em 03 jul. 2021.

FREUD, S. (1912-1913). **Totem e tabu**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Trad. Jayme Salomão. Vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

FREUD, S. (1901-1905). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Trad. Jayme Salomão. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

FREUD, S. (1916-1917). **Conferências introdutórias sobre psicanálise**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Trad. Jayme Salomão. Vol. XV. Rio de Janeiro: Imago, 1996c.

FREYRE, G. O indígena na formação da família brasileira. In: FREYRE, G. **Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 48ª ed. São Paulo: Global, 2003.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GONZÁLEZ REY, F. **Comunicación, personalidad y desarrollo**. Habana: Pueblo y Educación, 1995.

GONZÁLEZ REY, F. La afectividad desde una perspectiva de la subjetividad. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 15, n. 2, pp. 127-134, 1999. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ptp/a/dxHzc5yXPYJqWLsYFRbmbkd/?lang=es>. Acesso em 19 maio de 2021.

GONZÁLEZ REY, F. El lugar de las emociones en la constitución social de lo psíquico: El aporte de Vigotski. **Educación & Sociedade**, ano XXI, n. 70, pp. 132-148, 2000. Disponível em <https://www.scielo.br/j/es/a/K74Tm7bWnR5gmNQNSffsQxp/?lang=es&format=pdf>. Acesso em 03 jul. de 2021.

GONZÁLEZ REY, F. El campo heurístico que define la especificidad posmoderna en psicoterapia. In: GONZÁLEZ REY, F. **Psicoterapia, subjetividad y postmodernidad: Una aproximación desde Vigotsky hacia una perspectiva histórico-cultural**. Buenos Aires: Noveduc, 2009a, pp. 188-198.

GONZÁLEZ REY, F. La significación de Vygotski para la consideración de lo afectivo en la educación: las bases para la cuestión de la subjetividad. **Revista Electrónica “Actualidades Investigativas en Educación”**, vol. 9, pp. 1-24, 2009b. Disponível em <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=44713052003>. Acesso em 16 mar. de 2022.

GONZÁLEZ REY, F. Las categorías de sentido, sentido personal y sentido subjetivo en una perspectiva histórico-cultural: un camino hacia una nueva definición de subjetividad. **Universitas psychologica**, v. 9, n. 1. Bogotá, Colombia, pp. 241-253,

2010a. Disponível em <http://www.scielo.org.co/pdf/rups/v9n1/v9n1a19.pdf>. Acesso em 01 fev. 2022.

GONZÁLEZ REY, F. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: os processos de construção da informação. São Paulo, SP: Cengage Learning, 2010b.

GONZÁLEZ REY, F. O social como produção subjetiva: superando a dicotomia indivíduo-sociedade numa perspectiva cultural-histórica. **Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, v. 2, pp. 167-185, 2012. Disponível em <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/1023>. Acesso em 01 fev. de 2022.

GONZÁLEZ REY, F. La subjetividad en una perspectiva histórico-cultural: avanzando un legado inconcluso. **CS**, v. 11, pp. 19-42, 2013. Disponível em <http://www.scielo.org.co/pdf/recs/n11/n11a02.pdf>. Acesso em 05 maio de 2021.

GONZÁLEZ REY, F. Human Motivation in Question: Discussing Emotions, Motives, and Subjectivity from a Cultural-Historical Standpoint. **Journal for the Theory of Social Behaviour**, v. 45, n. 4, pp. 419-439, 2014. Disponível em [https://www.fernandogonzalezrey.com/images/PDFs/producao\\_biblio/fernando/artigos/teoria\\_da\\_subjetividade/Gonzalez-Rey-Human-Motivation-in-Question.pdf](https://www.fernandogonzalezrey.com/images/PDFs/producao_biblio/fernando/artigos/teoria_da_subjetividade/Gonzalez-Rey-Human-Motivation-in-Question.pdf). Acesso em 04 out. de 2021.

GONZÁLEZ REY, F. **O social na psicologia e a psicologia social**: a emergência do sujeito [recurso eletrônico]. Trad. Vera Lúcia M. Joscelyne. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016a.

GONZÁLEZ REY, F. Advancing the topics of social reality, culture, and subjectivity from a cultural–historical standpoint: Moments, paths, and contradictions. **Journal of Theoretical and Philosophical Psychology**, Vol 36(3), pp.175-189, Aug 2016b.

GONZÁLEZ REY, F. The topic of subjectivity in psychology: contradictions, paths and new alternatives. **J. Theory Soc Behav**, pp. 1–20, 2017. Disponível em [http://www.fernandogonzalezrey.com/images/PDFs/producao\\_biblio/fernando/artigos/teoria\\_da\\_subjetividade/The\\_topic\\_of\\_subjectivity\\_in\\_psychology.pdf](http://www.fernandogonzalezrey.com/images/PDFs/producao_biblio/fernando/artigos/teoria_da_subjetividade/The_topic_of_subjectivity_in_psychology.pdf). Acesso em 28 jul. 2021.

GONZÁLEZ REY, F.; MITJANS MARTÍNEZ, M. El desarrollo de la subjetividad: una alternativa frente a las teorías del desarrollo psíquico. **Papeles de Trabajo sobre Cultura, Educación y Desarrollo Humano**, 13(2), pp. 3-20, 2017. Disponível em [http://fernandogonzalezrey.com/images/PDFs/producao\\_biblio/fernando/artigos/teoria\\_da\\_subjetividade/Desarrollo-de-la-Subjetividad.pdf](http://fernandogonzalezrey.com/images/PDFs/producao_biblio/fernando/artigos/teoria_da_subjetividade/Desarrollo-de-la-Subjetividad.pdf). Acesso em 06 jul. 2021.

GONZÁLEZ REY, F; MONCAYO QUEVEDO, J. E. Sexual diversity, school, and subjectivity: the irrationality of the dominant rationale. In: GONZÁLEZ REY, F.; MITJANS MARTÍNEZ, A.; GOULART, D. M. (Orgs.). **Subjectivity within cultural-historical approach: theory, methodology and research**. 1ª ed. Singapore: Springer, 2019, pp. 133-147.

GONZÁLEZ REY, F.; PATIÑO TORRES, J. F. Epistemologia Qualitativa e estudo da subjetividade em uma aproximação cultural-histórica: conversa com Fernando González Rey. In: PATIÑO TORRES, J. F. (Org.). **Estudos da subjetividade: uma aproximação interdisciplinar**. Palmas, TO: EDUFT, 2020.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARAWAY, D. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. Trad. Susana Dias, Mara Verônica e Ana Godoy. **ClimaCom – Vulnerabilidade** [Online], Campinas, ano 3, n. 5, 2016a. Disponível em <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/antropoceno-capitaloceno-plantationoceno-chthuluceno-fazendo-parentes/>. Acesso em 16 jun. de 2021.

HARAWAY, D. **Staying with the Trouble: Making kin in the Chthulucene**. Durham: Duke University Press, 2016b.

HILLMAN, J. **O código do ser: uma busca do caráter e da vocação pessoal**. Trad. Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro, RJ: Editora Objetiva, 1996.

HOLLIS, J. Dissipando fantasmas pelo “atravessamento”. In. HOLLIS, J. **Assombrações: Dissipando os fantasmas que dirigem nossas vidas**. São Paulo: Paulus, 2017.

hooks, b. Vivendo de amor. In: WERNECK, J.; MENDONÇA, M.; WHITE, E. C. (Orgs.). **O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe**. Trad. Maisa Mendonça; Marilena Agostini; Maria Cecília MacDowell. Rio de Janeiro: Pallas – Criola, 2000, pp. 188-198.

JUNG, C. G. **Estudos alquímicos**. Trad. Dora Mariana R. F. da Silva; Maria Luiza Appy. Obras Completas, vol. 13. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Trad. Dora Mariana R. F. da Silva; Maria Luiza Appy. Obras Completas, vol. 9/1. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

KATZ, J. N. **A invenção da homossexualidade**. Trad. Clara Fernandes. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

KLESSE, C. Notions of love in polyamory: elements in a discourse on multiple loving. **Laboratorium**, V. 3, n. 2, pp. 4-25, 2011. Disponível em <https://www.soclabo.org/index.php/laboratorium/article/view/250>. Acesso em 22 maio de 2021.

KNOBLAUCH, F. D. C. **A afetividade como princípio orientador das famílias: dialogando monogamia e poliamor**. Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea) – Universidade Católica do Salvador. Salvador, 2018.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Trad. Mara Sophia Zanotto. São Paulo: Educ, 2002.

LINS, R. N. **A cama na varanda: arejando nossas idéias a respeito de amor e sexo**. Novas tendências - Ed. rev. e ampliada. - Rio de Janeiro: BestSeller, 2007.

LINS, R. N. **Novas formas de amar**. – São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.

LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. Trad. Mário Vilela. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

LISPECTOR, C. Brincar de pensar. In. LISPECTOR, C. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, pp. 4-5.

MARONI, A. **Vestígios**: epifanias e individualizações. São Paulo: Intermeios, 2020.

MEIRELES, V. H. B. **Heteronormatividade e suas implicações nas subjetividades de jovens universitários cis-gays sob a perspectiva da teoria da subjetividade**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2020.

MONCAYO QUEVEDO, J. E. **Educación, diversidad sexual y subjetividad: una aproximación cultural-histórica a la educación sexual escolar en Cali - Colombia**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

NOGUERA, R. **Por que amamos**: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2020.

NÚÑEZ, G.; OLIVEIRA, J. M.; LAGO, M. C. S. Monogamia e (anti)colonialidades: uma artesanaria narrativa indígena. **Teoria e Cultura**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora, v. 16 n. 3. Juiz de Fora: Ed. UFJF, pp. 76-88, 2021. Disponível em <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/issue/view/1600>. Acesso em 22 dez. 2021.

PATINO TORRES, J. F. O diálogo a três vozes na obra de González Rey: ontologia, epistemologia e método. In: Mitjáns Martínez, A.; Tacca, M. C. V. R.; Valdés Puentes, R. (Orgs.). **Teoria da subjetividade como perspectiva crítica: desenvolvimento, implicações e desafios atuais**, Campinas: Editora Alínea, 2022, pp. 173-193.

PEIXOTO, L. C. **AS UNIÕES POLIAFETIVAS: Sua realidade como nova forma familiar e a importância da atividade extrajudicial para efetivação do instituto e da cidadania participativa**. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca – SP, 2019.

PEREZ, T. S.; PALMA, Y. A. Amar amores: o poliamor na contemporaneidade. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 30, e165759, 2018. Disponível em <https://www.scielo.br/j/psoc/a/KgtGNbWYTBz8V3ZnFmYDHFj/?lang=pt>. Acesso em 18 de abr. de 2021.

PILÃO, A. C.; GOLDENBERG, M. Poliamor e monogamia: construindo diferenças e hierarquias. **Revista Ártemis** [S. l.], v. 13, n. 1, pp. 62-73, 2012. Disponível em <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/14231>. Acesso em 18 abr. de 2021.

PILÃO, A. C. Entre a liberdade e a igualdade: princípios e impasses da ideologia poliamorista. **Cafajeste. Pagu**, Campinas, n. 44, pp. 391-422, junho de 2015. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332015000100391&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332015000100391&lng=en&nrm=iso). Acesso em 18 abr. de 2021.

PILÃO, A. C. “Ninguém deveria se preocupar se o parceiro transa com outra pessoa”: Uma análise da militância não-monogâmica de Regina Navarro Lins. **TEMPO DA CIÊNCIA**, Toledo, v. 24, n. 48, pp. 29-44, jul./dez. 2017. Disponível em <https://e->

revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/issue/view/946. Acesso em 03 jul. de 2021.

PILÃO, A. C. Quando o amor é o problema: feminismo e poliamor em debate. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 27, n. 3, e55097, 2019. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ref/a/rHXdGnbh8LdgJnTvWYNLYRB/?lang=pt>. Acesso em 18 abr. de 2021.

PILÃO, A. C. Normas em movimento: monogamia e poliamor no contexto jurídico brasileiro. **Teoria e Cultura: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora**, v. 16 n. 3. Juiz de Fora: Ed. UFJF, pp. 103-115, 2021a. Disponível em <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/issue/view/1600>. Acesso em 22 dez. 2021.

PILÃO, A. C. Conjugalities and sexualities in conflict: monogamy and polyamory among LGBT groups. **Vibrant** (Florianópolis), v. 18, e18503, 2021b. Disponível em <https://www.scielo.br/j/vb/a/9JDvwhjtrHPLPKKTdSVvSkp/?lang=en>. Acesso em 03 ago. de 2022.

PORTO, D. **O reconhecimento jurídico do poliamor como multiconjugalidade consensual e estrutura familiar**. Tese (Doutorado em Direito) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

PRECIADO, P. B. **Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual**. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

PRECIADO, P. B. **Um apartamento em Urano – crônicas da travessia**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

REIS, J. B. G. **A construção de um relacionamento na perspectiva do poliamor**. Dissertação (Mestrado em Psicologia: Psicologia Clínica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

ROTONDANO, R. O. Entre monogamia y poliamor: el futuro de la familia en Brasil. **Revista De La Facultad De Derecho**, n. 44, pp. 244-275, jun. 2018. Disponível em <https://revista.fder.edu.uy/index.php/rfd/article/view/606>. Acesso em 22 maio de 2021.

SAID, G. F.; LIMA, C. C.; ALVES, T. M. Não leia este texto! A escola de Palo Alto e os paradoxos comunicacionais. **Comunicologia**. Brasília, UCB, v.10, n.2, pp. 70-84, jul./dez. 2017. Disponível em <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RCEUCB/article/view/8793>. Acesso em 27 dez. de 2021.

SANTIAGO, R. S. **O mito da monogamia à luz do direito civil-constitucional: a necessidade de uma proteção normativa às relações de poliamor**. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

SILVA, G. C. **Do amor romântico ao poliamor: uma análise crítica a partir da teoria feminista**. Dissertação (Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

SILVA, R. F. Por um modo de vida alegre. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, São Paulo, v. 35, n. 70, pp. 147-157, 2017. Disponível em <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/606>. Acesso em 12 abr. de 2021.

SILVA, V. S. V.; NERES, G. M.; SILVA, R. Michel Foucault e o Poliamor: cuidado de si, parresía e estética da existência. **TEMPO DA CIÊNCIA**, Toledo, v. 24, n. 48, pp. 87-108, jul./dez. 2017. Disponível em <https://e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/issue/view/946>. Acesso em 03 jul. de 2021.

SILVA, V. S. V. A (in)visibilidade do poliamor: por que não podemos amar várias pessoas em público? **Teoria e Cultura: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora**, v. 16 n. 3. Juiz de Fora: Ed. UFJF, pp. 89-102, 2021. Disponível em <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/issue/view/1600>. Acesso em 22 dez. 2021.

SOUZA, E. C.; PATIÑO TORRES, J. F. A Teoria da Subjetividade e seus conceitos centrais. **Obutchénie: Revista de Didática e Psicologia Pedagógica**, v. 3, n. 1, pp. 34-57, jan./abr. 2019. Disponível em <https://seer.ufu.br/index.php/Obutchenie/article/view/50574>. Acesso em 19 maio de 2021.

STENGERS, I. Reativar o animismo. Trad. Jamille Pinheiro Dias. **Caderno de Leituras**, n. 62. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2017. Disponível em <http://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2017/05/caderno-62-reativar-ok.pdf>. Acesso em 28 nov. de 2021.

VASALLO, B. **Pensamiento monógamo. Terror poliamoroso**. Madrid: La Oveja Roja ed., 2018.

WILKINSON, E. What's queer about non-monogamy now? In: BARKER, M.; LANGDRIDGE, D. (Eds.). **Understanding non-monogamies**. London, UK: Routledge, 2010, pp. 243-254.

**APÊNDICE A – Contrato contrassexual para uma relação poliamorosa de trisal (Proposta)<sup>13</sup>**

---

¶ Eu, \_\_\_\_\_, voluntária e corporalmente, me reconheço e reconheço os outros corpos como sujeitos falantes e aceito, de forma consentida, não manter relacionamentos afetivo-sexuais naturalizantes e estabelecer relações afetivo-sexuais orientadas por contratos contrassexuais temporários e consensuais. ¶ Comprometo-me a investir em ações que problematizem privilégios (social, econômico, patrimonial) e obrigações (social, econômica e reprodutiva) derivados de minha condição afetivo-sexual no âmbito do sistema hetero-cis-monocentrado naturalizado. ¶ Renuncio aos privilégios e as obrigações que poderiam derivar das posições não equivalentes de poder. ¶ Comprometo-me em exercitar formas de comunicação que cultivem o valor das perguntas em vez das suposições, sendo que estas perguntas estarão engajadas com a abertura para o diálogo e não com o controle (do desejo) do outro. ¶ Comprometo-me a fazer da expressão e do ato de dar satisfação, não um mecanismo de cobrança e dever, mas sim uma prática da satisfação na convivência diária e na partilha de afetos, vulnerabilidades e desejos. ¶

O presente contrato é válido por \_\_\_\_ meses (renovável).

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura

---

<sup>13</sup> Adaptado do “Contrato contrassexual (modelo)”, formulado por Preciado (2014, pp. 43-44).

## APÊNDICE B – Perfis de trisais localizados no *Instagram*

Nomes dos Perfis		
1. trisalnrc	2. trisalnovaformadeamar	3. trisal_so_love
4. trisuau	5. historiasdeumtrisal	6. vidad3trisal
7. amordetrisal	8. trisal__j.j.j	9. vidaemtrisal
10. trisal_amoraocubo	11. trisalbh	12. trisal_floripa
13. nossatriiade	14. __trisal	15. trisal_jvj
16. trisal_yja	17. rotinadeumtrisal	18. trisal_rn
19. s.i.m_trisal	20. trisal_mundo_lgbt	21. trisaldacei
22. mundinho_amordetrisal	23. trisal_dminas	24. casadetrisal
25. melhor_trisal	26. trisalmgm	27. trisal_b.a.s
28. trisal_lesbico	29. omundotrisal	30. trisalpolly
31. 3trisal	32. trisaljeri	33. trisal_em_v
34. trisal_b.d.o_oficial	35. trisalrs	36. trisal1006
37. trisal.fc	38. tresamoresac	39. _trisal_do_amor_
40. trisalpride	41. trisal_phd	42. trisalgeeks
43. trisal_dokrlh	44. trisal_pld_	45. _trisal_
46. tricasall3	47. trisalsp	48. trisal
49. trisal_sp	50. trisalbelem	51. trisal_fergillary
52. trisalnapraia	53. trisaltres	54. trisal_hhh
55. casaltrisal2021	56. trisalnaestrada	57. trisal_boys
58. tris.al123	59. trisalsaopaulo	60. trisal_recife
61. trisaltrimundinho	62. curtimostrisalpoliamor	63. ex_trisal
64. vidadetrisal_	65. love_in_three	66. lorenatresvidas
67. 3eponto	68. trisal_eu_tu_ela_s2	69. krjtrisal
70. namoro.de.trisal	71. casal_quer_trisal_salv	72. trisal_apofc
73. vivendoatres_		

## APÊNDICE C – Proposta de provocadores conversacionais

- Filme “Somos tr3s” (2018): o enredo da produção cinematográfica argentina, dirigida por Marcelo Briem Stamm, conta a história de Ana, Nacho e Sebastián. O filme encena o momento em que as três pessoas se conhecem e o desenrolar do relacionamento poliamoroso na configuração de trisal entre eles. Os desdobramentos dos trechos selecionados sinalizam, no primeiro momento, a problematização que as personagens fazem desta maneira de se relacionar em uma sociedade marcada pela figura hegemônica do casal. O segundo recorte representa a decisão das personagens de se experimentarem nessa vivência e a última cena selecionada exhibe pontos iniciais de negociações entre o trisal.
- Série “Eu, tu e ela” (2016): uma série televisiva norte-americana e canadense, criada pelo roteirista John Scott Shepherd, que finalizou em 2019 sua quinta e última temporada. A narrativa circula pela história de Izzy Silva, Emma Trakarsky e Jack Trakarsky, que começaram a vivenciar uma relação poliamorosa com um envolvimento afetivo-sexual entre os três. Diferente da trama de “Somos tr3s”, em “Eu, tu e ela”, Emma e Jack formam um casal convencional antes de Izzy os conhecer. Os trechos que selecionamos, de episódios de temporadas distintas, para compor as dinâmicas conversacionais apontam para as conversas das personagens nas quais estabelecem a proposição de um contrato relacional; a participação do trisal em um poliencontro; e o “desfecho” do relacionamento entre as três pessoas.

A partir das breves sínteses dos recursos audiovisuais a serem utilizados, segue abaixo o direcionamento para cada encontro e a proposição de provocações conversacionais. No entanto, frisamos uma vez mais a abertura que caracteriza o trabalho de campo que tem por orientação metodológica a Epistemologia Qualitativa.

- 1º encontro: Contato inicial com os participantes a fim de propiciar um cenário de acolhimento que possibilite a criação do vínculo, entre a pesquisadora e o trisal, a ser construído ao longo de toda a conversação. Solicitação ao trisal para preencherem o TCLE e escolherem quatro fotos de seu perfil no *Instagram* para a intenção da pesquisadora de criar a narrativa ao reverso da história do trisal.  
Provocações: Vocês podem contar um pouco a história de vocês enquanto trisal? Como foi para vocês, para cada um de vocês inclusive, iniciar um envolvimento,

uma relação poliamorosa? Como foi a comunicação entre vocês no início do relacionamento? Como se senti(r)am?

- 2º encontro: Criar um movimento de aproximação e aprofundamento acerca da dinâmica e desenvolvimento (subjetivo) do relacionamento entre as pessoas que compõe o trisal.

Provocações: Como a vivência do poliamor vem sendo experienciada por vocês, novamente por cada um de vocês inclusive, ao longo da relação? Gostaria de conversar sobre se vocês experimenta(ra)m diferenças na maneira de se relacionar e se comunicar estando em um trisal.

- Filme “Somos tr3s” [34min20s a 39min28s]<sup>14</sup>
- Série “Eu, tu e ela” [T01E03 – 3min47s a 7min15s]

- 3º encontro: Fomentar questões que possibilitem a circulação com os participantes sobre os espaços e relações sociais que vivenciam e a integração ou repercussão da configuração de seu relacionamento poliamoroso nesses espaços e relações.

Provocações: Como a relação de trisal de vocês repercutiu/repercute em outras áreas da vida de cada um? Como é para vocês viver um relacionamento poliamoroso na sociedade atual?

- Filme “Somos tr3s” [48min06s a 51min42s]
- Série “Eu, tu e ela” [T4E5 – 6min29s a 8min39s]

- 4º encontro: Solicitação ao trisal para escolherem quatro fotos de seu perfil no *Instagram* para a intenção da pesquisadora de criar a narrativa ao reverso da história do trisal. Conversação com os participantes sobre como foi compor a pesquisa.

Provocação: Que sentido o poliamor, a configuração de relação em trisal tem atualmente para cada um de vocês?

- Filme “Somos tr3s” [1h02min28s a 1h04min08s]
- Série “Eu, tu e ela” [T5E10 – 27min15s a 29min01s]

---

<sup>14</sup> Os recortes das produções audiovisuais, que servem de recurso metodológico para a conversação, podem ser assistidos, se desejado, através do seguinte link criado e compartilhado para acesso: [https://drive.google.com/drive/folders/1D\\_794N-5IC2AWLm6v9Xuyvm1zvcH78rc?usp=sharing](https://drive.google.com/drive/folders/1D_794N-5IC2AWLm6v9Xuyvm1zvcH78rc?usp=sharing)

## APÊNDICE D - Narrativa ao reverso

*Um trisal... que faz lembrar casal.*

$$\heartsuit^3 = \heartsuit \equiv \heartsuit^2 = \heartsuit (?)$$

**E** FORAM FELIZES PARA SEMPRE... uma princesa, mais uma princesa e um príncipe que passaram a viver em família diferente, mas normal, numa urbanizada cidade chamada Poesia.

Foi aí que nasci, no ano de 2022, aliás, prazer me chamam de PR.

Sabe, esse movimento de começar a contar uma história de trás para frente ainda me é estranho, faz lembrar a leitura que acontece às avessas na cultura japonesa e também aquele filme do início do século com um ator famoso, o personagem interpretado por ele que nascia velho... qual é mesmo? Ahhh, esse! “O curioso caso de Benjamin Button”. Isso não tem a ver diretamente com a nossa história, a não ser pelo cunho estético que às vezes me faz digredir. Será que disso se trata, será aí, com a digressão, que produzimos sentidos para nossas vivências?

Bem, como estava dizendo, nasci quando Elizabete, Olívia e William resolveram dar a próximo passo no seu relacionamento. Isso mesmo, eu tive três pais já naquela época, ou melhor, duas mães e um pai. Sim... às vezes ainda os chamo assim, marcas de um tempo passado.

Eu nasci por FIV, não era tão comum ainda, como é hoje em dia. Eles me contaram uma vez que foi um outra processo, além de ser um procedimento caro na época, eles também tiveram que desconstruir uma visão romantizada de reprodução natural e padrão. A Olívia tomou uma bomba de hormônio pra conseguir fecundar os espermatozoides do William no óvulo dela e essa bomba hormonal que ela teve que tomar pra poder gestar mexia muito com a parte de humor. Lembro deles contando que foi um período muito complicado.

Esse foi um outra processo porque antes disso os três precisaram desconstruir muita coisa para dar esse próximo passo... Então, quando respirei pela primeira vez por mim mesmo nesse mundo, eles já moravam juntos há quase dois anos e meio na cidade Poesia. Quando eles contavam sobre isso me dava uma sensação de ter sido uma daquelas passagens de tempo muito peculiar que acontece na vida sabe, daquelas que formam

composição, mesmo registrada cronologicamente, com os sentidos que produzimos em nossas vivências experimentadas mais kairoticamente.

*Por acaso você também se lembra de ter estudado sobre a grande primeira pandemia do primeiro quarto de nosso século? Passa um pouco por aí essa história, é que quase a totalidade do tempo de convivência entre eles, antes do meu nascimento, foi nesse cenário. Elizabete me contava que eles estavam há três meses morando juntos, quando entrou a pandemia e eles ficaram confinados na casa, que foi um período muuuuito difícil. Ela era engraçada, mesmo com todo o contexto político e pessoal daquele momento, ela contava essas histórias em tom de brincadeira, dizia assim: a pandemia foi muito boa comigo PR., porque não passou logo, então a gente teve que se adaptar nessa vida... e esboçava um sorriso.*

*Os três juntos, mais minhas irmãs, meu irmão e eu formamos mesmo uma família bem bonita e bacana. Na época, um relacionamento amoroso e sexual de trisal era meio que tabu, depois foi se normalizando, até chegarmos aos dias de hoje em que somos bem normais, na verdade o “novo” normal. Eu ainda tenho umas fotos e um vídeo de quando, eu ainda criança, nos convidaram para fazer um comercial de margarina. Hoje dá para achar graça ao lembrar isso, porque antes era muito difícil para eles não ser padrão, principalmente para Olívia. Até se darem conta que representávamos a “nova” família Doriana... ah, era essa a marca da margarina.*

*Eles eram muito apaixonados, não conseguiam se largar, no começo quando tentavam largar passavam mal, sofriam, sentiam saudade. O máximo que conseguiram ficar longe foram três dias. Essas são boas recordações da contação de histórias deles, como diziam eu cresci num lar com respeito, amor, afeto, proteção e diálogo. Para Olívia isso foi maravilhoso, diferente de um relacionamento com uma pessoa só, que era harúvel. Para Elizabete e William foi um acontecimento que fez muita coisa surgir da cartola, que nunca tinham conversado na vida.*

*O William falava uma coisa que eu nunca esqueci: vai ensinando o seu cérebro o que é bom e o que é ruim pra você, PR. Ele declarava com seu jeito otimista: eu, William, eu sempre trabalhei mais com o copo meio cheio do que meio vazio. Mas ele também admitia: não foi fácil.*

*Já Olívia era uma pessoa muito oito ou oitenta, como ela costumava dizer. Quando os três começaram a se envolver, Elizabete e William eram casados há um bom tempo, bem mais que dez anos. E Olívia havia vivenciado um relacionamento anterior em que ficou oito anos com a pessoa, foi casada no papel, não chegou a casar na igreja que era um dos seus sonhos e ter filho também não chegou, ela falava que era um relacionamento super difícil.*

*Foi Elizabete que me contou de quando eles ficaram juntos pela primeira vez, ela parecia meio sem graça contando que depois de Olívia tê-la beijado no banheiro de uma festa em que os três foram juntos, e dizerem para William em seguida sobre o acontecido, eles foram embora e convidaram Olívia pra dormir em casa. Lembro da Elizabete sorrindo e pigarreando ao continuar a história: naquela noite a gente... propôs pra ela estar junta conosco e a gente ficou junto aquela noite, ficamos juntos no sábado de novo, ficamos juntos no domingo de novo, ela foi embora pra casa dela no domingo a tarde.*

*Então, sei lá, isso de relacionamento ser maravilhoso ou difícil não tem necessariamente a ver com a quantidade de pessoas envolvidas, mas com a disposição delas e entre elas para se comunicar, se vulnerabilizar e sustentar a coragem e desafio de viver seus desejos e necessidades com responsabilidade e cuidado consigo e com os outros no ato de suas ações.*

*Eu vejo que só podia ter nascido daí, quero dizer, para mim foi fazendo sentido ter nascido nesse contexto, nessa família, desse relacionamento, eles me diziam assim: você veio pra unir a gente, a gente tá muito unido. Acho que essa forma deles terem organizado subjetivamente a relação foi uma das caras do início das mudanças da era de peixes para a era de aquário, o que você acha?*

*Aaah, só que antes disso tudo, eles moravam em uma pequena cidade e lá **ERA**  
UMA VEZ um casal e uma pessoa solteira...*

*Escrita com afeto.*

*P.R.*

*Em algum lugar do mundo, primavera de 2087.*

## APÊNDICE E – Sumário original

### SUMARIANDO

#### Filamento I {Circulando o labirinto}

	<u>1 INTRODUZINDO ....5</u>
	<u>2 AVANÇANDO COM A PROBLEMATIZAÇÃO ....15</u>
	<u>3 UM ESTADO DA ARTE (DO POLIAMOR)....22</u>
<u>4 POLIAMOR: AFINAL O QUE A COMUNICAÇÃO TEM A VER COM ISSO? ...36</u>	
	<u>5 TRANÇADOS METODOLÓGICOS: A PESQUISA COM BASE NA EPISTEMOLOGIA QUALITATIVA ....50</u>

#### Filamento II {Fios (a)bordados}

<u>6 IMPORTÂNCIAS, ESTRATÉGIAS E RESSALVAS PARA A CONSTRUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DA INFORMAÇÃO ....61</u>	
<u>7 OS NÓS DA TECITURA: CONSTRUÇÃO DO CENÁRIO SOCIAL DA PESQUISA ....67</u>	
<u>8 AS SUBJETIVIDADES SOCIAIS ATUANTES NA CONSTRUÇÃO DA RELAÇÃO POLIAMOROSA DO TRISAL ....72</u>	
<u>9 CONFIGURAÇÕES SUBJETIVAS ENTRAMADAS NA VIVÊNCIA DO TRISAL....75</u>	

#### Filamento III {O outro lado do mesmo...}

<u>10 CONSIDERANDO FINAIS: QUANDO A LARANJA PASSA A SER DIVIDIDA EM TRÊS ....105</u>	
	<u>REFERÊNCIAS ....110</u>
<u>APÊNDICE A – Contrato contrassexual para uma relação poliamorosa de trisal (Proposta) ....118</u>	
	<u>APÊNDICE B – Perfis de trisais localizados no Instagram....119</u>
	<u>APÊNDICE C – Proposta de provocadores conversacionais ....120</u>
<u>APÊNDICE D – Narrativa ao reverso: Um trisal... que faz lembrar casal ....122</u>	
	<u>ANEXO A – Parecer consubstanciado do CEP ....126</u>
	<u>ANEXO B – TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) ....127</u>

## ANEXO A – Parecer consubstanciado do CEP

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO TOCANTINS



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** NOVAS CONFIGURAÇÕES DE RELACIONAMENTO AFETIVO-SEXUAL: A CRIAÇÃO SUBJETIVA DE UMA RELAÇÃO A TRÊS

**Pesquisador:** CAMILA RIBEIRO CASTRO SOARES

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 51560121.5.0000.5519

**Instituição Proponente:** Fundação Universidade Federal do Tocantins

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Recurso do Parecer	recurso.pdf	31/12/2021 11:16:24		Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	Projeto_de_pesquisa_Plataforma_Brasil_versao2.pdf	31/12/2021 11:01:05	CAMILA RIBEIRO CASTRO SOARES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_consentimento_versao2.pdf	31/12/2021 11:00:31	CAMILA RIBEIRO CASTRO SOARES	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_de_compromisso.pdf	31/12/2021 10:53:02	CAMILA RIBEIRO CASTRO SOARES	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1810483.pdf	31/08/2021 08:35:15		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_pesquisa_Plataforma_Brasil.pdf	30/08/2021 13:56:35	CAMILA RIBEIRO CASTRO SOARES	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_assinada.pdf	27/08/2021 09:22:13	CAMILA RIBEIRO CASTRO SOARES	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

PALMAS, 13 de Abril de 2022

Assinado por:  
**PEDRO YSMAEL CORNEJO MUJICA**  
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida NS 15, 109 Norte Prédio do Almoarifado  
Bairro: Plano Diretor Norte CEP: 77.001-090  
UF: TO Município: PALMAS  
Telefone: (63)3232-8023 E-mail: cep\_uf@uft.edu.br

## ANEXO B – TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido)

Nós, mestrandas Camila Ribeiro Castro Soares e professor doutor José Fernando Patiño Torres, da Universidade Federal do Tocantins, estamos convidando você a participar do estudo intitulado “*Novas*” *configurações de relacionamento afetivo-sexual: a criação subjetiva de uma relação a três*.

O objetivo principal da pesquisa é compreender as subjetividades geradas numa relação afetivo-sexual entre três pessoas que assumem um estilo de vida poliamoroso. Para isso propomos quatro encontros **virtuais** entre os participantes e a pesquisadora coordenadora.

Caso você aceite participar da pesquisa, será necessário comparecer aos espaços conversacionais que serão virtuais em consideração ao caráter preventivo e de proteção em decorrência da pandemia da Covid19. A proposta é que os encontros virtuais aconteçam em grupo, isto é, as três pessoas que vivenciam a mesma relação poliamorosa em forma de trisal estarão presentes junto com a pesquisadora. Para tanto você precisará comparecer virtualmente na sala onde ocorrerá os encontros.

Em cada encontro preparamos a projeção de trechos de filme e série e algumas questões como sugestão para possibilitar cada um de vocês falarem de suas vivências e expressarem as emoções experimentadas em situações nas quais tenha se dado a exposição de seus afetos e de sua configuração de relacionamento na esfera privada e também na pública. Nesse sentido, vocês serão instigados a dialogar, a partir de seus posicionamentos, com as temáticas surgidas em conjunto com a pesquisadora ao longo dos encontros e terão a liberdade de trazerem novas propostas para compor as dinâmicas conversacionais.

Alguns **riscos** relacionados ao estudo podem ser emocionais e psicológicos. É possível que você experimente algum constrangimento relacionado a memórias de vivências que podem trazer sentimentos de desconforto. Caso isso aconteça, você poderá receber acolhimento psicológico virtual com a pesquisadora coordenadora da pesquisa que é psicóloga e mantém seu CRP 06/134599 ativo.

Como **benefício** direto aos participantes do estudo a pesquisa possibilitará um espaço de expressão e elaboração subjetiva a respeito do relacionamento poliamoroso que vivenciam e a pesquisadora tem a intenção de produzir uma narrativa do trisal contada de trás para frente. Os benefícios mais amplos esperados com a investigação se

referem também ao aprofundamento do conhecimento científico e psicossociocultural acerca do poliamor.

Os pesquisadores, Camila Ribeiro Castro Soares e José Fernando Patiño Torres, responsáveis por este estudo poderão ser localizados pelos e-mails [camilaribeiro\\_castro@yahoo.com.br](mailto:camilaribeiro_castro@yahoo.com.br) e [jfpatinotorres@gmail.com](mailto:jfpatinotorres@gmail.com) para esclarecer eventuais dúvidas que você possa ter.

A sua participação neste estudo é voluntária e se você não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento, ficando livre de ônus.

O material obtido, como gravação de imagem e som, produções escritas ou outras formas de expressão (desenho, por exemplo) e o grupo de *Whatsapp* que poderá ser criado, será utilizado unicamente para essa pesquisa e será descartado, dentro de 5 anos, com o término do estudo.

A pesquisadora está comprometida com o cuidado no sigilo e preservação na obtenção e armazenamento das informações fornecidas pelos participantes, no entanto é importante ter em consideração a impossibilidade de garantia plena da proteção das informações no que se refere às suscetibilidades virtuais imprevisíveis e incontroláveis. Qualquer informação divulgada em relatório ou publicação científica será feita de forma que **a sua identidade seja preservada.**

Os recursos necessários para a participação na pesquisa, como equipamento eletrônico, internet e material expressivo (folha, lápis, caneta, por exemplo), são de sua responsabilidade e **você não receberá qualquer valor em dinheiro pela sua participação.**

Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como participante de pesquisa, você pode contatar também o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP/UFT) da Universidade Federal do Tocantins, pelo e-mail [cep\\_uft@uft.edu.br](mailto:cep_uft@uft.edu.br) ou telefone (63) 3229-4023. O Comitê de Ética em Pesquisa é um órgão colegiado multi e transdisciplinar, independente, existente nas instituições que realizam pesquisa envolvendo seres humanos no Brasil e foi criado com o objetivo de proteger os participantes de pesquisa, em sua integridade e dignidade, e assegurar que as pesquisas sejam desenvolvidas dentro de padrões éticos (Resolução nº 466/12 e nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde).

**Orientamos ao participante manter consigo uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.**

Autorizo ( ), não autorizo ( ), o uso da gravação de minha imagem e som para fins da pesquisa, sendo seu uso restrito para descrever as falas e expressões realizadas nos encontros.

Autorizo ( ), não autorizo ( ), a criação e inserção do número de telefone em grupo de *Whatsapp*, que será composto exclusivamente pela pesquisadora e os participantes da pesquisa, como forma de comunicação direta entre a pesquisadora e os participantes, com a finalidade restrita aos interesses da pesquisa.

Eu, \_\_\_\_\_, li esse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei voluntariamente em participar.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

[Assinatura Participante de Pesquisa]

---

Camila Ribeiro Castro Soares – Pesquisadora Coordenadora